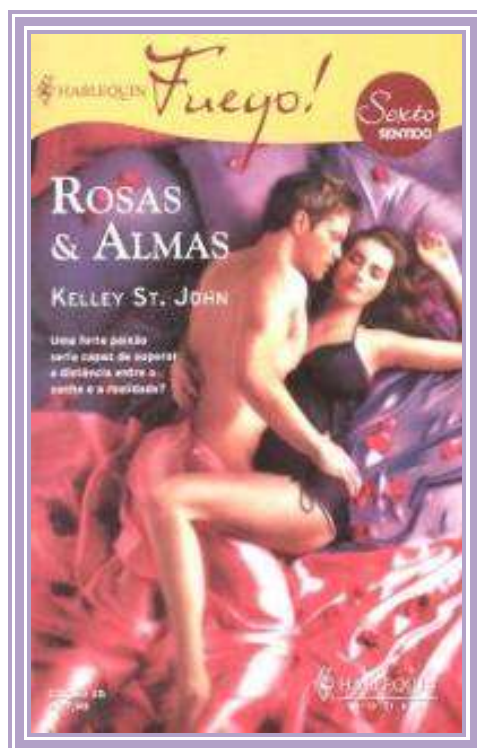


ROSAS & ALMAS

GHOSTS AND ROSES

Kelley St. John

Minissérie Sexto Sentido 02



Em seus sonhos, ele a amou... mas jamais a conheceu na vida real.

Agora, ele precisa encontrá-la antes de um assassino que a persegue.

Quando um espírito implora que Gage Vicknair salve uma estranha chamada Makayla, ele nem sequer imagina que ela seja a mesma mulher sensual que o encanta tão vividamente em suas fantasias noturnas. No entanto, Makayla é bastante real... e sua vida, um pesadelo.

Um assassino está determinado a matá-la. E somente Gage será capaz de proteger Makayla. Afinal, para poderem viver as noites de amor com que sempre sonharam, ambos devem continuar vivos...

Digitalização: Simone R.

Revisão: Nete





Querida leitora,

Em *Rosas & Almas*, segundo livro da série *Sexto Sentido*, Gage Vicknair, um playboy de 27 anos, se envolve em uma corrida contra o tempo. Ele precisa: 1 — impedir um assassino de fazer uma segunda vítima; 2 — ajudar a primeira vítima a fazer a passagem para o outro lado; e 3 — aprender quão poderoso o sexo pode ser quando tem um significado maior. Ainda bem que Gage está mais que à altura do desafio...

Para saber das últimas novidades e deixar um recado, visite meu site, www.kelleystjohn.com. Eu adoro as mensagens das leitoras!

Divirta-se!

Kelley St. John

Este livro faz parte de um projeto sem fins lucrativos, de fãs para fãs. Sua distribuição é livre e sua comercialização estritamente proibida. Cultura: um bem universal.

Sobre a autora:

A experiência prévia de Kelley St. John como escritora técnica na NASA alimentou seu interesse em escrever suspenses cheios de ação, ainda que ela tenha um fraco por romances ardentes e histórias de mulheres complicadas. Desde 2000, Kelley recebeu mais de 50 prêmios por seus livros e foi eleita para a diretoria da Associação dos Escritores de Romance dos EUA. Visite o site: www.kelleystjohn.com.

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./ S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: *GHOSTS AND ROSES*

Copyright © 2007 by Kelley St. John

Originalmente publicado em 2007 por Harlequin Blaze

Projeto gráfico de capa: núcleo i designers associados

Arte-final de capa: Isabelle Paiva

Editoração Eletrônica:

ABRELPS SYSTEM

Tel.: (55 XX 21) 2220-3654/2524-8037

Impressão:

RR DONNELLEY

Tel.: (55 XX 11) 2148-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISK BANCAS: (55 XX 11) 2195-3186 / 2195-3185 / 2195-3182

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, 4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para:

Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

PRÓLOGO

Nas últimas quatro semanas, Lillian Bedeau tivera a certeza que alguém a estava seguindo. Ela sentia isso com tanta clareza, aquela sensação de alfinetadas bem no meio da espinha, os pelos eriçados na nuca, a pele do braço arrepiada. Alguém estava ali. Quando ela ia fazer compras na mercearia, quando ia ao correio, quando se vestia para dormir. Alguém a estava observando.

Graças a um competente terapeuta, seus pesadelos haviam parado cinco anos atrás. Visões de olhos cinza como aço não a acordavam mais à noite, não a faziam despertar de repente suando frio. Não a faziam gritar mais. Mas, no mês passado, os sonhos voltaram, aqueles olhos estavam mais intensos, os gritos mais fortes. Ela sabia que ele estava de volta; apesar de não tê-lo visto, ela soube. Ele estava de volta e a encontrara para fazê-la pagar por tê-lo mandado embora... com um cruel golpe de faca em seu peito. Agora cada respiração lhe doía nos pulmões e ela podia sentir o sangue vital abandonando seu corpo a cada passo doloroso, mas ela não podia parar de respirar, ainda não. Se desistisse agora não teria como avisar aos outros que ele havia voltado.

Ela fizera de tudo para avisá-las, suas quatro "irmãs" de muito tempo atrás. Apenas Chantelle era sua irmã de sangue, mas mesmo assim as quatro — Lillian, Chantelle, Makayla e Shelby — eram fortemente ligadas, como irmãs. Criadas em uma instituição social, elas foram as únicas crianças de quem ele abusava, ou que ficaram sabendo durante seu julgamento. Ele jamais tocara nos garotos.

Por cinco longos anos as garotas conviveram com o enorme medo de contar a quem quer que fosse o que ele fazia com elas à noite, tamanho pavor que tinham da vingança que ele prometera. Mas, em meio ao pesadelo que era o seu dia-a-dia, elas tiravam forças umas das outras e das rosas.

O Orfanato Sete Irmãs tinha esse nome por causa das rosas sete-irmãs que floresciam no jardim. Havia sido idéia de Makayla se inspirar nas rosas para ganhar forças. Os botões eram muito pequeninos individualmente, mas cresciam em cachos, por isso eram fortes a ponto de agüentar a ira dos piores temporais da Louisiana. Este era o objetivo das garotas: serem fortes para agüentar a ira daquele homem e fazê-lo pagar pelo que fizera.

Como símbolo de sua ligação, cada uma delas tatuou uma rosa no tornozelo direito. Elas queriam um símbolo permanente de sua força. Também desta vez foi Makayla quem sugeriu as tatuagens, e foi Makayla quem superou o medo e pediu ajuda à professora delas, dona Rosa — chamou a polícia naquela noite mesmo, e então, com dona Rosa ao lado, elas passaram pelo horrendo julgamento que finalmente mandou

aquele homem para o seu lugar: detrás das grades.

Lillian mordeu o lábio para continuar se movendo, apesar da dor que lhe bombardeava todos os membros como se fossem cacos de vidro tentando lhe cortar as veias. Ele com certeza não estava detrás das grades agora, e ela não fazia idéia de como ele se libertara. O governo não devia lhes informar, não devia lhes avisar quando ele fosse solto? Ou caso escapasse?

Ela sabia que a morte agora estava próxima; lembranças do passado, de tudo que ela vivera com suas quatro irmãs especiais — então garotas, agora mulheres. A quem mais ele procuraria? E se ela não agüentasse o bastante para avisá-las? E se ele a tivesse seguido o dia inteiro, e então, sem querer, ela o tivesse levado diretamente para Makayla, e Makayla não faria a menor idéia de estar correndo perigo... Por alguma razão ela havia se esquecido de tudo, bloqueado o assunto.

Pobre Makayla. Naquela época, foi ela quem mais sofreu. Sendo a mais velha e a mais forte das garotas, foi de quem ele mais abusou, era o espírito dela que ele mais sentia prazer em tentar destruir. Lillian tentara avisar Makayla que achava que ele estava de volta, mas fazia duas semanas que ela não lhe retornava as ligações. Quando Lillian ligou para a pequena loja de departamentos onde Makayla trabalhava e ficou sabendo que ela havia pedido demissão de repente duas semanas atrás, percebeu que havia algo de errado.

Makayla não teria pedido demissão por impulso; ela não era desse tipo de pessoa. E ela não tinha família nenhuma a não ser Lillian, Shelby e Chantelle, e não telefonara para nenhuma delas para avisar que estava saindo da cidade.

Lillian resolvera seguir sua intuição e ligar para os hospitais de Nova Orleans para ver se sua amiga tinha dado entrada e uma enfermeira prestativa lhe sugerira procurar por abrigos de sem-teto. Depois de alguns telefonemas, Lillian ficou sabendo que uma mulher se dizendo sem memória chegara ao abrigo da Rua Magazine duas semanas antes. Ela só se lembrava de um nome: Kayla. Lillian soube que esta mulher era Makayla.

Lillian devia ter se dado conta de que ele podia estar seguindo-a quando ela visitou o abrigo antes, sem saber que fechava durante o dia. Ela devia ter dito àquela moça simpática que trabalhava lá, Jenee, que suspeitava que Kayla fosse Makayla Sparks e que ela fora brutalmente molestada desde os 9 anos de idade até os 14. Devia ter contado do terrível julgamento que suportaram quando Makayla tinha 16 anos, e Lillian, 15. Se tivesse contado essas coisas a Jenee, quem sabe ela pudesse ter ajudado.

E talvez Lillian não estivesse onde estava agora, lutando pela vida sem ter avisado à amiga que, de alguma maneira, ele havia voltado. Exatamente como ele

dissera que ia fazer.

A faca que atravessara o peito de Lillian fora como um ataque duplo. Primeiro, o choque; depois, a derrota. Mas depois ela decidira que ele não podia vencer. Tinha de avisar Makayla.

Sua respiração ficou ainda mais difícil, ela vinha em arfadas rápidas e incisivas, e sua visão ficou borrada quando ela tropeçou na alameda mal-iluminada e torceu para que desse na Rua Magazine. Lillian foi tateando por tijolos duros e pedaços de argamassa que saíam das paredes como pequenos dentes retorcidos. Se ela não se segurasse bem iria acabar caindo de novo, e desta vez talvez não se levantasse mais.

Ele provavelmente achara que ela havia morrido de uma vez quando lhe cravou o punhal e ela caiu no chão. Quanto tempo ficara inconsciente? Ela ouvira bastante barulho vindo de uma rua próxima, mas isso não queria dizer nada. O quarteirão era sempre barulhento, tanto no meio do dia quanto no meio da noite. Ela deu uma olhada ao redor. Concentração. Com certeza não era o meio do dia. Então era o meio da noite. Será que conseguiria chegar ao abrigo a tempo? E se conseguisse, será que acordaria algum dia?

Ela achava que não.

Será que Makayla estava agora no abrigo?

Ou será que ele já a matara?

Os sentidos de Lillian foram dominados por uma vertigem e por uma náusea horrível que tentava desesperadamente controlar seu corpo trêmulo. A saliva abundou em sua boca e se misturou ao gosto metálico e amargo de sangue. Será que conseguiria voltar antes que ela morresse? Será que um dia ela deixaria de ver aqueles olhos duros e frios como aço?

Ela começara a tremer no minuto em que viu aqueles olhos que não eram mais parte de um pesadelo e sim da realidade. Lillian percebera que ele estava olhando para ela de uma das ruas do Mercado Francês. Ele usava um suéter preto com capuz, apesar do calor de setembro pedir mangas curtas. Ela não queria entrar em pânico, não queria presumir que aquela figura era ele. O corpo era diferente. Ele parecera mais jovem do que ela lembrava. Maior. Mas aqueles olhos avisaram que podia ser ele. O fato de ele ter parado no exato momento em que ela reparou foi o segundo sinal. E depois, quando ela tomou a decisão consciente de sair correndo e se esconder em meio à barafunda de ruas pelas quais poderia voltar para o abrigo, ela ouvira seus passos vindo por trás, e as cometas soaram com força total.

O aviso veio tarde demais, e lá estava ele, ferindo-a e deixando-a morrer. Mas ela não estava morta ainda, e não ia desistir sem luta. Ela pressionou a mão com força sobre a camisa, que estava pegajosa e quente. Lillian não ia baixar os olhos para ver o

resultado do ataque. Se fizesse isso, podia acabar cedendo à náusea que a fazia tremer a cada passo vacilante que dava.

Não havia viva alma na rua a não ser um morador de rua que estava recostado em uma lata de lixo com uma garrafa aninhada junto ao peito. O mau cheiro dele quase a fez vomitar para valer, mas ela conseguiu se controlar. Tinha de ser forte, tinha de lutar um pouco mais. Precisava chegar ao abrigo e avisar Makayla para procurar ajuda. O homem que estava na rua grunhiu à passagem dela. Então ele abriu um olho e levantou a sobrancelha crespa ao vê-la com a mão sobre a camisa grudenta de sangue. Lillian gemeu pelo esforço de alcançar o fim da rua. Agora reconhecia o lugar e sabia que o abrigo estava perto. Logo em frente. Fim da rua, depois era só atravessar até a outra.

Ela ia conseguir. Podia e ia conseguir.

A escuridão ocultou a cidade. Que horas seriam? E se o abrigo estivesse fechado? E se Jenee tivesse ido embora? Ela sentia que aquela mulher podia ajudá-la, podia ajudar Makayla também. Lillian não sabia como, mas podia. Ela apertou os olhos de dor e deu os passos que faltavam para sair da ruazinha na penumbra para a outra, bem iluminada.

Arfadas de horror a cercaram à medida que ela prosseguia sem ter o edifício para se apoiar. Ela queria falar, avisar Makayla, mas tudo que saía de sua boca eram aquelas arfadas sinistras.

— Ah, meu Deus, alguém a ajude! — alguém gritou quando Lillian caiu sobre o asfalto, produzindo um som abafado.

Ela abriu os olhos, viu as pessoas se juntando ao seu redor e viu um homem tirando um telefone do bolso.

— Estou ligando para a polícia — ele disse aos demais.

— Polícia! — gritou outra voz. — Socorro!

E então surgiu Jenee, que veio correndo. Ela se ajoelhou no chão ao lado de Lillian, tirou a primeira blusa que estava usando e substituiu a mão de Lillian pelo tecido, pressionando com firmeza. Ela não gritou, e sim manteve a calma da qual Lillian tanto precisava.

— Quem lhe fez isso? — Jenee perguntou, com lágrimas nos olhos.

A voz de Lillian falhou quando ela tentou forçar as palavras a sair pelos lábios secos, sedentos.

— Avise a ela. — Ela tentou engolir, mas sua língua se recusava a se mexer. — Avise a todas elas. — Lágrimas correram por seu rosto pela agonia de tentar falar.

— Quem? — Jenee repetiu, e as sirenes soaram ao longe.

Lillian fechou os olhos lentamente.

CAPÍTULO UM

Kayla sorriu para o homem que entrou no jardim cheio de rosas e abriu os braços receptivamente. Ele seguiu confiante, poderoso, seus vivos olhos azuis cheios de intensidade e um objetivo resoluto — dar prazer a ela, repetidamente.

Ele vinha para ela todas as noites, tocando-lhe o corpo de um jeito que homem nenhum jamais tocara antes, trazendo-lhe sensações tão deliciosas e tamanho júbilo que ela se sentia vazia quando ele partia.

— Eu sabia que você vinha — ela disse, e ele deu aquele sorriso sensual de canto da boca que a deixava com a pulsação disparada.

A camisa que ele usava era da cor dos seus olhos, azul caribenho, e ela lambeu os lábios quando ele a desabotoou e jogou-a no chão. O peito amplo, salpicado de pelos castanho-claros, levava ao abdome definido e também adornado com uma fina aspersão de pelos que conduziam à cintura da calça jeans, onde ele estava com as mãos pousadas, esperando que ela desse seu comando.

— Tire — ela murmurou. — Por favor, quero vê-lo por inteiro. — Ela queria vê-lo, mas, mais que isso, ela queria senti-lo bem dentro de si, completando-a. Ela tanto ansiava por esse momento e não queria que tivesse fim.

Mas agora ela não devia pensar no fim. Agora ele estava lá, se preparando para lhe dar exatamente o que ela precisava. Ele sabia dar prazer às mulheres, e ele já dera prazer a muitas, Kayla percebeu. Era evidente pelo jeito como ele andava, pela segurança de seus passos, pela certeza em seus olhos. Mas se por um lado estava claro que ele já conhecera muitas mulheres, por outro, Kayla não conseguia deixar de acreditar que ele era diferente. Ela era especial para aquele homem, assim como ele era especial para ela. Dava para ela ver em seus olhos, sentir em seu toque, e quando eles se tornavam um só corpo não havia como negar que a ligação que havia entre eles era única. Era real. Era para valer.

Ele desabotoou a calça jeans e foi descendo o zíper lentamente. As pernas de Kayla começaram a se retorcer de ansiedade. Ela odiava o fato de ele estar lá, mas não dentro dela. Ainda. Quase gritou de prazer quando o brim pesado caiu no chão e ele caminhou até ela.

O passo seguinte foi dela, e ela sabia o que fazer. Ele estava usando uma cueca branca que ressaltava ousadamente sua ereção. Ele não tirou o pano que mal cobria sua glória; aquilo era função dela. E ela adorava essa função. Ela agarrou a borda da cueca, levantou-a levemente para levar até a ponta do membro dele, e então puxou o tecido

esticado para baixo, fazendo-o descer por aquelas coxas musculosas e deixando-o cair no chão. Ele se aproximou ainda mais e Kayla levou a boca à ponta de sua bela ereção, lambendo uma gota perolada do desejo dele antes que ele se afastasse de seu alcance.

Ela levantou os olhos para ver aqueles intensos olhos azuis já sabendo o que veria: ele balançando a cabeça. Ele queria vê-la nua também, e não lhe daria acesso a ele enquanto ele próprio também não tivesse acesso total a ela. Kayla amava o jeito que ele a fazia se sentir: tão forte, tão ousada, tão pronta para isso, pronta para fazer amor de um jeito que ela não se lembrava de ter feito na vida real.

Aquele lembrete mesquinho, o sussurro de uma sugestão de que aquilo não fosse real, de que ela estivesse meramente criando o que queria em sua mente, fez Kayla franzir a testa. Ela não conhecia aquele homem, não de verdade, nem sabia seu nome. Ela não tinha mais certeza nem do próprio nome. Ela realmente não sabia se ele era real ou se não passava de uma intensa invenção de sua mente.

Mas com certeza ele parecia real.

Ele balançou a cabeça outra vez, não permitindo que ela atingisse seu objetivo — dar-lhe prazer —, e Kayla então abdicou da realidade e deixou reinar a fantasia. Suspirando de satisfação, ela tirou a camisola e a calcinha. Os olhos dele estavam agora com um tom de azul esfumado, repleto de luxúria e desejo, e seu sorriso exibiu a fissura marcada em seu queixo.

Kayla queria lambe aquela fissura sensual, e ia lambê-la. Logo.

Ele se abaixou até o chão, ao lado dela, e Kayla regozijou ao sentir o calor do corpo dele junto ao dela. Ela se encostou a ele, apreciando o jeito como se encaixavam bem e a forma com que o calor que dele emanava lhe penetrava o corpo e a alma.

Ela lambeu a fissura no queixo dele enquanto ele colocava a coxa entre as pernas dela. Kayla mexeu os quadris para fazer mais atrito entre a pele dele e seu clitóris, sabendo que, se ele deixasse, ela acabaria tendo um orgasmo só com esse movimento, só de senti-lo perto, de querê-lo mais perto ainda.

— Por favor — ela arfou. — Não me faça esperar mais. Preciso de você. Por favor.

Ele deslizou a boca por sobre a dela e passou a língua por dentro de seus lábios; então rolou por sobre o corpo dela, empurrando-lhe as pernas com as suas e abrindo-as bem, preparando-a para a entrada daquele membro comprido, quente e duro. Ele empurrou a cabeça grossa contra a abertura de Kayla e ficou assim, enquanto finalizava o beijo e subia sobre ela, encarando-a com aqueles olhos azuis enquanto esperava.

Será que ele não entendia que ela estava pronta? Que ela estava sempre pronta para ele?

Não, ele não entendia. Seu olhar questionador lhe dizia que ainda se preocupava

com os medos dela, dizia que ele tinha medo de machucá-la.

Mas ele jamais a machucaria. Ele apenas a amava, e ela precisava daquele amor, daquela inteireza, precisava daquilo mais do que do próprio ar que respirava. Ela não podia esperar. Então ela envolveu as costas dele com as pernas, levantou os quadris para trazê-lo para si, para o fundo de si, total, completa e profundamente dentro.

Kayla surfou a suntuosa onda do desejo, que girava em uma espiral e ardia e lutava para se extravasar. Ela se encaixou a ele, a cada investida, com a respiração pesada, liberando todo o medo e se dando por inteiro. Ele ergueu o corpo sobre o dela, os olhos cravados nos dela, sentindo-lhe a tensão do corpo, até que sua boca dominou a dela e a paixão de Kayla explodiu em espasmos selvagens e convulsivos.

Ele agarrou os quadris de Kayla e entrou com mais força, penetrando ainda mais fundo que antes, e a tensão de seu corpo também explodiu em um poderoso clímax.

Kayla ainda estava trêmula; os olhos fechados de exaustão. Quando ela o abriu, ele já tinha ido embora e ela estava sozinha em sua minúscula cama portátil no abrigo, enquanto as outras mulheres no quarto dormiam ruidosamente, preenchendo a noite com suas respirações pesadas e seus roncos.

Ela engoliu em seco e prendeu a vontade de chorar.

Como ela poderia chorar? Ele tinha aparecido para ela outra vez para satisfazer sua necessidade de intimidade com um homem.

Kayla então rezou, agradecendo pela fantasia que aquele homem de olhos azuis lhe proporcionara aquela noite... E por não ter tido outro pesadelo com aquele monstro de olhos cinzentos.

— Você não se cansa de fazer sexo pelo sexo?

Gage Vicknair parou no alto do dique e observou a superfície do lago Pontchartrain com suas águas nebulosas e amarronzadas se agitando loucamente sob a espessa umidade do clima da Louisiana, enquanto a pergunta de Monique ecoava em sua cabeça tão loucamente quanto as águas inquietas.

Cansar de sexo? Gage Vicknair?

Nunca.

Mas não fora essa a pergunta, não é mesmo? Ela perguntara se ele não se cansava de sexo pelo sexo. Este era o ponto, e esta pergunta tinha uma resposta bem diferente.

Ele tinha 27 anos de idade e, até onde sabia, jamais experimentara nenhum tipo de sexo que não fosse só pelo sexo... na vida real. Mas pelas últimas duas semanas ele de fato tivera um vislumbre de uma conexão mais profunda, apesar de ter sido apenas em seus sonhos.

E com uma mulher que jamais vira antes.

Quem diria! Ao chegar a um ponto de sua vida em que concluíra estar pronto para procurar por algo mais, pronto para oferecer mais do que mera conexão física a uma mulher, logo agora ele começava a ter fantasias com uma garota que só existia em sua mente. O ar trouxe as risadas do pessoal que festejava no Cassino Treasure Chest, a menos de um quarteirão do apartamento de Gage no bulevar Williams. E também o barulho dos carros ao redor do Pontchartrain Center, que em breve estaria coalhado de turistas para a Exposição de Trailers de setembro.

Compridos barcos de rio passavam pelas águas profundas do lago e vários pescadores idosos estavam sentados em baldes de plástico branco ao redor do rio de águas sombrias que formavam as margens altas cercadas de bambus marrons. Uma dupla de colegiais muito bonitinhas cochilava em toalhas de praia estendidas, expondo seus corpos de biquíni aos últimos raios do sol de sexta-feira.

O celular dele tocou um blues de Zydeco Stomp e ele não se surpreendeu ao ver na tela quadrada e cinzenta o número que estava ligando. Ele atendeu.

— Você já não causou estrago demais por hoje?

— Ah, não comece. — Monique estava com a corda toda. — E preciso muito mais do que um comentário sobre sua vida amorosa para abalar você, mas, se quer ouvir desculpas, vou pedir. Desculpe-me. — Ela fez uma pausa para aumentar o efeito. — E então, gostou?

— Dá para o gasto — Gage disse, rindo. Ele não podia ficar irritado com ela por muito tempo. Jamais ficara, nem quando eram crianças e ela experimentou a nova tesoura escolar em seu cabelo enquanto ele dormia. Graças a Deus ela aprendera a cortar cabelos de lá para cá, do contrário o salão Monique's Masterpieces teria sido um grande fiasco.

A verdade é que o salão ia de vento em popa. Por outro lado, Gage lhe arrumava mais clientes do que ninguém, já que todas as mulheres com quem saíra acabavam parando no salão de Monique para vigiar o "playboy itinerante". Palavras delas, não dele. Mas a descrição era perfeita, e ele novamente se lembrou do que Monique dissera. Sexo pelo sexo.

— Eu estou falando sério, aliás — ela disse. — Lamento...

— Por que será que parece que vem um "mas" aí? Ele acenou com a cabeça para os dois pescadores que faziam força para puxar seus baldes para o dique. Uma truta gorda e fresca estava se revirando no topo de um dos montes de peixe.

— Parece que você se deu bem — Gage observou. Um dos sujeitos sorriu, exibindo um grande buraco onde deveriam estar seus dois dentes da frente.

— Pode crer.

Uma adolescente loura e alegre vinha caminhando por trás dos homens, não muito

longe, com seu corpo curvilíneo e seu sorriso sensual; a camiseta apertada amarrada logo abaixo dos seios e um short jeans curtíssimo que era quase um atentado ao pudor. As garotas de biquíni podiam estar usando menos roupas, mas os trajes dela de alguma maneira acabavam mostrando e provocando mais. Ela foi diminuindo o passo ao se aproximar e sorriu para Gage.

— Oi — ela disse com uma voz sussurrante. O piercing em seu umbigo cintilou ao sol, fazendo Gage recuar.

Ele podia apostar uma grana que bastava dizer "oi" e ele conseguiria fazê-la tirar a camiseta e o short antes do pôr-do-sol. Mas, como dissera Monique, ele já tivera sua cota de sexo pelo sexo, além de não ser mais nenhum garotinho.

Assim, acabou balançando a cabeça educadamente e dando as costas para a paqueradora, para que ela fosse jogar charme para algum cara que não estivesse vivendo um dia de mudanças de vida graças à intrrometida de sua irmã.

Aliás, falando em Monique, ele quase esquecera que ela estava do outro lado da linha.

— Você ainda está aí?

— Estava esperando para ver o que ia acontecer.

— O que ia acontecer? — ele repetiu.

— Oiii... — ela ronronou, zombando do tom sedutor da adolescente e depois caindo na risada ao telefone.

— Olha lá... — ele avisou.

— Ei, tudo bem. Vou parar — ela disse, bufando. — Mas é por uma só razão que o tenho importunado em relação à sua interessantíssima vida pessoal; é porque quero que você tenha o que eu tenho. — Ela abaixou a voz e passou a sussurrar. — Eu estou tão feliz, Gage. Ryan é a realização de um sonho.

— Na verdade — Gage corrigiu —, ele é um fantasma que voltou à vida, mas tudo bem.

Monique, assim como os irmãos, Gage e Dax, e os primos, Nanette, Tristan e Jenee, herdara o peculiar dom da família de se comunicar com os mortos. Ou, mais especificamente, ajudar os fantasmas a fazer a passagem. Por mais estranho que pareça, Gage jamais encarara esse talento peculiar de sua família como algo extraordinário — afinal, vivia em meio aos médiuns da família Vicknair desde que nascera — até o dia em que Monique se apaixonou pelo espectro por quem estava responsável. Até os próprios Vicknair ficaram perplexos ao ver que Ryan Chappelle fora mandado de volta ao mundo dos vivos para ficar com sua alma gêmea, Monique.

— Fantasma, sonho, sei lá. — Ela riu sem pudores. — Enfim, estamos bem animados. Por isso estou ligando. Quero lhe dizer que Ryan e eu estamos no aeroporto.

Estamos indo para Las Vegas e, se tudo correr dentro do planejado, eu serei Monique Chappelle antes da meia-noite. — Gage engoliu seco. Monique não conhecia Ryan há tanto tempo assim. Entretanto... Monique? Sua irmã doidinha, animada e sempre pronta para encarar qualquer parada... Casada? Com um ex-fantasma?

— Gage? — Sua voz soou ligeiramente preocupada.

— Sim?

— Diga que está feliz — ela mandou.

— Estou feliz. — Ele estava feliz, pois Monique estava feliz. Mas ele ia precisar se acostumar. E quanto aos espíritos que lhe eram encaminhados? Fantasmas não gostavam muito de esperar por ajuda.

— Vai sair da cidade?

— Não se preocupe — ela disse, evidentemente já acompanhando a linha de raciocínio do irmão. — Se eu começar a sentir os fantasmas, nós voltaremos, e não senti nenhuma ardência o dia inteiro. Espero que nenhum espírito me chame até eu estar de volta à Louisiana, semana que vem.

Monique costuma sentir os fantasmas chegando com um dia de antecedência, então provavelmente estava certa. Ela e Ryan podiam ir até Las Vegas, sacramentar o casamento e voltar antes de ela receber algum chamado em forma de carta de vovó Adeline, mas tinham de estar preparados para voltar antes da hora se fosse preciso.

Adeline Vicknair designava fantasmas para serem atendidos por cada um dos médiuns da família Vicknair, e ela podia tornar a vida deles bem desagradável se houvesse qualquer atraso. A pele de Monique queimava quando um espírito estava chegando. Gage, por sua vez, ouvia os mortos chorando antes de receber uma visita. Era típico escutar os lamentos com um dia de antecedência do encontro com o espectro, de modo que ele costumava estar sempre na fazenda, à espera da carta de sua avó, que sempre se materializava no jogo de chá da falecida senhora.

Contudo, houve uma ocasião, depois que o furacão Katrina se abateu sobre Nova Orleans, em que ele simplesmente não conseguiu sair da emergência do Hospital Ochsner. Na condição de médico traumatologista, ele simplesmente não podia abandonar um paciente no meio de um atendimento. Então, apesar de ouvir o choro, ele não foi embora. O resultado foi horrendo. Ele ficou ouvindo o fantasma não só chorar, mas uivar. Quando ele finalmente conseguiu chegar à fazenda da família Vicknair na Paróquia de St. Charles, berros de agonia lhe perfuravam os tímpanos até ele sentir que sua cabeça estava prestes a explodir.

Desde aquele dia ele nunca mais se atrasou para pegar uma carta. Felizmente, Nova Orleans não fora castigada por outro furacão depois do Katrina, o que tornava muito mais fácil responder aos chamados da avó com a presteza que ela esperava.

— Eu disse a Dax que estava indo para Las Vegas

— Monique acrescentou. — Ele disse que, por ele, tudo bem.

— Para Dax está sempre tudo bem. — O irmão deles queria a felicidade de Monique tanto quanto Gage queria.

— É verdade. Ei, você se importa de dizer a Nan que Ryan e eu não estaremos lá amanhã para ajudar em casa? — ela perguntou, como se não estivesse pedindo nada demais.

— Ah! — Gage disse.

— O que foi?

— Nada, só estou me dando conta de que eu já estava esperando que você viesse com alguma, e aí está. A verdadeira razão pela qual você me ligou.

— Não sei do que você está falando — ela mentiu na cara dura. Ele ouviu o anúncio de decolagem de um voo ao fundo e imaginou se a irmã estaria literalmente entrando no avião.

— Eles estão esperando você embarcar?

— Não, esse é outro voo. Ainda temos vinte minutos para entrar no avião. — Ela limpou a garganta.

— E então, vai falar com Nanette?

— Você não disse a ela que ia casar? — Gage já sabia a resposta. Seria impossível descrever o que Nan faria ao saber que Monique resolvera casar com seu fantasma. Na condição de prima mais velha, Nan se sentia no dever de fazer os membros mais jovens da família Vicknair compreender a magnitude de sua responsabilidade para com o legado da família e para com os espíritos. Ela esperava que as regras fossem seguidas, e que os outros primos atendessem os chamados com pontualidade. Monique não era notória apenas por quebrar as regras, mas também por se atrasar, o que realmente deixava Nan louca da vida. Nan não fazia segredo de como ficara chocada em ver as forças superiores permitindo que Ryan continuasse no mundo dos vivos, alma gêmea ou não, mas ela finalmente aceitou a realidade de que o sujeito estava lá para ficar. Entretanto, tinha sérias reservas em relação à prima sair com aquele homem.

— Não que eu me importe que ela saiba, mas é que eu não tive oportunidade de contar a ela — Monique se defendeu.

— Você mora com ela — Gage disse. — E tem mais, eu não moro. Mesmo assim, você me pede para contar a ela que, número um, vai faltar a um dia de trabalho na casa e, número dois, está pegando um voo para Las Vegas para casar com um fantasma.

— Quer dizer que você tem problemas com o fato de eu e Ryan casarmos?

Gage quase pôde ver o bico tamanho família que ela certamente estava fazendo com sua boca em formato de coração, e com o qual desde criança sempre conseguia

tudo o que queria.

Que bom que ele não a estava vendo.

— Você sabe que eu não tenho problema nenhum com isso. E também sabe que Nan provavelmente vai ter um ataque quando souber disso e prefere que a bomba estoure na minha mão em vez de na sua. Você conhece a Nan. Ela gosta de seguir as regras rigidamente.

— Eu sei, mas, como já disse a ela várias vezes, Ryan e eu não estamos quebrando regra nenhuma. Ele tem permissão para estar do lado de cá, e está morando na fazenda, e no meu quarto, aliás, desde que voltou. Ela já devia estar preparada para nossa união.

— Mesmo assim, você não tomou a iniciativa de contar a ela. — Os últimos raios alaranjados de sol cintilaram no horizonte, deixando Nova Orleans e Gage na penumbra.

— Por favor, Gage. Nan não gosta de mudanças, menos ainda quando se trata dos espíritos. Ela vai ter de se ajustar à idéia, e não quero estar perto dela durante esse período de adaptação. Você sabe que ela vai escutar melhor vindo de você. E não quero que ela tente me convencer do contrário, ou, pior ainda, tente receber a aprovação das forças superiores para nossa união. Eles não o deixariam estar aqui se não fosse para ficarmos juntos. Com certeza já imaginavam que fosse dar em casamento — ela disse rapidamente, como se já estivesse com sua defesa toda preparada na cabeça.

— Ele quer falar comigo? — Ryan perguntou, sua voz ecoando na linha à distância.

— Não, eu não preciso falar com ele. Só diga a ele duas coisas por mim, sim? — Gage fez uma pausa, reconsiderou e consertou: — Três coisas.

— O quê?

— Um, que ele cuide bem da minha irmã. Dois parabéns. E, três, ele está em grande dívida comigo por agüentar Nanette no seu lugar.

— Não seria eu quem estaria em dívida com você? — Monique perguntou, deixando claro como estava satisfeita.

— Ah, para você é presente.

— Eu amo você, Gage.

— Eu também, maninha. E tenha cuidado.

— Pode deixar. — Ela desligou.

Gage guardou o fone no bolso, deu uma olhada no relógio de pulso e caminhou de volta para seu apartamento. Seu turno no hospital só começava dali a duas horas, mas ele precisava de cada minuto para tomar um banho e encarar o trânsito de sexta-feira à noite em Nova Orleans. Com sorte conseguiria chegar alguns minutos mais cedo.

Ele cruzou o jardim que havia no meio do complexo de apartamentos onde morava

e se aproximou de um lago onde havia um cardume de peixes dourados. Postes altos e enfeitados iluminavam a área tranqüila.

Gage parou e observou o cenário familiar. Algo naquela área parecia diferente. Ele apurou os ouvidos, quase esperando ouvir o choro de um fantasma, mas nada ouviu. Chegou mais perto e observou os peixes deslizando por entre as ninféias. Ao fundo havia um chafariz de pedra. Arbustos de rosas muito rosadas cercavam a área e ofereciam privacidade àqueles que desejavam momentos de serenidade, fosse na beira do lago ou no banco de ferro em um dos lados do pátio. Gage olhou para os peixes, para o banco, para os arbustos. Algo não estava certo, mas ele não sabia dizer o quê. Por que estava tudo tão estranho? E por que lhe voltara à memória aquela mulher de seus sonhos?

— Estranho, não é? — Vernon Medders disse. Gage estava tão distraído que não ouvira o velho jardineiro se aproximar. Vernon Medders era calvo e tinha pele grossa, e era um ornamento constante no condomínio Lakeside. Em troca do aluguel, ele cuidava da paisagem do condomínio, especialmente do pátio, do qual cuidava diariamente como se fosse um bebê.

— O que é estranho? — Gage perguntou.

— Os arbustos florescendo de novo. — Deu de ombros. — Não me importo, até porque são minhas rosas favoritas, mas o certo seria florescerem uma vez por ano, lá pelo final da primavera e começo do verão, e partirem em junho. Estranho elas florescerem de novo em setembro, e em abundância, não é?

Gage observou os arbustos repletos de rosas fortemente coloridas. Era isso que havia de tão diferente. Ele passara por lá no dia anterior e não reparara nas rosas. Ele teria reparado naquele cor de rosa tão chamativo, não teria?

— Parece ter brotado de ontem para hoje. Estranho mesmo, mas não ligo. — Vernon sorriu. — Realmente aumenta a beleza do local, não é mesmo?

— É — Gage disse. Mas também aumentava seu desconforto. Ele estava com a vaga sensação de que aquilo tinha qualquer coisa a ver com o lado de lá. Os espíritos muitas vezes mandavam mensagens visuais para anunciar sua chegada, coisinhas que indicavam que o médium devia estar preparado. Era típico de quando um espírito estava sendo enviado aos seus cuidados, mas Gage não podia imaginar a implicação daquelas flores brotando fora de época. Entretanto, acreditava que logo descobriria. E, por mais bizarro que parecesse, ele achava que aquilo tinha relação com a mulher de suas fantasias.

Que sorte a dele, hein? Encontrara uma pessoa que lhe mostrara a beleza do sexo, e no final ela é um fantasma. Quem sabe ele não devia pedir uns conselhos a Monique sobre como ela fez para conseguir manter um espírito do lado de cá.

Gage procurou ouvir bem outra vez. Nada de choro. Quanto tempo ele teria antes de descobrir o que queriam lhe dizer aquelas flores?

Ele torcia para conseguir terminar seu turno sem receber nenhuma carta de vovó Adeline. Como ele ia tirar uma semana de folga do hospital, realmente não podia perder uma noite de trabalho. E torcia também para que o fantasma não fosse a mulher de seus sonhos. Ele não acharia nada mal revê-la, mas preferia que ela estivesse do lado de cá, respirando.

Seu celular tocou outra vez.

— Até mais tarde, Vern. — Ele não tinha tempo de pensar sobre fantasmas ou rosas e nem mesmo sobre sexo com a mulher de suas fantasias. Precisava se aprontar para o trabalho. Já a caminho de seu apartamento ele respondeu ao toque familiar.

— Alô?

— Recebi seu recado. — Era Tiffany, com quem às vezes dividia os lençóis nos fins de semana. — Tem certeza de que não quer vir aqui depois do trabalho? Você disse que teria umas horinhas antes de ter de estar com sua família no sábado.

Gage abriu a porta de seu apartamento tentando controlar o impulso de reclamar. Ele esperava que Tiffany entendesse seu cancelamento como sinal para procurar outra pessoa para passar a noite. Ela era uma exótica dançarina da rua Bourbon e ambos costumavam largar o trabalho mais ou menos no mesmo horário, mas ele não queria mais ninguém desde que começara a sonhar com aquela mulher, nem mesmo a sempre disposta Tiffany. Na verdade, ele preferiu abrir mão da tradicional sexta à noite com ela semana passada, pois não conseguia tirar a outra da cabeça.

Além do mais, depois do que Monique dissera, Gage se deu conta de que estava inventariando seus relacionamentos, ou não relacionamentos, e não queria mais meramente passar algumas horinhas quentes debaixo das cobertas. Ele não sabia como explicar isso a Tiffany, que estava sempre louca para incendiar os lençóis com ele. Será que ele voltaria a querer isso?

— Estou quebrado, Tiff — ele disse enquanto tirava os sapatos e as meias, e então desabotoou a calça jeans, deixando-a cair no chão. — Estou trabalhando quase a noite inteira, portanto quero dormir umas horinhas antes de ir para a fazenda de manhã. Você entende? — Deus, tomara que ela entenda. Ele entrou no banheiro e afastou o fone da orelha para tirar a camisa.

— Foi o que você disse semana passada — ela respondeu. — Você sabe que quer voltar à nossa rotina de sexta à noite. Eu senti sua falta e você sentiu a minha também, não sentiu? Além disso, tenho certeza de que sou capaz de manter seu nível de energia.

Gage engoliu seco. Ela realmente sabia como deixá-lo cheio de energia por um

bom tempo, mas no momento ele precisava ficar longe de Tiffany e de seus demais interesses amorosos enquanto tentava entender por que estava tão esquisito de repente, e por que estava tão obcecado por uma mulher que só existia em seus sonhos.

— É, bem, desta vez terei de declinar. Preciso mesmo dormir. — Ele abriu o chuveiro e ajustou a temperatura.

— Esse barulho que estou ouvindo é de chuveiro? Sabe, eu posso ir aí agora mesmo para nos divertirmos um pouquinho antes do seu plantão, se você quiser. Eu esfrego suas costas e você esfrega as minhas.

O membro dele, obviamente reconhecendo o tom de voz de Tiffany, se manifestou.

— Desculpe — ele disse. — Esta noite não tenho tempo. — Ele resolveu deixar a água mais fria. Bem mais fria. Gelada.

— Ah, tudo bem — ela disse, evidenciando sua decepção em cada palavra. — Tchau, Gage.

Gage estava até vendo os cachos ruivos de Tiffany balançando sobre seus ombros e aquele sorriso sedutor em seus lábios.

— Tchau.

Ele fechou o celular e tentou entender quando foi exatamente que havia perdido o juízo. Que homem dispensaria Tiffany?

Um homem como ele, claro, pois a idéia não lhe apetecia nem um pouco. Sem dúvida que ele queria sexo; ao menos seu membro, que ainda estava semi-ereto após ouvir a voz sugestiva de Tiffany, queria. Mas a sua cabeça estava querendo outro tipo de coisa, bem diferente.

Monique tinha razão, Gage se deu conta ao entrar debaixo da água gelada. Ele estava cansado de sexo pelo sexo. Ele queria algo mais significativo, o tipo de relacionamento que ele jamais tivera além dos sonhos. Ele estaria mentindo se dissesse que jamais sonhara em ter um relacionamento estável, e ultimamente andava pensando bastante nisso graças à mulher de suas fantasias. Mas ouvir sua irmã dizer aquelas coisas reforçou ainda mais sua idéia.

Gage queria mais.

Ele queria uma mulher de verdade, que tivesse o mesmo apelo hipnótico da mulher de seus sonhos. Mas, ora, como se encontra esse alguém especial que faz a gente se esquecer de todas as outras mulheres e encontrar satisfação de verdade nela, e só nela?

Satisfação. Isso era o que faltava na vida de Gage. Ele fizera muito sexo, bastante, mas não se satisfizera. Fisicamente, sim. Mas nem tanto emocionalmente. Muito bem, na verdade, nunca se satisfizera emocionalmente. Ele queria uma mulher

que o completasse.

Gage fechou os olhos debaixo do jato forte do chuveiro e a imagem lhe veio de uma vez só. Rosas, uma infinidade de botões tomando conta dos arbustos que cercavam o jardim. Desta vez Gage não viu Veraon Medders, mas não estava sozinho.

Ela era linda e, como sempre, deixava-o sem fôlego. Cabelos castanhos longos, sedosos e brilhantes lhe desciam pelos ombros e os grandes olhos cor de chocolate o observavam aproximar-se. O sorriso maroto dizia o que ela esperava dele.

A brisa suave soprava-lhe a bruma do chafariz, umedecendo o tecido fino da camisola cor-de-rosa clara, mal cobrindo um corpo que era pura perfeição. Ele tinha de tê-la. Simplesmente precisava.

Ela abriu os braços e fez menção para que Gage chegasse mais perto e sorriu quando ele se aproximou.

— Sabia que você vinha — ela sussurrou.

Ele sabia, em algum ponto no fundo de sua mente, que estava nu debaixo do chuveiro, mas como ela estava vestindo calça jeans e camiseta, e seus olhos diziam que ela estava ansiosa para vê-lo tirando a roupa, Gage não podia negar aquele pedido não verbalizado.

Ela lambeu os lábios enquanto ele desabotoava a camisa e a jogava no chão. Mas ele parou por aí. Aquela não era uma fantasia vulgar; parecia haver algo mais acontecendo ali, mais do que ele conseguia apreender. Ele precisava saber o que aquela bela mulher queria... o que ele queria.

— Tire tudo — ela pediu. — Quero vê-lo por inteiro.

A pulsação de Gage disparou e ele fez que sim com a cabeça, totalmente determinado a dar o que ela queria. Por que estava tão nervoso com aquilo? Sabia como chegar ao corpo de uma mulher; ora, ele era conhecido por sua condição de playboy e ostentava o título com orgulho. Mas isso não importava agora; com ela, não. Ele não queria meramente mostrar a ela que era um amante experiente; queria mostrar àquela mulher que podia lhe dar mais. Que podia completá-la do modo que sua alma lhe sussurrava que ela podia completá-lo.

Ele abriu a calça, baixou o zíper lentamente, deixou-a cair no chão e livrou-se dela. Mais uma vez, ela esperou. Ela tinha de estar no controle da situação. Afinal, dependia dela. Mas Gage não sabia dizer como sabia disso, mas sabia que só podia tê-la quando ela lhe desse permissão explícita. Ele torceu para que ela não fosse esperar muito tempo.

Ela se aproximou dele e segurou a barra de sua cueca, descendo o corpo ao baixar a peça. Estava com a boca tão perto do pênis que sua respiração aqueceu a cabeça, e então ela levou aquela boca sedutora até a ponta e lambeu.

Apesar de ele adorar sentir aquela boca em seu membro, no momento ele queria estar dentro dela, se ela deixasse. Ele recuou ligeiramente, tirando o pênis dos lábios dela e, para seu deleite, ela gemeu pedindo mais.

Gage balançou a cabeça, informando-a visualmente de que aquilo era uma via de mão dupla. Ele queria vê-la por inteiro, do jeito que ela o estava vendo.

Enquanto ela tirou a camisola cor-de-rosa e a calcinha, Gage permitiu que seus olhos percorressem livremente aquele corpo, observando o pescoço esguio, os seios com bicos cor de canela, a barriga reta e as curvas dos quadris. Ele então parou brevemente antes de continuar a descer o olhar pelas pernas torneadas.

Sentiu um aperto na garganta ao reparar em algo que não vira antes — a tatuagem que ela trazia no tornozelo parecia uma pequena penca de flores. Antes que ele pudesse ver melhor, ela pegou a mão dele e puxou-o lentamente para o chão, que estava agora coberto de pétalas rosadas como as da tatuagem.

Gage deitou-se ao lado dela, cuja beleza era emoldurada pelas pétalas. Ela esfregou os quadris nas coxas dele, e ele sentiu o calor e a umidade contra sua perna. Queria ser envolvido por aquele calor, por aquela umidade.

— Por favor — ela pediu. — Não me faça esperar mais. Preciso de você. Por favor.

Ele tampouco podia esperar mais. Estava com o membro tão duro, tão pronto, que simplesmente não conseguia mais se conter. Ele esfregou a ponta ligeiramente naquela fonte de calor e ficou um pouco, depois se levantou sobre ela e esperou. Precisava dizer a ela que era isso que ele queria. Em uma fantasia comum, Gage entraria, sabendo que a mulher de seus sonhos ia querer exatamente isso, mas aquela não era uma fantasia comum — nem apenas sexo. Era mais que isso. Gage soube do fundo da alma.

— Agora! — Ela envolveu-lhe o tronco com as pernas e o fez entrar com tudo. Ele precisava de sexo? Não. Ele se recusara fazer sexo por não satisfazer mais sua necessidade real. Mas ele precisava de sexo? Quando ela o fez penetrá-la, deu-se conta que sim. Ao entender agora que ela queria que ele se entregasse tanto quanto ela estava se entregando. Gage lhe agarrou os quadris e penetrou fundo nela, tão fundo que ela jamais poderia duvidar que fosse ele o homem que a preenchia melhor que qualquer outro.

Aqueles olhos profundamente castanhos lhe disseram que ela nunca, jamais lhe negaria nada, nem sexualmente nem emocionalmente. E isso era exatamente o que ele precisava daquela mulher... tudo.

CAPÍTULO DOIS

Gage ficou olhando para o quadro de avisos que mostrava os quartos ocupados na emergência. Seu turno ia terminar em quinze minutos e só houve três camas ocupadas a noite inteira.

— O quadro está devagar. — Hank Simone apontou os quadrados vazios com o queixo. — Você sabe o que isso significa.

— É, sei que significa que estou contente por estar prestes a começar minhas férias. — Gage sorriu para Hank, o mais novo estagiário da unidade de traumatologia, e acrescentou: — Mas você ainda fica mais seis horas, certo?

— Droga, obrigado por me lembrar disso — Hank reclamou, obviamente temendo o aumento das emergências. Uma noite com poucas emergências em Nova Orleans costumava significar o dobro de tiros, facadas e brigas de bar na noite seguinte.

Gage na verdade estava feliz ao pensar que dentro de algumas horas estaria trabalhando na Fazenda Vicknair. Mas, por outro lado, ir à fazenda implicava estar com Nanette e transmitir-lhe o recado quanto ao casamento de Monique.

— Talvez fosse melhor eu ficar e ajudar — ele disse, brincando apenas em parte.

— Temos uma vítima de facada a caminho — uma enfermeira anunciou. — Deve chegar dentro de dez minutos.

Gage ouviu pelo transmissor o som do médico especialista em emergências cuidando de um caso de queimadura com fogo rápido. A vítima estava com uma laceração de dez centímetros no peito, um caso clássico de aspirativa — ferimento onde existe passagem de ar pela parede torácica. Os ouvidos de Gage doeram quando ele se deu conta de que o paciente tinha pneumotórax hipertensivo e que os médicos da emergência estavam fazendo descompressão com agulha. O ar implodiu em um dos pulmões e empurrou o coração para o outro lado da caixa torácica.

— Parece que a coisa vai ficar feia antes do que estávamos pensando.

— Quarto dois pronto para a chegada — uma enfermeira da traumatologia avisou, referindo-se a Gage e Hank. Então o pager de Gage começou a bipar. Ele conferiu o número. — Droga.

— Que foi? — Hank perguntou ao ver Gage pegar o telefone mais próximo.

— É Jenee.

— A prima mais nova? — Hank pelo jeito prestava mais atenção no que Gage dizia sobre a família do que ele se dera conta.

— Ela tem 21 anos — Gage disse. — Pois então, é o número dela seguido por um 911 de emergência. Por que ela estará me chamando para uma emergência às quatro da

manhã?

— Espero que ela esteja bem, cara. — Hank foi para a entrada da emergência, onde as luzes da ambulância que estava chegando encheram o céu noturno com flashes vermelhos.

— Gage? — Jenee respondeu após o primeiro toque. — Graças a Deus você me ligou rápido. Liguei para seu celular, mas não obtive resposta.

— Nada de celular no hospital, Jenee, você sabe disso. Agora diga, o que houve? Você está na fazenda? — ele perguntou.

— Não, esta noite fiquei no abrigo. Kayla, a mulher que perdeu a memória, estava passando por maus bocados. E eu não pedi emergência para mim. É para uma mulher que veio ao abrigo hoje. Ela estava tentando voltar para cá, mas alguém a esfaqueou, Gage. Estamos indo para o hospital. Estou seguindo a ambulância. Acho que estamos quase chegando, mas não sei quanto tempo ela vai agüentar. Você precisa ajudá-la.

Jenee se sentira próxima de Kayla desde que ela chegara, sozinha e perdida, ao abrigo de moradores de rua onde costumava fazer trabalho voluntário. Nem ela nem os médicos conseguiram ajudar a mulher a se lembrar de seu passado, mas Jenee não perdera as esperanças. Agora outra mulher que estivera no abrigo fora esfaqueada. A prima parecia ter tido uma noite difícil.

— Farei meu melhor. — Ao dizer as palavras, Gage ouviu o som familiar do lamento de um fantasma. Desta vez era um gemido fraco, feminino com certeza, e pareceu estar bem perto.

Ele desligou o telefone e foi em direção à porta e à ambulância que se aproximava.

— Deus, permita que ela não seja meu próximo fantasma — ele murmurou.

As portas da ambulância se abriram e os médicos que estavam lá dentro sacudiram a cabeça negativamente sobre a mulher, cujas roupas estavam empapadas de sangue escuro, quase negro.

— Lamento pessoal — um deles disse com a voz presa. — Fizemos tudo o que pudemos. Caramba, não sei como ela não morreu antes de chegarmos lá.

Gage foi em direção ao veículo e viu a longa cabeleira loura que caía em cascatas ao redor do rosto de expressão sofrida. Um dos médicos fechou-lhe os olhos gentilmente.

— Deus, não! — Jenee estava derrubada. — Ah, Gage!

— Sinto muito, meu bem — ele sussurrou junto aos seus cabelos.

Então a mulher se sentou na cama com os olhos castanhos arregalados e foi até Gage. Seu coração disparou no peito.

Ela estava viva.

Ela estava sentada.

Ela não estava recebendo a menor atenção das pessoas ao redor de seu corpo. Eles não estavam vendo o que Gage estava vendo.

— Você tem de avisá-las, avisar a todas elas. — Sua voz era um eco pálido na noite. — Salve-as.

Ela se deitou novamente, o espírito voltando a se juntar ao corpo, e Gage ouviu lamentos enfraquecidos preenchendo a noite. Ele ia revê-la em breve. Ele baixou os olhos e reparou em seus pés; um deles descalço e sujo, pois pelo jeito ela teria perdido um sapato pelo caminho, e o outro com uma sandália encardida. Mas não foi o estado dos pés dela que lhe chamou a atenção e sim a pequena tatuagem em seu tornozelo direito. Apesar da sujeira, não havia como deixar de perceber a rosa, igual à que vira horas antes ao fantasiar com aquela mulher.

Mas aquela não era a mulher que vira em seus sonhos. O que isso queria dizer? O que Gage deveria entender disso? Ele não acreditava em coincidência, muito menos em se tratando do mundo espiritual.

— Vai dar tudo certo. — Gage ficou alisando as costas de Jenee, que estava chorando. — Vou cuidar de você — ele disse para Jenee... e para a mulher morta.

DESDE QUE Kayla chegara ao abrigo da rua Magazine, passara a maior parte dos dias se sentindo perdida, confusa, sozinha. Na verdade, a única vez que ela se sentiu fazendo parte de alguma coisa foi em seus sonhos com o belo estranho de olhos azuis.

Infelizmente, ela não podia fazer com que ele viesse na hora que ela queria. Ele aparecia quase toda noite, mas ela não tinha controle sobre isso, o que não parecia justo, já que ele era a fantasia dela.

Ou não era?

Kayla conversara sobre a possibilidade de aquele homem ser parte de seu passado com Jenee Vicknair, que trabalhava como voluntária no abrigo onde ela chegara duas semanas antes. Mas por mais que falasse sobre ele, o descrevesse, lutasse para associar um nome àquele rosto, não acontecia. Ela não conseguia perceber nada de tangível.

Obviamente ele era mais do que uma fantasia, ele era real. Ela não conseguiria vê-lo com tanta clareza nem sentir com tanta intensidade quando ele fazia amor com ela se não tivesse ido para a cama com ela antes. Mas por que ele não a procurara?

O fato de ela agora pensar sobre si mesma como Kayla era suficientemente desconcertante. Seria esse seu verdadeiro nome? Ela achava que não, mas não fazia idéia de qual seria. Apesar de que, quando os voluntários do abrigo lhe perguntaram seu nome ao chegar no edifício de sete andares, foi essa sua resposta. Por que será

que ela não conseguia se lembrar de sua identidade? E por que a perspectiva de se lembrar a assustava tanto?

De qualquer forma, a despeito de suas incertezas, todas as tardes, quando se abriam as portas do abrigo e Jeneé a recebia, Kayla deixava para trás o medo do desconhecido e recebia conforto. Mais que isso, ela encontrava uma amiga, alguém que a fazia se sentir à vontade com sua bizarra situação e tornava sua estada no abrigo mais suportável. Ao falar com Jeneé, Kayla percebeu que ela tivera esse tipo de ligação no passado. Mas com quem? E como ela pôde esquecer, se sentia que a ligação tinha sido tão forte?

Kayla queria poder apontar as respostas e era grata pela gentileza que Jeneé demonstrou enquanto ela tentava entender tudo aquilo. Durante o dia, Kayla ia para as ruas do French Quarter, bairro central de Nova Orleans, na esperança de ver algo ou alguém familiar. Ontem ela vira um homem cujos olhos a fizeram parar e olhar de novo. Olhos cinzentos. Olhos frios. Olhos sinistramente semelhantes aos que ela viu em seus sonhos. Ele nem havia reparado nela, sua atenção estava voltada para uma faca em uma vitrine, mas Kayla percebeu que ele quase a sentiu.

Não foi uma boa sensação.

Ela abraçou o travesseiro fino em que apoiava a cabeça e virou os olhos em direção às pequeninas janelas na parte de cima de uma das paredes. Ela não queria pensar de novo naquele monstro de olhos cinzentos, queria poder forçar aquele estranho de olhos azuis a voltar e confortá-la, fazê-la completa. Mas não estava conseguindo, e ficou arrasada ao se dar conta disso. Ela precisava dele agora. Sempre. Por que ele não conseguia encontrá-la?

Mordeu o lábio inferior e se concentrou na escuridão que foi diminuindo à chegada do amanhecer. Será que lhe havia acontecido algo de terrível e ele não fazia mais parte de sua vida? Logo teria de sair do abrigo outra vez rumo às ruas do French Quarter. Kayla não queria voltar para lá, onde vira aqueles olhos cinzentos no dia anterior. E se ele ainda estivesse lá? E se ele fosse mesmo o monstro que a assombrava?

Um soluço desolador ecoou de um corredor distante do abrigo, e Kayla aguçou os ouvidos para ouvir. O ruído não vinha de nenhuma das mulheres que dormiam nos frágeis beliches que lotavam o quarto, nem da área masculina do outro lado da construção assemelhada a um armazém. Era um choro feminino, o choro de uma mulher sofrendo. Kayla não podia ficar simplesmente lá deitada, ouvindo. Fosse quem fosse, ela estava precisando de ajuda.

Ela saiu debaixo do cobertor surrado, levantou da cama e então foi passando pé ante pé pelas outras sem-teto. O chão estava muito frio e ela quase voltou para pegar

seus sapatos, mas o choro soava tão pesaroso, tão triste, que ela não conseguiu parar. Algo de terrível devia ter acontecido para fazer alguém chorar com tanta intensidade.

Uma recordação lhe provocou os sentidos. Choro, dor, vontade de morrer. Um som muito semelhante ao que ela estava ouvindo agora. E depois outra memória, a lembrança de um grupo de garotas se abraçando, dando força umas às outras nas horas difíceis. Ela tinha saudade dessas garotas. Sentia falta do amor, do apoio e da ligação intensa que havia entre elas.

Como ela podia sentir tantas coisas por elas e mesmo assim não se lembrar de seus rostos nem de seus nomes?

Ao descer o corredor que separava os quartos de dormir da área principal do abrigo, ela percebeu uma luz fraca vindo da porta em direção à cozinha. Ela entrou e se deparou com Jeneé Vicknair sentada de frente para uma das escrivaninhas no meio do recinto, usando a mesma camisa verde-exército e calça caqui da noite anterior. Estava com os braços dobrados sobre a mesa e a cabeça aninhada entre eles. Os cabelos longos e castanhos caíam livres pelas costas, e as lágrimas pingavam livremente sobre seu pulso direito.

— Eu costumava fazer isso — Kayla disse baixinho.

Jeneé levantou a cabeça, assustada, e apertou os olhos para ver Kayla à meia-luz gerada pela única lâmpada sobre o fogão.

— Kayla — ela sussurrou. — Eu a acordei. — Seus olhos castanhos, que normalmente transbordavam compaixão e gentileza, estavam vermelhos e molhados. Ela esfregou o nariz com as costas da mão e fungou. — Desculpe.

— Eu não estava dormindo. — Kayla sentou-se na cadeira perto de Jeneé.

As lágrimas continuaram pingando lentamente dos olhos injetados de Jeneé, que respirou fundo como quem tenta se acalmar em meio a um turbilhão emocional. Kayla entendeu e esperou. Havia momentos em que conversar não era a melhor coisa para uma pessoa magoada. Kayla sabia disso, apesar de não ter certeza de como sabia. No final das contas, Jeneé deu um sorriso suave. No momento, ela parecia ter bem menos que seus 21 anos, para Kayla mais parecia uma criança ferida. Por alguma razão, Kayla também conhecia aquele olhar.

Então os olhos de Jeneé pareceram focalizar Kayla.

— Você disse que costumava fazer isso. Do que estava falando?

— Chorar sozinha para aliviar a dor. Jeneé ficou desconcertada.

— Está se lembrando de algo do passado?

Kayla deu de ombros. Ela realmente estimava o interesse sincero de tentar ajudá-la a juntar as peças.

— Nada de concreto, e quanto mais eu me lembro, mais acho que deve ser melhor

não lembrar de nada.

— Não force. Tenho certeza de que virá naturalmente. — Jenee fungou outra vez e o que parecia a última de suas lágrimas se formou na beira dos olhos.

— Você ouviu as ambulâncias à noite? Kayla fez que sim.

— Eu as ouço todas as noites.

Ambulâncias, tiros, brigas de rua. Nova Orleans era famosa por tudo isso, especialmente à noite, e, durante seu tempo no abrigo, Kayla ficou acostumada à mistura de sons de violência na escuridão. As voluntárias disseram a ela que o crime fazia parte daquela região da cidade, mas que dentro do abrigo ela estaria em segurança. E lá ela realmente se sentia segura. O que realmente a deixava com medo eram aqueles olhos cinzentos em seus pesadelos.

— É, imagino que você ouça mesmo — Jenee disse. — Mas, desta vez, elas estavam bem em frente ao abrigo e eu fui ver o que estava acontecendo. — Ela afastou os cabelos do rosto e levou a mão à testa, esfregando-a como se quisesse afastar a tensão da cabeça. — Uma mulher foi esfaqueada e tentou correr para o abrigo em busca de ajuda. Eu quis ajudá-la, mas ela... não resistiu.

— Eu lamento muito — Kayla disse. Parecia a única coisa a dizer.

— Eu também. O pior é que eu a reconheci. Ela veio aqui ontem. Ela era tão jovem, não devia ter mais de vinte e poucos anos.

— Ela era sem-teto?

— Não, acho que ela estava querendo fazer uma doação. Ela chegou a dizer que ia tentar voltar à noite, quando chegassem nossos hóspedes para ver como dávamos conta de dar casa e comida para tanta gente. Imagino que ela estivesse voltando para cá quando foi esfaqueada.

— Qual era o nome dela? Jenee balançou a cabeça.

— Não sei. Ontem ela não me disse, e, de acordo com meu primo, ela não tinha identificação nenhuma. Ele disse que ela deve ter sido roubada, e a identidade foi junto.

— Seu primo?

— Ele é médico traumatologista e estava trabalhando no setor de emergência, mas ela morreu antes de a ambulância chegar ao hospital. Ele não teve nem chance de tentar salvá-la.

Kayla lembrou-se vagamente de Jenee ter mencionado que havia um médico na família. Que pena seu primo não ter conseguido salvar uma mulher que havia tocado o coração de Jenee, como estava claro.

— Você vai ficar bem? — Kayla perguntou, mais uma vez sentindo a forte ligação entre as duas mulheres e tendo a certeza que já sentira aquilo antes.

— Vou, sim. E realmente sinto muito se a acordei. Por que não tenta dormir um pouquinho enquanto não amanhece? Vou embora quando chegarem os voluntários do café da manhã, mas volto à tarde.

Kayla fez que sim com a cabeça, sabendo que Jenee ia voltar, apesar de sábado não ser seu dia de voluntária. Ela sempre voltava para ver se Kayla estava bem e se havia recuperado alguma lembrança do passado. Jenee era a principal razão pela qual Kayla voltava todas as noites à Rua Magazine. Havia outros abrigos na cidade, mas aquele tinha alguém que realmente se importava, e Kayla precisava da familiaridade de um rosto amigo.

Ela observou Jenee indo embora para encontrar conforto em meio aos familiares. Kayla tentou se forçar a lembrar de uma imagem de sua casa, mas não veio nada.

E se ela não se lembrasse de nada, nunca?

CAPÍTULO TRÊS

O coração de Gage bateu forte como os trovões da Louisiana quando ele passou os dedos no rosto dela e olhou dentro daqueles olhos cor de chocolate. Ela era linda, bela, preciosa... e era dele. Ele a procurara por tanto tempo, a desejara por mais tempo ainda e, finalmente, aqui estava ela, dando-lhe tudo que ele sempre desejara, completando-o. A despeito de todo seu histórico com as mulheres e sua abordagem tipicamente autoconfiante do sexo, ele tremia toda vez que estava com ela. Este poder era mais forte do que do que qualquer coisa que jamais experimentara. Os dois não faziam apenas sexo — ele se deu conta que aquilo era fazer amor.

Ele sentiu com as pontas dos dedos a pulsação enlouquecida no pescoço dela e então foi descendo lentamente as mãos espalmadas, acariciando-a ao passar pelos mamilos e pelo ventre retesado. A excitação de Gage também foi aumentando, e ele se deu conta que não era o único ali que estava tremendo. Seu corpo estremeceu ao toque daquela mulher que mexia os quadris de ansiedade. Ele foi descendo as mãos pelas coxas e gentilmente abriu-lhe as pernas, e então foi descendo a boca para beijar seu clitóris, que estava totalmente exposto e pronto para que ele o lesse minuciosamente.

Ele a lambeu bem ali, sentindo aquele sabor paradisíaco, e então se preparou para dar a ela um orgasmo avassalador. Gemidos agoniados invadiram aquele momento perfeito. Gage balançou a cabeça, querendo que desaparecessem os gemidos de dor. Aqueles olhos castanhos lhe imploravam os lábios fartos que estavam franzidos nos cantos.

— Não vá — ela sussurrou. — Não vou demorar. Estou quase lá. Por favor, não vá.

Ele não queria ir embora. Ele jamais queria deixá-la, mas o choro se intensificou, e Gage teve de lutar contra o impulso de sucumbir ao chamado lúgubre do espírito.

Uma vez. Se ele pudesse tê-la uma vez mais antes de ir embora, talvez isso satisfizesse sua fome até que pudesse retornar. Ele subiu sobre ela, pressionou o membro duro com força contra sua fenda molhada e olhou bem dentro daqueles olhos cor de chocolate; esperou que ela lhe dissesse, mais uma vez, que era isso que ela queria, que era ele quem ela queria.

Ela lambeu os lábios, fez que sim com a cabeça e...

Sumiu.

Gage rolou e quase caiu do sofá vermelho da infame sala de estar de vovó Adeline. Com súbita clareza, ele se lembrou de onde estava e por quê. Onde? Na Fazenda Vicknair, mais precisamente na sala de estar da avó no segundo andar da ampla casa. Por quê? Por suspeitar que a mulher que morrera na noite passada seria o próximo espírito a ser entregue aos seus cuidados, de modo que, ao chegar em casa depois do plantão, ele já estava esperando por uma carta de Adeline Vicknair comunicando-lhe o fato. A carta não aparecera e Gage aproveitara a oportunidade para tirar uma merecida soneca.

— E então, qual é o nome dela?

A poucos metros dele, sua prima mais velha o observava de modo intencional, como se seus olhos verdes tivessem presenciado todo o encontro. Nanette estava vestindo uma camiseta preta surrada e calças pretas de pintor, sentada de pernas cruzadas em uma poltrona com estamparia de flores, bebericando café. Seus cabelos muito negros estavam presos em um rabo de cavalo, outra indicação de que ela estava pronta para o trabalho de sábado na casa.

— Temos de conversar umas coisinhas antes de começar — ela disse, e indicou um cartão púrpura claro equilibrado em um dos joelhos —, mas primeiro quero que me diga que mulher o deixou sorrindo daquele jeito. Você parecia um dos meus alunos adolescentes sonhando acordado. Quem é ela?

— Não sei — Gage respondeu sinceramente, espreguiçando-se no sofá. Ele girou a cabeça para o lado e percebeu que dormira de mau jeito. O que não era nada bom, já que ele e os primos tinham um dia de trabalho braçal pesado pela frente: limpar o primeiro andar. O último temporal aumentou a lama na estrutura já bamba da fazenda, e o presidente da paróquia, juntamente com seu comitê, ia inspecionar o térreo dentro de uma semana.

Desde que o furacão Katrina se abateu sobre a Fazenda Vicknair, os primos vinham trabalhando incansavelmente para adequar sua amada casa aos padrões da paróquia e assim evitar a demolição. Realmente a mansão não chegava mais nem perto

de sua presença majestosa pré-furacão; suas muitas janelas precisavam de reparos, as oito colunas da frente estavam ligeiramente inclinadas e a própria fundação da casa rangia por causa da pressão do temporal. Mas Gage sabia que, se tivessem dinheiro, o lugar poderia voltar a ser a impressionante mansão de mais de dois séculos atrás.

Nanette obtivera uma lista detalhada dos reparos mínimos necessários para que a casa se enquadrasse no padrão requisitado para atingir o status de fazenda histórica e assim conseguir financiamento da Sociedade Histórica de Louisiana, mas Charles Roussel, o presidente da paróquia, estava fazendo de tudo para que o lugar fosse condenado antes que a sociedade tivesse oportunidade de ajudar. Toda a família Vicknair sabia qual era a motivação de Roussel. O espertinho queria comprar a propriedade, mas Gage estava disposto a encarar a briga. Os Vicknair não iam entregar a herança da família tão fácil assim. Não mesmo.

A fazenda escapara da demolição no mês passado porque eles conseguiram trocar as telhas, mas Roussel ainda considerava o lugar perigoso e o comitê vinha verificar isso no próximo sábado. Não era preciso dizer que Gage e seus primos iam passar a semana ocupados com a casa. Na verdade, Gage pedira uma semana de férias do hospital para se certificar de que tudo seria feito para eles passarem na inspeção.

Mas ele sabia que essa não seria sua única obrigação a cumprir antes do próximo sábado; ele tinha um fantasma a caminho. Um fantasma cujo choro o arrancara de um sonho perfeito com a mulher mais perfeita de suas fantasias, e aquele choro ainda ecoava em seu pensamento.

— Você não sabe o nome dela? Quer dizer que eu não sou a única a fantasiar com estranhos sensuais?

— Nan disse zombando enquanto deixava a xícara em uma mesa próxima.

— Não — Gage admitiu, apesar de que a mulher de seu sonho não parecia estranha. Ele fizera amor com ela diariamente por duas semanas e se sentiu tão atraído por ela, tão conectado, que nem quisera mais ninguém. Mas não queria falar sobre isso com Nan. Pelo contrário, ele queria saber do cartão em sua mão.

— O que é isso?

Não era uma carta, o típico método de comunicação entre Adeline e seus netos, mas lá estava sua cor típica, lavanda clara, e também dava para ele sentir o cheiro típico de sua avó. Magnólias.

— Como sabe, agora você tem um cunhado. — Nan entregou o cartão a Gage. — E as forças superiores pelo jeito concordam com o fato de que ele não é mais um fantasma.

Gage leu o texto. Ele sempre achava engraçado como aqueles poderes de outro mundo escolhiam informar as coisas em forma de e-mail.

Para: Adeline Vicknair, Grande Matriarca dos Médiuns Vicknair

De: Lionelle Dewberry, Guardiã de Primeira Classe

Ce: Conselho Diretor, Esquadrão Dirigente Domínio-Entrada

Assunto: Caso nº 19.01.6418 - Ryan Chapelle

Situação atual: Foi concedida ao requerente uma segunda chance para viver e amar. Ademais, o requerente se casou com sua alma gêmea, Monique Vicknair, com aprovação unânime do Conselho.

— E o que você acha disso? — Gage falou como se fosse um psicanalista, sendo que era ele quem estava no divã.

Nan cruzou os braços e olhou de cara feia.

— Você não parece nem um pouco chocado. Você sabia, não sabia?

— Ela me ligou ontem à noite, quando estava indo para Las Vegas.

— E quando exatamente ela tinha intenção de me contar?

— Ela não ia lhe contar. Por isso ela me ligou.

— Sua irmã nunca deixa de me surpreender. — Nan ficou com as bochechas levemente vermelhas, balançou a cabeça e riu. — E nem os espíritos. Por que eles nos anunciaram o casamento dela dessa maneira?

— Talvez eles saibam que, se você recebesse algum comunicado deles afirmando que não havia problema em ela casar com Ryan, acabaria aceitando sem perturbá-la — disse Gage, provavelmente com mais sinceridade do que ela esperava, mas ora, diabos, ele estava cansado e fora acordado no meio de um sonho sedutor com uma fantasma que ainda não tinha aparecido.

— Vou ignorar o comentário engraçadinho por duas razões. Primeira, porque aposto que você não dormiu mais do que quatro horas.

— Que horas são?

— Oito e meia.

— Aposto vencida.

— Segunda — ela continuou —, você não fez sexo esta noite, fez?

Droga, ela o conhecia bem demais.

— Aposto vencida outra vez.

— E terceira razão...

— Você disse duas.

— Acrescentei mais uma. — Ela não perdia aquele ar impassível. — Terceira, você tem razão. Eu não teria previsto que os espíritos fossem dar permissão para um casamento entre uma médium e um ex-fantasma. Quer dizer, nós sequer devemos tocar os fantasmas, e Monique vai e casa com um.

— Ele não é mais espírito, esqueceu?

— É, e eu também fiquei chocada com isso, mas, ora, quem sou eu para julgar o que eles devem ou não devem fazer? Estou presa aqui desse lado — Nan disse.

— Presa? — Do que ela estava falando?

— Não se preocupe. Não estou pensando em passar para o lado de lá tão cedo, mas vou lhe dizer uma coisa, a vida desse lado seria muito mais agradável se conseguíssemos colocar essa casa nos padrões da Sociedade Histórica, se eu conseguisse encontrar alguém que me fizesse sorrir do jeito que você estava sorrindo agora ao sonhar, e se Charles Roussel nos deixasse em paz.

— Aposto que o presidente da paróquia realmente adora não deixar você em paz — Gage disse. — Eu vi o jeito que Charles Roussel olhou para você da última vez que veio reclamar da casa. E acho que detectei algo mais se manifestando para outra direção, também.

— Você está fora de si. Aquele homem quer destruir nossa casa. Se você viu algo se manifestando, foi a minha raiva.

Gage deu risada. Ele sabia que só de tocar no nome de Roussel ela acabaria se esquecendo do casamento de Monique e do fato de ele ter ficado sabendo antes dela. Nan gostava de seu papel de prima mais velha, e gostava especialmente de se sentir no controle dos médiuns da família. Ela não gostava de falar sobre Charles Roussel. Gage realmente sentira um clima diferente entre eles, mas, se ela queria negar, tudo bem.

— Só tinha esse cartão no jogo de chá? — ele perguntou.

Nanette fez que sim, aparentemente aliviada por terem parado de falar em Charles Roussel.

— Pensei que você tivesse vindo para cá depois do plantão para pegar alguma carta da vovó designando mais um fantasma, mas só tinha o cartão mesmo. Está ouvindo fantasmas chorando?

— Uma fantasma, e tenho quase certeza de que sei quem é.

— A mulher que morreu ontem à noite? — Ao ver a expressão de surpresa de Gage, ela explicou melhor: — Jeneé falou comigo sobre isso antes de ir dormir, de manhã cedo.

— Que horas ela chegou aqui? — Gage não gostou nada do estado da prima mais nova quando ela saiu do hospital, com o rosto molhado de lágrimas após ver a morte daquela jovem.

— Por volta das seis. Parecia exausta, coitadinha. Sei que deve ter sido muito duro para ela.

— E foi. Eu tentei fazê-la voltar para cá comigo quando ela saiu do hospital, mas Jeneé preferiu voltar para o abrigo até o próximo grupo de voluntários chegar.

A porta da frente da fazenda bateu ruidosamente e então se ouviram passos

pesados subindo os degraus que levavam ao segundo andar.

Dentro de segundos surgiu Tristan Vicknair com seu físico alto e musculoso, vestindo uma camiseta dos bombeiros de LaPlace e calça jeans. Aos 29 anos, ele era o primo mais velho depois de Nanette e usava seu status de vice-líder como um crachá de honra familiar.

— Vocês vão ficar aqui de papo pro ar o dia inteiro ou vão me ajudar a limpar aquela sujeira? E cadê o resto da prole? — ele perguntou.

— Dax já está trabalhando lá embaixo. Ultimamente não consigo fazê-lo parar de trabalhar. — Nan parecia preocupada.

— Acho que ele está tentando parar de pensar no último fantasma que atendeu. Não sei o que vamos fazer quanto a ele ficar se aproximando tanto dos espíritos.

Ela soltou um suspiro de exaustão.

— O objetivo, de fato, é fazer com que terminem a travessia.

— Alguém pode avisar isso a Monique? — disse Tristan.

Gage notou o sorriso afetado no rosto de Tristan e entendeu que ele estava tentando provocar Nan.

— Monique está em Las Vegas — ele disse — e, de acordo com o comunicado que vovó Adeline mandou esta manhã, está com aliança de casada no dedo.

Ao ver o sorriso satisfeito de Tristan, Gage se deu conta de que ele não era o único que achava que Monique havia encontrado seu par perfeito, apesar de ele ter passado um breve período na terra dos mortos.

— Por mim tudo bem — Tristan disse. — Eu gosto do cara, e ele trabalha bem para caramba.

— Bem, infelizmente Ryan por enquanto só estará trabalhando em sua lua-de-mel — Nan observou. — Não faço idéia de quanto tempo eles vão ficar fora, mas daqui a uma semana Roussel vai nos mandar alguém para fiscalizar o primeiro andar, e vocês sabem que ele virá supervisionar tudo pessoalmente.

Gage tinha para si que Roussel vinha mais para ver algo além da casa, mas não ia dizer mais nada.

— Acho que vamos conseguir limpar tudo sem Monique e Ryan, sim. A propósito, eles voltam dentro de uma semana — Gage disse.

— Pelo jeito, Gage sabe mais do que eu — Nan disse com certa irritação.

Ele sorriu.

— Só quando se trata da minha irmã.

— E quanto à minha irmã? — Tristan perguntou. — Cadê Jenee?

— Ela não lhe telefonou?

O sorriso de Tristan se desfez.

— Não, por quê?

— Ela está bem — Nan disse logo. — Na verdade, ela está lá em cima, dormindo em seu quarto, mas teve uma noite muito difícil e provavelmente não vai nos ajudar muito hoje.

— O que aconteceu? — Gage notou a preocupação de Tristan. Até por ser bombeiro, Tristan era muito protetor para com as pessoas em geral, mas em se tratando de sua irmã...

— Enquanto ela estava no abrigo ontem à noite uma mulher foi esfaqueada e Jenee tentou ajudar — Nan explicou. — Levaram a mulher para o hospital de Gage, mas ela já chegou morta. Gage acha que ela vai ser o próximo fantasma que lhe será encaminhado, mas ainda não veio carta nenhuma. Seja como for, Jenee foi para o hospital e viu quase tudo.

Gage viu que Tristan ficou de queixo caído, mas então se recuperou e se concentrou no assunto que mais o preocupava: sua irmã.

— Jenee presenciou um esfaqueamento? Isso aconteceu no abrigo? E por que ela não me ligou?

Tristan achava que não era seguro para Jenee passar tanto tempo no perigoso centro da cidade e não fazia segredo disso. Gage pensava igual, mas entendia a vontade que a prima tinha de ajudar quem precisava. Isso era algo já impregnado na família Vicknair. Gage achava que esse desejo de ajudar explicava por que ele era médico, Nan era professora, Tristan era bombeiro e Jenee estava procurando fazer carreira de assistente social. Mas, no momento, seu trabalho a estava expondo a riscos, e seu irmão mais velho não estava gostando disso.

— Jenee não presenciou o esfaqueamento — Gage esclareceu. — A mulher fora esfaqueada em algum ponto da Rua Magazine, depois parece que tentou chegar ao abrigo, mas desmaiou no meio de um grupo de boêmios. Jenee ouviu o barulho do lado de fora e, naturalmente, tentou ajudar, então me ligou, porque a vítima fora levada à emergência do Hospital Ochsner.

— E ela não me ligou — Tristan repetiu.

— Ela sabia que você estava no posto do Corpo de Bombeiros e não quis incomodá-lo — Nan disse, tentando confortá-lo. Mas não deu certo.

— Droga, eu sou irmão dela. Quero que ela me incomode com esse tipo de coisa.

— Desculpe — Jenee disse da porta. Gage percebeu que ela estava com as mesmas roupas da noite anterior, a única diferença é que estava descalça agora. — Eu realmente não tinha como fazer muitas ligações e precisava avisar a Gage que ela estava a caminho do hospital.

— Você está bem? — Tristan perguntou, passando o braço ao redor do ombro da

irmã em um gesto protetor.

— Estou. Triste, mas tudo bem. E desculpe por não ter ligado para você.

— Tudo bem, mas da próxima vez que estiver encrocada quero que me ligue, nem que seja depois do acontecido.

Gage balançou a cabeça, concordando. Se fosse com Monique ele também ia querer receber um telefonema.

Infelizmente, balançar a cabeça pareceu intensificar os gritos em sua cabeça. O fantasma devia estar chegando.

Nan se levantou da poltrona e fuzilou Gage com os olhos. Seu rosto refletiu os barulhos que estavam lhe sobrecarregando o cérebro.

— O que foi? — ela perguntou.

Os uivos ficaram mais altos e ele fez uma careta e se concentrou no jogo de chá como se pudesse forçar o aparecimento de uma carta.

— Acho que meu fantasma está se aproximando.

— Então fique aqui e espere enquanto eu preparo o café da manhã. Vamos lhe trazer um prato — Nan ofereceu.

— Vou correr e tomar um banho — Jenee disse. — Depois venho ver se o fantasma é mesmo a mulher de ontem que não está conseguindo fazer a travessia. Quero saber por quê. Talvez eu possa ajudar.

Nan voltou-se para Tristan.

— Vá ver se você consegue fazer Dax parar um pouquinho para comer.

Assim que o último dos primos sumiu, um envelope cor de lavanda apareceu no jogo de chá com o nome de Gage escrito.

Ele pegou o envelope e os uivos em sua mente imediatamente pararam. Abriu e tirou as três folhas de papel, como de costume. O forte cheiro de magnólia trazia a lembrança dos fortes abraços de urso e beijos que a avó lhe dava quando ela era viva.

Gage leu a informação no alto da página.

Nome da falecida: Lillian Bedeau.

O rosto da mulher na ambulância lhe preencheu a mente. Gage já conhecia o olhar da morte. Alguns rostos mostravam horror, outros mostravam paz e outros ainda transpareciam aguda determinação, como se encarassem o desconhecido com ousadia e ansiedade. A mulher da noite passada parecia estar com medo, mas Gage achava que o medo não era por ela mesma.

Você tem de avisar a elas, a todas elas. Salve-as.

Gage continuou a ler.

Razão da morte: esfaqueada ao tentar salvar a amiga.

A parte debaixo da página dizia o que Gage presumira corretamente desde o começo.

Requisito para passagem: salvar Makayla Sparks.

Gage piscou os olhos, deu outra olhada nas palavras e então franziu o cenho.

Quem era Makayla Sparks? Que tipo de perigo ela estava correndo? E salvá-la do quê? Da morte, Gage presumiu. Era realmente uma tarefa de vulto. Ele olhou para o teto.

— Obrigado — murmurou para a avó, que ele sabia que provavelmente estava observando e escutando.

Uma persiana bateu ruidosamente na lateral da casa, mas não havia o menor sinal de vento naquela manhã.

— Não se preocupe — ele disse. — Vou dar conta. Só tenho de descobrir como.

Ele passou à segunda folha. Como sempre, trazia as regras de como lidar com os espíritos. Gage conhecia todas elas, mas acabou lendo as páginas por inteiro, antes de assinar à última. Era o documento oficial no qual a avó designava Lillian Bedeau a um de seus netos.

Para: Adeline Vicknair, Grande Matriarca dos Médiuns Vicknair.

De: Lionelle Dewberry, Guardiã de Primeira Classe

Ce: Conselho Diretor, Esquadrão Dirigente Domínio-Entrada

Assunto: Caso nº 19.01.6613 - Lillian Bedeau

Situação atual: Acesso negado.

Purificação necessária: Salvar a amiga de infância do mesmo assassino que a matou.

Tempo designado para a purificação: Cinco dias.

Cinco dias para impedir um assassino de matar uma mulher de quem ele jamais ouvira falar; uma mulher que, até onde ele sabia, poderia estar morando em outro país.

— Por que não me passou um caso mais difícil? — ele perguntou sarcasticamente olhando para o teto esculpido, e a persiana começou a bater ruidosamente outra vez. — A senhora sabe que farei o melhor que posso, mas não acha que é preciso um pouquinho mais de informação? Tipo, quem é Makayla Sparks, onde ela está e como

posso ajudar meu fantasma a salvá-la?

— Eu sei de tudo isso — uma voz feminina disse com firmeza detrás dele. — E vou lhe contar no caminho. Não temos tempo a perder. Ele está à procura dela agora mesmo.

Gage virou-se para ver a mulher da ambulância, cujos cabelos louros não estavam mais emaranhados, mas longos e brilhantes. Seu corpo inteiro brilhava, na verdade, do mesmo jeito que todos os fantasmas brilhavam. E seus olhos eram mais negros que tudo, outra característica daqueles que estavam perto de fazer a passagem. Só que Gage jamais vira um fantasma de olhos tão determinados, ansiosos e temerosos.

— Temos de nos apressar—ela repetiu, caminhando em direção à porta. Ela estava com a mesma blusa cor-de-rosa da noite passada, a mesma calça preta e com a tatuagem de rosas no tornozelo. A diferença é que não havia rasgos na parte onde a faca penetrou o tecido, a pele e o músculo, e nenhuma mancha escura de sangue formando a imagem líquida da violência.

— Certo. — Ele sabia que era melhor não fazer um fantasma esperar. —Aonde vamos? — ele perguntou, praticamente correndo ao seguir o ágil espírito escada abaixo.

— Gage? — Jenee chamou, descendo a escada ainda com os cabelos molhados do banho de chuveiro.

— Meu fantasma — ele disse, indicando a área em frente a ele, já que mais ninguém podia vê-la. — Temos de salvar uma pessoa.

— Diga a ela que é Kayla — a mulher instruiu.

— Diga a Jenee que o homem que me assassinou vai matar Kayla, e que temos de detê-lo.

— Kayla? — Ele rapidamente se voltou para Jenee.

— É a mulher que você andou ajudando no abrigo, não é? Aquela que não se lembra quem é?

— O que tem ela? — Jenee perguntou com os olhos já em pânico.

— Ela disse que o homem que a matou está atrás de Kayla.

— Não! — Jenee correu para a porta da frente. — Estou indo.

— Não — Lillian ordenou incisivamente. — É você quem deve me ajudar a salvá-la. Diga a ela que traremos Kayla para cá, mas primeiro temos de chegar lá a tempo.

— Tenho de ir sozinho — Gage virou-se para gritar para a prima que o seguia de perto enquanto ele corria para pegar seu caminhão. — Mas nós a traremos para cá. — Ele entrou e sentou no banco do motorista e olhou para os olhos negros e penetrantes de Lillian.

— Nós vamos chegar a tempo.

— O abrigo está fechado e ela está sozinha. E ele está lá. Sei que está. — Ela piscou os olhos como quem contém as lágrimas. — Sei onde ela está. Posso vê-la, mas não a ele.

— Nós vamos chegar a tempo. — Gage torcia para que chegassem mesmo. Ele pisou fundo no acelerador e saiu levantando poeira.

— E também não estou vendo Shelby — Lillian acrescentou.

— Shelby?

— Nós éramos quatro — ela sussurrou. — Quatro garotas que testemunhamos contra ele. Nós éramos como irmãs, e passamos por tudo juntas. Eu as amo tanto, não posso permitir que ele faça nenhum mal a elas. E ele agora irá atrás de Makayla. Sei que vai. Ele disse que ia se vingar ao sair da prisão. Eu sei que é ele. Reconheci aqueles olhos... quando ele me esfaqueou.

— Quem?

— Wayne Romero. Ele era jardineiro no Orfanato Sete Irmãs, onde vivíamos na época. Eu, minha irmã Chantelle, Shelby Boudreaux e Makayla Sparks. Chantelle, Shelby e eu vivíamos no Sete Irmãs desde o dia em que nascemos. Mandaram Makayla foi para lá depois que seus pais morreram. Ela era um pouquinho mais velha que nós, e mais bonita. Acho que foi por isso que ele abusou mais dela.

Gage sentiu um nó no estômago. Nem precisava de explicação para a última frase. Já vira muitas vítimas de estupro no hospital, e muitas delas eram crianças. Ou melhor, costumavam ser crianças, seria o certo. Depois que algo assim acontece com elas, essas tristes meninas não podem mais ser consideradas crianças. E agora o pedófilo estava aterrorizando suas vítimas outra vez. Só que desta vez ele queria matá-las.

— Vejo minha irmã, vejo Makayla, mas não vejo Shelby de jeito nenhum — Lillian sussurrou. — Por que não consigo vê-la? E por que eles lá de cima — fez um gesto para o alto — não me deixam vê-lo? Isso nos ajudaria a descobrir onde ele está.

— Vou fazer o melhor que posso para encontrar todas elas — Gage prometeu. — E vamos encontrá-lo e fazer com que pague pelo que fez.

— Shelby já se foi. Ele a encontrou e a matou também. Sei disso. Mal falei com ela este ano, ela estava passando por momentos difíceis — ela disse, seguindo o impulso natural de se culpar quando um ente querido se vai. — Por que eu não estava lá para salvá-la também?

— Sinceramente, não sei.

Ela levou a mão ao peito, no ponto onde, apenas um dia antes, batia seu coração.

— Nós nos encontramos todo Natal — ela disse, soluçando. — Quer dizer, nós íamos para a casinha da dona Rosa perto do orfanato. A família de dona Rosa nos

ajudou muito ao longo do julgamento e vem nos ajudando desde então. Mesmo quando não nos encontramos durante o ano, sabemos que vamos nos reencontrar no Natal da dona Rosa. — Lillian balançou a cabeça. — Mas eu devia ter ligado para ela com mais frequência, e para Makayla também, mas... — ela deu de ombros — sei lá. A gente fica ocupada com a vida e não vê as pessoas com quem deveria manter contato. Shelby se divorciara e passara por apertos. Ela me contou isso no último Natal. Eu liguei umas vezes para ela depois disso e saímos para tomar café, conversamos sobre ela e Philip e sobre o que dera errado. É difícil ter um relacionamento depois de ter sido abusada, sabe? E agora ela se foi.

Gage soltou o ar dos pulmões pesadamente. Ele não entendia por que algumas pessoas partiam tão cedo enquanto outras viviam tanto. Mas se as outras estavam correndo perigo, ele tinha de ajudá-las também. Ele tinha de deter o assassino.

— Adeline confia muito mesmo em mim, não é?

— Confia, sim. E Makayla também — Lillian respondeu.

— Como assim? — Ele não conhecia Makayla Sparks, ou Kayla, como Jenee a chamava. Mas Lillian não explicou mais nada.

— Você vai ver. Era para ser, sabe. Desde muito tempo. Adeline me disse.

— Disse o quê?

Ela limpou a garganta e ignorou a pergunta. — Você vai precisar ter muito cuidado com Makayla. Ela não se lembra do passado.

— Por quê? O que a levou a perder a memória?

— Ele a encontrou primeiro — Lillian disse. — Tentou matá-la, mas Makayla sempre foi a melhor de briga entre nós quatro. Desta vez não era mais criança e lutou como adulta. Ela cravou uma faca de cozinha nele e saiu correndo.

— E foi então que perdeu a memória? Lillian confirmou balançando a cabeça.

— Adeline me disse que ele arrombou a casa que Makayla estava alugando. Como a maioria de nós, ela se mudava muito para evitar ser localizada facilmente quando ele saísse da cadeia. Mas ele a encontrou e tentou estuprá-la na cozinha. Ela o esfaqueou e fugiu. No dia seguinte ela apareceu no abrigo sem se lembrar de nada.

Gage nunca se deparara com nenhum caso de amnésia de fuga — o tipo de amnésia que ocorre depois de um evento de natureza psicológica —, mas sabia que podia acontecer por Kayla achar que o passado estava se repetindo. Ela não queria ser vítima outra vez e fez tudo que pôde para evitar que isso acontecesse. Que bom para ela. Mas ruim para ele. Não sabia direito como convencê-la a deixar que ele a protegesse, já que ela não sabia do que precisava ser protegida.

— Ela vai se lembrar, você vai ver — Lillian disse. Gage demonstrou receio. Claro que o laço entre médium e espírito já havia se formado e Lillian estava aproveitando

para ler seus pensamentos.

— Ela vai confiar em você — Lillian completou. — Ela o conhece.

— Você quer dizer por meio de Jenee?

— Ela ouviu falar de você através de Jenee, mas não é desse jeito que o conhece.

Ela o conhece de seus sonhos.

— O quê?

— Lá em cima — Lillian apontou para a saída para Poydras. — Rápido. Ela não está longe.

Gage nem percebera que saíra da cidade de Nova

Orleans.

— Logo você vai entender — Lillian disse. — Primeiro tire-a daqui antes que ele a encontre e faça com ela o que fez comigo. Eu a vejo tomando um bonde. Sei onde ela está. Vire à direita.

Gage seguiu as instruções. Não havia tempo a perder; ele tinha de deter aquele assassino antes que ele mandasse mais uma inocente para o outro lado.

CAPÍTULO QUATRO

Incansavelmente prestando atenção em cada passageiro, Kayla saltou do bonde na rua Magazine para pegar o rumo do canal. Ela se manteve em meio à multidão ao andar pela cidade, e também fez questão de perscrutar todos os olhos que se dirigiam a ela. Aquelas fendas cinzentas que ela vira ontem no Quarter estavam em algum lugar por aí.

Quem era ele? Será que ela estava simplesmente deixando sua imaginação correr frouxa depois que ficou sabendo que uma mulher fora esfaqueada na porta do abrigo na noite passada?

Não, ela achava que não. Ficar sabendo do ataque e da mulher que havia morrido lhe trouxe lembranças... lembranças de uma faca e de um homem, um homem cruel. Kayla quase sentiu o gosto do medo e também de sua determinação de não permitir que ele a ferisse outra vez. Custasse o que custasse, ela não o deixaria machucá-la outra vez.

Seus pensamentos se voltaram rapidamente para a faca, não o tipo de arma que se imagine nas mãos de um assassino e sim uma faca menor de serra, uma faca de cozinha, e nesse pensamento que lhe veio, a faca estava em sua mão.

Kayla sentiu um arrepio. Isso acontecera? Será que na verdade ela estava com uma faca na mão e tinha intenção de se defender daquele... daquele homem horroroso?

Era ele o monstro de olhos cinzentos que a perseguia naquele sonho; ela não tinha a menor dúvida.

O homem de seus pesadelos a ferira no fundo da alma, mas bem que seu cérebro podia apagar aquelas recordações. Se ele fez o que ela achava que ele fez, não queria lembrar. Jamais.

Kayla embarcou no bonde do canal e foi rapidamente para o meio das pessoas, ficando em uma posição na qual dava para ver pelas janelas, mas quem estava do lado de fora não podia vê-la direito. Apesar de predadores, em sua maioria, ficarem acuados à luz do dia, Kayla não era boba de achar que ficaria em segurança sozinha. Ia fazer de tudo para se misturar à multidão.

O bonde do canal estava bem mais lotado que o da rua Magazine e não estava abarrotado apenas de passageiros de Nova Orleans, mas também de turistas que vinham ver as atrações do centro da cidade. Eles não estavam tão atentos quanto o povo local; ainda estavam admirados com a cidade. Mas os nativos sabiam muito bem. A cidade era fascinante, mas não era nenhum playground. Uma mulher podia morrer no meio da noite sem ninguém perceber.

Ela podia morrer em pleno dia e ninguém sequer saberia seu nome.

Ela estremeceu só de pensar.

Outros passageiros subiram no bonde no ponto de North Peters. Por que ela não conseguia reconhecer um rosto que fosse na multidão? Naquela manhã, ao ver Jeneé chorando, veio-lhe um fiapo de recordação, na qual estava cercada por amigas, ou talvez fossem parentes. Irmãs? Ela se lembrou de como se apoiavam, mas era ela quem as mantinha unidas; Kayla sabia disso por instinto. Ela era capaz de se ouvir falando com elas.

Temos de ser fortes, fortes como as rosas.

Kayla pensou na rosa tatuada em seu tornozelo. O que significava ser forte como as rosas? E com quem ela estava falando? Irmãs? Amigas? Ou outras garotas que também foram feridas pelo homem de olhos cinzentos? Como ela poderia se proteger daquele sujeito se não se lembrava de nada além daqueles aterrorizantes olhos cor de chumbo? E daqueles encantadores olhos azuis?

Kayla odiava ter de sair do abrigo durante o dia. Ela fazia de tudo para se manter ocupada e fazer seu pouco dinheiro render o máximo. Jeneé lhe dera algum dinheiro e o abrigo lhe fornecera passes de bonde, vales-refeição e as roupas necessárias.

Na verdade, o abrigo da rua Magazine e Jeneé Vicknair foram nada menos que um presente de Deus nas últimas duas semanas. Mas, mesmo assim, Kayla precisava saber a verdade. De onde ela vinha? E o que a fizera se esquecer de tudo?

A intenção de Kayla era saltar no próximo ponto e comer alguma coisa na beira do

rio. Mas mudou de idéia completamente ao vê-lo parado em meio ao grupo de pessoas que ia embarcar no bonde. Ela sentiu um medo gelado lhe subindo a espinha, fazendo seu corpo inteiro tremer de pânico. Ele usava um casaco com capuz, mas Kayla sabia o que havia debaixo dele. Havia um par de gelados olhos cinzentos. O sujeito estava usando capuz em setembro em Nova Orleans. Era óbvio que aquele homem não se importava de chamar atenção, e agora chamara a de Kayla. Por sorte ele parecia não tê-la visto ainda, ou seja, ela tinha pouco tempo.

Ela foi se espremendo por entre os homens e mulheres em direção aos fundos do bonde. Só tinha poucos segundos e, se não fosse rápida, estaria viajando de bonde com o sujeito que ela suspeitava conhecer seu passado e ter sido parte dele. Uma parte horrível.

— Com licença. — Ela teve de empurrar com o ombro para passar por um homem cuja barriga ocupava todo o corredor. — Desculpe, eu preciso sair daqui.

Sentindo-se mais aliviada do que considerava possível, ela conseguiu sair do bonde segundos antes do veículo seguir viagem. Foi quando olhou para trás e viu. Era ele, com as mãos espalmadas na janela do bonde e o rosto escondido sob o capuz. Ele mostrou-lhe o punho em um gesto ameaçador e deu-lhe as costas. Para horror de Kayla, o bonde freou.

Não! Ela deu meia-volta rapidamente e ficou perplexa ao perceber que o pessoal que havia descido do bonde já estava se dispersando por várias lojas e restaurantes. Sem ter como se esconder, ela correu. Ao chegar à rua paralela mais próxima, uma viela atijolada, ela olhou para trás e o viu saltando do veículo. Kayla saiu correndo pela viela.

— Socorro! — ela gritou quando um velho de avental de cozinheiro abriu uma porta de metal. Ele olhou para Kayla, e para trás dela, e sem dúvida viu o homem que a perseguia. — Por favor! — ela berrou. O homem bateu a porta.

Ela passou por uma lixeira, tentando manter distância entre ela e o encapuzado.

— O que está fazendo, coroa? — ela ouviu um homem berrar atrás de si. Será que o cozinheiro viera ajudar? Ela ouviu sons de luta ecoando pela viela e a porta de metal batendo outra vez ao fechar. Kayla diminuiu o passo para retomar o fôlego e olhou para trás. O encapuzado estava caído no chão com algo enfiado na coxa direita. Aquela imagem lhe despertou um traço de recordação — um homem com uma faca enfiada no peito, e ela estava com a mão na faca.

— Argh! — ele berrou e, para horror de Kayla, levantou e começou a correr em direção a ela. Kayla saiu correndo e tropeçou, caindo sobre um engradado de madeira e torcendo o tornozelo. Gemeu um pouquinho, mas se ergueu e continuou, correndo o máximo que podia, o tornozelo doendo a cada passo... e seu predador se aproximando a

cada segundo.

Ela alcançou o fim da viela e pegou a próxima, e, para sua desolação, era outra viela, Deus a ajude. Esse beco tinha várias saídas se bifurcando da via principal, e Kayla acabou escolhendo uma delas, torcendo para não estar fazendo nenhuma besteira. Já era tarde demais quando viu que a viela era parcialmente coberta por toldos e a maior parte do caminho estava tomado pelas sombras.

Lançando mão de suas últimas reservas de coragem, concluiu que não podia recuar. Era isso, ganhar ou perder. Não podia voltar. Talvez a escuridão o impedisse de vê-la. Talvez ela na verdade tivesse achado o único caminho para se afastar de...

Ela bateu contra um muro grosso e perdeu o fôlego de uma vez só. A cabeça de Kayla girou e seu rosto foi forçado contra uma barreira inflexível. Agora ela se deu conta de que não era um muro ao ouvir a batida forte do coração de seu captor em seu ouvido e duas faixas de puro músculo a aprisionaram de encontro à barreira.

Ela lutou para se livrar dele, batendo as pernas violentamente e fazendo de tudo para chutar-lhe a virilha, mas, quanto mais ela tentava se livrar, mais forte ele segurava.

— Solte-me! — ela berrou, mas o peito amplo dele abafava seus berros. Kayla gemeu, e sentiu pena de si mesma. Ele a pegara. Agora ela ia morrer em uma viela escura de Nova Orleans e ninguém se importava.

— Fique quieta — ele murmurou, puxando-a mais para o fundo da viela.

Aquelas duas palavras lhe trouxeram outra lembrança. Kayla adolescente, pequena para sua idade e totalmente sem defesas contra aquele homem musculoso. Estava tudo sinistramente escuro. Ela se debatia, mas nada seria capaz de detê-lo. Ele era incansável, determinado, mau.

Fique quieta. Pare de resistir, maldição. Você sabe muito bem que é isso que você quer.

A realidade daquela imagem, do que havia sem dúvida acontecido no passado, doía quase tanto quanto o que estava acontecendo agora. Ela ia morrer antes de permitir que ele fizesse aquilo de novo.

A adrenalina pulsou intensamente em suas veias e sua determinação se intensificou. De um jeito ou de outro, ela ia dar um jeito de se afastar daquele monstro. Kayla cravou as unhas nas laterais dele com toda a força que conseguiu reunir. Não deu nem para o começo. Então ela pôs um pé para fora e bateu com o calcanhar em alguma ponta metálica. Uma lata de lixo? Uma porta? Ela não sabia, mas aproveitou para fazê-lo perder o equilíbrio, então apoiou todo seu peso no tornozelo que estava bom, e levantou o joelho, atingindo com força a virilha dele.

— Maldição, mas o que...

Os braços de aço que a seguravam afrouxaram o aperto momentaneamente. Kayla conseguiu virar o corpo, mas ainda assim ele não soltou. Incansável, ele a arrastou para o outro lado da viela. E agora, o que ela ia fazer? Um traço de luz solar iluminou a área e ela viu seu braço bronzeado lhe apertando o peito enquanto a puxava pela viela. Kayla abaixou a cabeça e mordeu. Assim ele ia soltá-la. Ou ao menos era o que ela pensava. Para seu horror absoluto, o braço apertou mais ainda, tanto que ficou difícil para ela respirar.

— Pare com isso — ele ordenou.

E foi então que vários detalhes que ela deixara de perceber na hora do pânico ficaram claros. Um, que seu agressor não estava de capuz. Na verdade, ele estava com os braços de fora por causa da camisa de mangas curtas. Outro, que ele não havia tentado atacá-la com faca, nem revólver, nem com arma nenhuma. Ele estava lutando contra ela, mas não para machucá-la. Ele parecia estar tentando tirá-la da viela. E o terceiro e mais importante detalhe: havia alguém mais naquela viela. Uma sombra movimentando-se rapidamente, apesar de mancar consideravelmente.

Os braços que a cercaram aproveitaram sua limitada resistência, levantando-a e transportando-a impiedosamente pelo que restava da viela. Antes que Kayla tivesse oportunidade de reclamar, seu captor a enfiou dentro de um grande caminhão preto onde também entrou em seguida e deu a partida... Segundos depois, o sujeito de capuz emergiu da viela.

CAPÍTULO CINCO

Lillian bem que dissera que Kayla era uma guerreira. Graças a Deus ela não tinha conseguido lhe atingir a virilha, senão ela o teria derrubado. A mordida também não fora nada demais, exceto uma marquinha que certamente duraria alguns anos. Mas ele não a culpava. Pelo contrário, ele a admirava muito. Ela fora abusada no passado, mas não se rendia sem lutar.

Ao dar uma olhada no espelho retrovisor ele viu o sujeito encapuzado na esquina levantar o braço e...

— Abaixo-se! — Gage empurrou Makayla... Kayla — para o chão e o vidro de trás se estilhaçou.

Lillian gritou. Tudo indicava que a bala e os cacos foram bem na direção dela, não que agora fizesse diferença, mas ela ficou apavorada. Makayla, contudo, continuou abaixada em absoluto silêncio. Parece que ela finalmente havia compreendido que era naquele homem desarmado que tinha de confiar no momento.

— Ela está bem? — Lillian perguntou. — Ele não a acertou, não é?

— Você está bem? — ele repetiu a Kayla.

— Estou. — Mal se ouvia sua voz por causa do barulho do caminhão.

— Tem certeza? — ele perguntou, percebendo que ela não tirava os olhos do chão.

— Sim — ela falou um pouco mais alto desta vez, mas não olhou para ele.

— Meu nome é Gage Vicknair. Sou primo de Jenee, o médico da emergência. Creio que você a conhece do abrigo, certo?

Não houve resposta.

— Não vou lhe fazer mal, Kayla.

— Makayla é esperta — Lillian disse. — Já na viela ela percebeu que você não queria lhe fazer mal, do contrário não teria conseguido fazer com que ela entrasse no caminhão. Mas ela está tão confusa, ela não se lembra...

Gage olhou no espelho, mas não viu sinal de ninguém os seguindo. Ciente de que não podia falar diretamente com Lillian sem deixar Makayla confusa, ele encarou o espírito e esperou que ela lhe dissesse o que estava acontecendo.

— E Chantelle. Minha irmã. Posso vê-la e senti-la. Ela está no hospital e prestes a identificar meu corpo. Não posso deixá-la entrar sozinha. — Seu lábio inferior tremeu. — Eu sei que ela não me vê nem me escuta, mas ela vai me sentir se eu estiver lá, não vai?

Gage fez que sim com a cabeça. Ele realmente acreditava que os mortos zelavam por aqueles que estavam passando pela terrível experiência de perder um ente querido.

— E depois você também vai precisar cuidar dela. Wayne Romero ainda não veio atrás de Chantelle, mas virá. Ele quer matar todas nós. — O vento lhe açoitou os cabelos loiros nos ombros, criando um borrão luminoso que lhe emoldurou a face. — Preciso ir.

Gage fez que sim com a cabeça.

— Vá.

E ela se foi.

— Ir aonde?

Ele manteve as mãos firmes no volante, mas virou-se para ver a mulher que agora levantava a cabeça, e o coração de Gage quase parou de bater em seu peito. Ele a conhecia.

A mulher de seus sonhos.

— Você. — Os lábios dela formaram a palavra e, apesar de Gage não ter ouvido som nenhum, não havia como negar a expressão naqueles olhos. Ela também o

reconheceu.

Gage tinha certeza de que se eles já se conhecessem pessoalmente, teria lembrado. Mas a única vez que vira aquela mulher foi em sua mente. Apesar de desgrenhada devido à provação que passara, ela sem dúvida era lindíssima. Ele fizera amor com ela várias vezes em suas fantasias. Agora ela estava ali.

Os olhos dela estavam arregalados de incredulidade.

— Você está aqui. Finalmente. Não estou sonhando — ela sussurrou, com aqueles olhos cor de chocolate alimentando o desejo que já começara no sonho que ele havia tido de manhã cedo.

Gage parou o caminhão no acostamento e engoliu seco. Que diabo estava acontecendo? Ele não entendia como podia ter visualizado tão claramente alguém que jamais conhecera.

— Não, você não está sonhando, e nem eu.

Ela pareceu estar processando as palavras dele. Seus cabelos estavam jogados para o lado, exibindo sua orelha delicada, seu elegante maxilar, sobrancelhas arqueadas, nariz reto, lábios bons de beijar. Tinha rosto de anjo, mas minutos antes parecia endemoniada ao agredi-lo na viela.

— Você me conhece, não conhece? — ela perguntou. Ele relembrou tudo o que aprendera na faculdade sobre amnésia de fuga. Se ela quisesse se lembrar, ele deveria deixar. Mas não haveria problema em lhe dizer seu nome.

— Seu nome é Makayla Sparks — ele disse, e manobrou o caminhão para pegar a estrada do rio. Ele precisava continuar seu rumo até a fazenda. Ela certamente faria mais perguntas e ele queria que Jenee estivesse por perto para ajudá-lo a responder. Sua prima fizera amizade com Makayla no abrigo; talvez ela pudesse ajudar Gage a lhe contar sobre o passado, além do fato de ele ter feito amor com ela em seus sonhos.

— Makayla — ela repetiu. Ela ainda estava tocando-o com a mão, fosse para se apoiar ou se equilibrar, ou fosse só por querer, Gage não se importava. Era bom, muito bom, sentir aquele toque. Só que o contato íntimo acendeu a lembrança de Kayla lhe passando as mãos pelo corpo inteiro, acariciando-o com os dedos, as palmas das mãos, a boca. Como ele podia saber tanto sobre ela, sobre como ficava no auge do clímax, os doces sons que emitia, o jeito que beijava, a sensação de seus lábios e o sabor de seu âmago quente e doce? Ele conhecia intimamente aquilo tudo, mas jamais a tocara de verdade até agora.

— Isso não está certo. — Ela franziu o cenho. — Quer dizer, não duvido que esse seja meu nome, mas... não quero mais ser chamada assim. Makayla era indefesa e terminou machucada.

Gage fez que sim com a cabeça, compreendendo. Ela se lembrava de parte do

passado, do abuso que sofrerá. Mas ela se lembrava do estuprador?

— E que tal Kayla, então?

— Sim, Kayla. — Então ela tirou a mão da coxa dele e tocou gentilmente o ponto avermelhado no antebraço de Gage, onde seus dentes haviam lhe cravado a carne. Imagens dela tocando-o, corpo nu sobre corpo nu, dominou-lhe os pensamentos.

— Sinto muito mesmo por tê-lo mordido.

— Não foi nada tão sério assim.

— Que bom, porque parece sério. — Ela virou o pescoço e viu o vidro estilhaçado no banco de trás.

— Ah, veja o seu caminhão.

Ele adorava o jeito com que sua boca dava forma às palavras, adorava o jeito com que seus cabelos voavam ao vento, adorava... tudo nela.

— Você não teve culpa. E vamos acabar encontrando aquele cara e fazê-lo pagar pelo caminhão, e por tudo mais que ele fez para feri-la. Eu juro.

E ele estava falando sério.

— Eu sei — ela disse. — E eu lhe dei uma joelhada pensando que era ele. Machucou?

— Não, você não me machucou. — Ele deu um sorriso, sentindo outra coisa na região que ela tentou atingir. — Você, hummm, errou o alvo.

— Nem sei como — ela disse, sem o menor traço de humor na voz.

Gage continuou sorrindo. Ao menos ela havia mudado de assunto e não estava falando sobre o abuso que sofrerá, nem sobre o estuprador. Não que pudessem evitar o assunto por muito tempo, pois Gage ia dar um jeito de ver o sujeito preso.

— Está rindo de mim? — ela perguntou.

— De jeito nenhum. Só estou contente de ter conseguido alcançá-la antes dele.

— Eu me lembro de você, sabe.

— Acho que não...

— Nós temos um caso, não é? Chocado, Gage fez que não com a cabeça.

— Não temos, não. — Ele jamais fizera amor com ela na vida real, apesar de estar pensando nisso agora.

— Como posso ter sonhado isso? — Sua voz não saiu muito mais alta que um sussurro. — Eu vi nós dois com toda a clareza, e estávamos fazendo amor. E seus olhos, o jeito que você me olhava, eu lembro, eu ansiava por aquilo.

Ela tinha mesmo sonhado com aquilo? Mas por que as forças superiores fariam aquilo, já que controlavam os sonhos?

— Não sei se você vai acreditar nisso ou não — ele disse, fazendo a última curva antes da Fazenda Vicknair —, mas eu também sonhei que estava fazendo amor com

você.

Será que eles estavam fadados a fazer amor na realidade? Mas eles haviam acabado de se conhecer, e em meio a uma situação de perigo e risco de vida. Não era exatamente a circunstância típica de Gage cantar uma mulher.

Ele estacionou o caminhão na estradinha de cascalho que levava à propriedade de sua família. Magnólias desabotoadas ladeavam ambos os lados da estrada, formando um toldo verde escuro sobre eles. O novo telhado de ardósia capturava o sol e cintilava fortemente em tom de azul-cinza, dando a impressão de que o teto da casa e o céu eram uma só coisa. Infelizmente, o telhado era a única parte externa que fora reformada. Mas estavam todos resolvendo o problema, passo a passo, e Gage amava aquele lugar.

— Será que foi porque eu estava com medo? — ela perguntou, olhando diretamente para Gage, que não entendeu a pergunta. Ela continuou: — Será que apenas sonhamos em fazer amor porque eu estava com medo desde que ele me estuprou?

Que inferno. Ela achava que os dois haviam saído e que ela não quis deixar ele se aproximar. Fazia sentido. Mas não era o caso.

— Nós não éramos namorados, Kayla. — Como ele poderia explicar que ela o reconheceu e sonhara com ele, mas jamais estivera com ele? Simples. Tinha de lhe contar sobre os fantasmas, e sobre Lillian, e... bem, contar tudo. Como médico, ele sabia que lhe contar algo que pudesse chocá-la talvez não fosse bom para a amnésia, mas como homem ele não podia mentir para ela.

— Sei que não, pois eu não o teria deixado — ela disse. — Mas tenho pensado em você desde o dia em que entrei no abrigo. Vi seus olhos e o senti em minha mente, abraçando-me, confortando-me, fazendo amor comigo. Você preencheu minha solidão. Eu sabia que o acabaria encontrando.

— Kayla, não sei como lhe explicar isso, mas apesar de eu também ter sonhado com você, nós nunca nos encontramos antes.

Ela fez que não com a cabeça.

— Isso não é possível...

— Sei que não parece possível, mas é verdade. Também não sei explicar o que está acontecendo, mas espero que consigamos descobrir juntos.

— Mas você teve esse tipo de sonho comigo? — ela perguntou, e Gage detestou ter de deixá-la mais confusa. Ela passara as duas últimas semanas no abrigo sem saber quem era, e ele não estava facilitando nada ao dizer-lhe que nem mesmo seus sonhos com ele eram reais.

— Sim, eu tive esse tipo de sonho com você — ele disse. — Mas nunca nos

encontramos.

— Nunca nos encontramos — ela repetiu baixinho, então engoliu em seco e continuou: — Mesmo quando eu não conseguia vê-lo completamente, eu via seus olhos, e você fazia com que eu me sentisse segura.

Como eu poderia ter me sentido tão segura com você se já não lhe conhecesse?

— Sinceramente, não sei — ele disse.

— Eu também sabia que o veria outra vez; com aqueles olhos cinzentos cruéis. Não me lembro de seu nome, mas me lembro daqueles olhos e do que ele fez. — Ela olhou para Gage. — Diga-me o nome dele. Você sabe, não sabe?

Gage não via nenhuma razão para negar-lhe a informação, principalmente se ela já se lembrava do abuso que sofrerá.

— Wayne Romero. Ela ficou tensa.

— Não — ela sussurrou.

— Droga. — Gage estacionou o caminhão em frente à casa, achando que havia estragado tudo.

— Eu só vi o rosto dele claramente agora.

Seu Romero. O jardineiro, com aqueles horríveis olhos cinzentos.

— Ele era tão cruel. A gente tinha tanto medo dele...

— A gente? — Gage perguntou, percebendo que sua recordação de Romero trazia memórias adicionais. Será que ela se lembrava de Lillian agora? Caso lembrasse, seria um pouco mais fácil lhe contar sobre Lillian e Romero e os fantasmas. Bem, relativamente fácil, já que ele teria de contar a Kayla que Wayne Romero assassinara sua amiga.

— Eu e as outras garotas do orfanato. Eu me lembro de como vivíamos com medo dele. Ele era o jardineiro do orfanato, e abusava de nós à noite. E ele falava que ia nos matar se disséssemos alguma coisa. No final eu já não me importava com suas ameaças. Eu pedi ajuda e nós o mandamos para a cadeia, que é o lugar dele.

Gage odiava imaginar Kayla e suas amigas sofrendo.

— Ele estava preso, mas deu um jeito de sair. Fiquei sabendo que ele estava tentando feri-la e fui atrás de você. Até agora, é tudo que sei. Mas vamos dar um jeito. Minha família vai ajudar, e é claro que a polícia precisa saber.

— Acha que ele escapou? — ela perguntou.

— Não sei.

— Não foi a primeira vez que ele tentou me matar desde que escapou. Ele veio atrás de mim e tentou me estuprar outra vez. E eu o esfaqueei.

Foi quando Gage percebeu que ela precisava dele para passar por aquela provação. E ele precisava dela... ponto final.

A vontade de abraçá-la e protegê-la foi quase insuportável. Ele estava tão envolvido com aquela mulher, apesar de terem acabado de se conhecer. Mas, e ela? Será que ela chegava perto de sentir o que ele sentia com tamanha intensidade? E se seus corpos se juntassem, seria tão incrível quanto nos sonhos? Pois o que ele estava sentindo era uma conexão de almas.

Ela ficou olhando para a fazenda em silêncio e então sussurrou:

— Foi por isso que eu bloqueei tudo, não foi? Ele ia me estuprar outra vez?

— Acho que sim. Evidentemente, você achou que estava protegida dele, e então ele voltou. É natural que você se defenda e tente esquecer o passado.

— Mas eu me lembro de uma coisinha aqui, outra ali.

— Esse tipo de amnésia costuma agir assim — Gage explicou. — Você vai se lembrando das coisas gradualmente, até sua mente conseguir lidar com as lembranças.

— Eu ainda não me lembro do dia em que o esfaqueei. Só me lembro da faca em minha mão e do que senti.

— Talvez você jamais volte a se lembrar do que aconteceu naquele dia. Isto é comum.

— Mas hoje eu me lembrei de parte do que houve... porque você me ajudou. — Então ela arregalou os olhos. — Ah, não. E as outras? Ele também as encontrou? — Em pânico, ela levantou a voz. — Temos de avisá-las. Lillian, Chantelle e Shelby, as garotas que moravam no orfanato comigo. Nós o mandamos para a cadeia. Todas nós testemunhamos. Ele vai persegui-las também. Temos de avisá-las que ele está à solta.

— Avisaremos.

Jenee apareceu na porta da frente da fazenda.

— Gage! — ela gritou, correndo em direção ao caminhão e abrindo a porta do carona. — Kayla, graças a Deus você está bem — ela disse com expressão de alívio. — Que bom que você a encontrou, Gage. — Então ela viu o vidro traseiro estilhaçado e se assustou. — O que aconteceu?

— O que sempre acontece quando uma bala e uma vidraça se encontram — ele disse.

— Gage me disse que havia um sujeito perseguindo você. — Jenee abraçou Kayla. — Pelo que entendi, ele chegou bem na hora, não?

— É, chegou. Mas eu lhe dei uma joelhada e uma mordida antes de me dar conta de que ele era do bem.

— Kayla lançou um olhar de desculpas a Gage. — Eu sinto muito mesmo.

— Posso perguntar onde foi ajoelhada?

— Se está interessada nos detalhes, a cerca de dois centímetros do alvo — Gage respondeu.

Jenee forçou um sorriso.

— Bem, fico feliz por você ter chegado a tempo. Quer dizer que você completou sua tarefa?

Gage não pensara nisso, mas Jenee tinha razão; se ele tivesse completado sua tarefa ao salvar Makayla Sparks, Lillian teria feito a transição. Mas ela não fizera, o que significava que... Kayla ainda estava correndo perigo. Que inferno.

— Não, minha tarefa não terminou.

— Tarefa? — Kayla perguntou. Jenee percebeu o erro cometido.

— Eu nem pensei nisso. Gage não teve chance de lhe explicar como sabia que você estava correndo perigo e como a encontrou, e... Bem, provavelmente você vai ficar um pouco chocada.

— Razão pela qual eu ainda não disse nada — Gage disse.

Kayla olhou para ambos.

— Não quero que me escondam nada. Estou falando sério. Já fiquei tempo demais no escuro.

— Você tem razão — Gage concordou. — E vou lhe contar tudo esta noite, mas preciso esperar que outra pessoa venha me ajudar. Tudo bem? — Ele queria saber a opinião de Lillian quanto a conversar com Kayla sobre seu assassinato.

— Contanto que você prometa que vai me contar tudo esta noite.

— Combinado.

— Parece que o sujeito sabe que você está ficando no abrigo, então você vai ficar aqui enquanto ele não volta para trás das grades — Jenee disse.

Kayla fez que sim com a cabeça.

— Nada contra o abrigo, mas eu realmente não quero voltar agora que consegui recuperar a memória — ela disse, e então corrigiu —, ou pelo menos parte dela.

— Você se lembrou de seu passado? — Jenee perguntou.

Kayla balançou a cabeça outra vez, mas não informou mais nada.

— Ela já passou por muitas coisas hoje. — Gage esperava que Jenee tivesse entendido a dica de que deviam dizer as coisas a Kayla em seu devido tempo.

Jenee deu um sorriso simpático.

— Já que você vai ficar aqui, podemos conversar mais tarde. — Ela voltou-se para Gage. — E você precisa ficar aqui também, não só para nos ajudar na casa, mas para protegê-la.

— Concordo. — Como se ele considerasse outra possibilidade. Não ia deixar Kayla.

— Entre, vamos tentar dar um jeito em tudo. — Jenee se afastou do caminho para Kayla sair.

Kayla esperou Jenee se afastar e sussurrou para Gage:

— Estou feliz por você ficar. Podemos não nos conhecer, mas me sinto protegida com você por perto.

— Eu não vou deixar que ele a machuque outra vez, Kayla. Juro.

Enquanto caminhava para dentro de casa, Gage se questionou por que sentia algo tão forte por uma mulher que mal conhecia e que tinha medo dos homens devido ao abuso que sofrera. Como médico, entendia esse medo melhor que a maioria dos homens. Já vira mulheres violentadas no hospital que juravam jamais deixar que outro homem as tocasse outra vez. Algumas faziam valer o que diziam. Outras, com paciência, ternura e amor, acabavam confiando no sexo oposto novamente, e até voltavam a sentir prazer.

Kayla já confiava nele; dava para ver nos olhos dela. Mas era uma confiança que vinha dos sonhos.

E se eles dois realmente tentassem fazer amor? Será que a realidade ia se equiparar à fantasia?

CAPÍTULO SEIS

Apesar de a Fazenda Vicknair já ter visto dias melhores, até suas paredes emanavam vida e história. Uma escadaria curva orlava uma das paredes da ante-sala, mas estavam faltando vários eixos e os degraus precisavam de conserto urgente. Em ambos os lados da ante-sala, grossas coberturas de plástico respingadas de tinta vedavam a maior parte do primeiro andar e, detrás delas, ouviam-se vozes masculinas tagarelando e resmungando.

— Tristan, meu irmão, e Dax, irmão de Gage, estão trabalhando no primeiro andar

— Jenee explicou.

Gage rapidamente pôs Jenee a par do que acontecera e de como escaparam de Romero, enquanto Kayla aproveitou a oportunidade para conhecer a casa.

Kayla sentiu o cheiro de salsicha, cebola e pimenta e identificou a cozinha, de onde viu sair uma mulher estonteante. Estava de rabo de cavalo e usava uma camiseta preta. Ela sorriu e seu rosto em formato de coração a fez parecer uma modelo de capa de revista. Ela preferia Jenee, mas enquanto Jenee tinha cabelo castanho-claro, o dela era preto como a noite; os traços do rosto de Jenee eram doces e suaves, enquanto os dela eram mais classicamente esculpidos. Kayla achava que Jenee poderia ser classificada como atraente, mas aquela mulher poderia ser classificada como linda — e sensual. Uma leve diferença.

— Você é Kayla? — ela perguntou.

— Sou.

— Eu sou Nan Vicknair, a mais velha do grupo. Estávamos esperando para saber o que aconteceu. Que bom que Gage a encontrou. — Ela se voltou para Gage. — Quer dizer que você chegou a tempo?

— Por pouco, mas cheguei.

— Mas sua tarefa não terminou? — ela perguntou, e seu sorriso se desfez.

— O que isso significa?

— Como sabe que não terminou? — Kayla percebeu a perplexidade no tom de Gage. — Não, não me diga — ele disse, apontando Kayla com um movimento de cabeça. — Daqui a pouco conversamos sobre isso, depois que eu tiver acomodado Kayla. E vou precisar de sua ajuda, da ajuda de todo mundo, para conseguir informações sobre o cara que está atrás dela.

Nan fez que sim com a cabeça e prestou atenção em Kayla.

— Jenee já lhe disse que queremos que fique aqui enquanto não prendem o sujeito? Ela me disse que você perdeu a memória. Você já sabe quem ele é? Lembra-se dele?

Kayla se perguntou como a família de Jenee já sabia de tanta coisa se ela havia acabado de chegar.

— Agora eu me lembro dele. Seu nome é Wayne Romero, e ele abusou de mim e outras três garotas quando éramos crianças. Nós ajudamos a colocá-lo na cadeia, mas ele saiu. — Ela engoliu em seco. — Na época do julgamento, ele jurou que se vingaria de nós quando saísse.

— Romero atirou neles — Jenee informou-lhe.

— Ah, Gage, que bom você a encontrou a tempo.

— Gage ainda não me disse como ele soube que Romero estava me perseguindo, nem como me achou — Kayla disse. No começo ela não parou para pensar muito nisso, mas agora estava querendo saber. Afinal, Kayla odiava ficar no escuro.

— Você ainda não contou a ela? — Nan perguntou a Gage.

— Eu não tive oportunidade — ele respondeu, e a expressão intensa em seu rosto pareceu dizer a Nan que ela devia escolher as palavras com cuidado.

Por quê? O que estavam escondendo? Ele sorriu para ela com aqueles dentes brancos que contrastavam com o rosto bronzeado e marcado.

— Não se preocupe. Em breve explicaremos tudo.

Kayla fez que sim com a cabeça. Ela queria saber o que ele estava lhe omitindo, mas confiava que ele acabaria contando. Afinal, acabara de se arriscar para salvar a vida dela.

— Gage tem razão. Faremos de tudo por sua segurança — Nanette disse, e virou-

se para Gage. — Mas é bom saber que temos visita na cozinha. Presumo que seja a tarefa que lhe foi designada, apesar de não podermos afirmar com certeza.

— Quando ela chegou aqui? — Jenee perguntou.

— Assim que você saiu. Pelo jeito, ela gosta de cozinhar quando fica nervosa. Parece que está fazendo uma paella.

Então a tarefa de Gage era uma mulher? O que isso significava?

— Tudo bem. Não temos tempo a perder, então vamos logo contar a Kayla o que está acontecendo.

Ele respirou fundo e desabafou:

— Veja, eu sei que hoje você já passou por muita coisa, mas temos que ser rápidos. Nós temos alguém nos ajudando, mas você vai ficar um pouquinho chocada quando souber quem é, e creio que a verdade vai chateá-la muito. — Ele fez uma pausa.

— Kayla, não quero fazer você...

— Fugir outra vez? — ela completou. — Esquecer de tudo outra vez por não conseguir lidar com os fatos?

Ele fez que sim com a cabeça.

Kayla se esforçou para escolher as palavras certas. Ela não se recordava de muita coisa, mas se lembrava bem de uma: quando fora atacada, estava sozinha e com medo. Agora ela não estava com medo, e com certeza não mais sozinha. Tinha Gage Vicknair e, por mais surpreendente que fosse, com ele ao seu lado ela sabia que poderia enfrentar qualquer coisa.

— Você vai ficar comigo, não vai? — ela perguntou, torcendo para que ele entendesse o que havia de profundo por detrás daquela pergunta. Aquele sentimento tão forte por aquele homem era algo que ela não sabia interpretar no momento.

— Sim, estarei com você. — Ele lhe estendeu a mão. — Vamos.

Kayla sentiu-se protegida e seus olhos começaram a arder.

Ele parou a poucos metros da cozinha. O corredor era estreito, o que forçava os dois a ficar próximos. O calor irradiava do lado dele, e ela sentiu vontade de virar de frente para ele, para que seu corpo inteiro sentisse aquele calor incrível.

— Isto provavelmente será difícil de entender. Acho que a melhor maneira de explicar é lhe mostrando.

— Estou pronta.

Ele abriu a porta e Kayla se deu conta de que, na verdade, não estava pronta. A água corria ruidosamente da torneira para a pia, o que não seria nada de extraordinário se o fluxo não fosse interrompido por algo que Kayla não estava vendo. Então a torneira fechou sozinha e uma toalha quadriculada flutuou sobre a pia, dançando em pleno ar.

Quando a toalha foi parar sozinha sobre o balcão, Kayla já estava caída na cadeira mais próxima.

— O que está acontecendo?

A faca, como se a tivesse escutado, caiu no chão fazendo barulho.

— Você está bem? — Gage perguntou, mas Kayla se deu conta de que ele não estava olhando para ela. Estava focando a área onde a faca caíra.

— Está perguntando a quem? — Kayla mal conseguia sussurrar.

— Minha tarefa.

A porta da cozinha se abriu e Nan e Jeneé entraram.

— O que foi isso? — Nan perguntou, então viu a faca no chão e a pegou e jogou dentro da pia.

Gage apontou a cadeira em frente a Kayla, que sentia o coração na garganta. Seu corpo inteiro trepidava. A tarefa de Gage era...

— Um fantasma?

Jeneé fez que sim com a cabeça enquanto Kayla olhava para a cadeira em frente a ela. A mulher que estava na cozinha, a tarefa de Gage, estava morta.

Um fantasma. E que ajudaria a encontrar Romero. Kayla acreditava em fantasmas, como quase todos na Louisiana, mas jamais vira nenhum pessoalmente.

— Você está bem? — Gage perguntou, preocupado. Kayla fez que sim com a cabeça. Ela estava bem.

Chocada, mas bem.

— Quer explicar o que fazemos? — Nan disse a Gage. — Ou quer que eu explique?

— Pode explicar — ele respondeu, sentando-se ao lado de Kayla à mesa, o que bastou para que ela se sentisse mais segura.

Nanette limpou a garganta.

— No começo é difícil de compreender, mas, em suma, nós ajudamos os mortos que têm dificuldade em fazer a passagem. Digamos que é uma herança de família.

— Eu pretendia lhe contar aos poucos, mas só tenho cinco dias para ajudar minha atual tarefa a fazer a passagem, de modo que acho que vou precisar de sua ajuda, pois, para que isso aconteça, precisamos encontrar Romero.

— Sua tarefa — Kayla repetiu. — Ela é um fantasma e está sentada naquela cadeira? — Ela apontou a cadeira em frente a si. — E você precisa deter Romero para ela fazer a passagem?

— Na verdade, antes disso eu tenho de salvá-la de Romero — Gage esclareceu.

— O que ela tem a ver comigo? Gage limpou a garganta.

— Esta é Lillian. Lillian Bedeau.

— Lillian? — Kayla balançou a cabeça. — Não!

— Ela imediatamente se lembrou da garota que dividia o quarto com ela, Chantelle e Shelby no orfanato.

Kayla não precisou pensar muito para entender quem fizera isso com ela.

— Ele a assassinou. Ah, Lillian! — Ela estendeu a mão sobre a mesa e pareceu sentir uma presença, uma pressão, alguém lhe dando tapinhas na mão.

— Ela disse que não quer vê-la triste — Gage disse.

— Ela não está mais sofrendo e só quer que você fique bem e Chantelle e Shelby também.

Kayla não conseguiu falar nada.

— Kayla? Ela quer saber se você está bem.

— Lillian? — Kayla sussurrou. — Você não está sofrendo?

— Não — Gage garantiu. — Mas ela está preocupada com você e com as outras, e só vai fazer a passagem quando tiver certeza de que vocês todas estão bem.

— Chantelle e Shelby? — Kayla disse. — Ele está atrás delas também, não está? Onde elas estão?

— Lillian viu Chantelle hoje e quer que eu a traga para cá até aquele sujeito estar atrás das grades, que é o lugar dele. Vou trazer Shelby também, assim que a encontrarmos.

— Então não sabe se Shelby está bem? — Kayla perguntou.

— Tentaremos encontrá-la e vamos cuidar de você e de Chantelle — Gage prometeu. — Mas também temos de encontrar Romero. Só assim essa história pode acabar.

— Lillian — Kayla disse. — Eu sinto muito. Vocês testemunharam por causa de mim. Se eu não tivesse lhes pedido, talvez nada disso...

Gage balançou a cabeça.

— Não, Kayla. Ela está dizendo que não admite que você se culpe por isso. E diz também que você agora deve ser forte. — Gage fez uma cara de quem não estava entendendo e ele acrescentou: — Ela disse para você ser forte como as rosas.

Com as lágrimas caindo livremente, Kayla se afastou da mesa, se abaixou e levantou a barra da calça jeans para mostrar uma pequena tatuagem de rosa no tornozelo. As garotas fizeram as tatuagens para que se lembrassem de que tinham de ser fortes como aquelas rosas. Mas agora Lillian estava morta e Romero pretendia fazer o mesmo com as outras.

— Que tatuagem linda. — Jenee disse olhando para o tornozelo de Kayla.

— É a rosa sete-irmãs — Kayla explicou. — Ela é diferente da maioria das outras rosas, pois brota em pencas. As rosinhas crescem tão apertadas que parecem uma só. No orfanato, os arbustos eram cheios dessas rosas, de modo que as paredes pareciam

cobertas por elas. Como ficavam bem juntinhas, pareciam maiores do que eram. Era assim que queríamos ser quando finalmente expusemos Romero, maiores do que éramos.

Jenee se aproximou.

— Kayla, eu não fazia a menor idéia do seu passado quando você estava no abrigo. Se eu soubesse, não teria deixado que ficasse lá. Teria-a trazido logo para cá. Eu também não me dei conta de que Lillian era sua amiga, até Gage ficar sabendo de sua tarefa hoje de manhã. Juro, não fazia idéia de que você estava correndo perigo.

— Eu sei. — Ela conseguiu dar um sorriso compreensivo.

— Kayla — Gage disse, com urgência na voz —, isso é difícil de explicar, mas Lillian, como todos os fantasmas, consegue ver aqueles de quem era próxima quando estava do lado de cá. Foi assim que eu a encontrei hoje de manhã. Ela viu você. Agora mesmo ela está vendo Chantelle e ela está indo para casa. Estamos com medo de que Romero a siga, portanto preciso chegar até ela antes dele.

— Eu quero ir.

Ele balançou a cabeça.

— Não. Eu não quero que você chegue nem perto dele. Ele não vê Lillian e ela vai ficar de olho em Chantelle e me ajudar a chegar rápido, mas não quero colocá-la em perigo outra vez. — Gage tocou-lhe a mão, transmitindo força. — Jenee e Nan estarão com você até eu voltar, e Tristan e Dax também estão aqui. Você está em segurança na fazenda.

Ele levantou e se virou para Nan.

— Lillian disse que a polícia falou com Chantelle sobre o assassinato dela, então talvez possamos conseguir alguma informação sobre onde eles acham que Romero possa estar. Mas, enquanto isso, que tal vocês pesquisarem na internet, sei lá, para saber como ele saiu da prisão?

— Claro — Nan e Jenee responderam.

— E Nan, meu caminhão não está grande coisa. Seu carro está com as chaves?

— Sim, pegue-o. Vamos preparar um quarto. Essa casa pode estar caindo aos pedaços, mas pelo menos é grande e tem bastante espaço. Ele olhou para Kayla outra vez antes de sair da cozinha.

— Prometo que voltamos logo com Chantelle. E depois vamos achar o Romero.

Então ele e Lillian deixaram a fazenda enquanto Jenee foi pegar o laptop de Nan. Assim que o computador estava ligado e inicializado, ela começou a digitar loucamente, procurando informações sobre Romero.

— Ah. Conseguimos algo.

— Você o encontrou? — Kayla se aproximou para ver também.

— Só tem uma menção a Wayne Romero nesse mecanismo de busca. — Jeneé selecionou o link. Era uma matéria detalhada sobre o julgamento de Wayne Romero, e mencionava que várias garotas do Orfanato Sete Irmãs testemunharam contra o jardineiro do estabelecimento para garantir a condenação.

— Só isso? — Kayla perguntou. — Nada mais recente?

— Só isso — Jeneé disse. — Vou procurar mais, mas quero encontrar o endereço de Shelby para dar a Gage. — Ela digitou um pouco mais e olhou para Nan. — Ela mora em Metairie.

— Você a achou tão fácil assim? — Nan perguntou.

— Só existe uma Shelby Montana na lista, por quê? — Jeneé perguntou, escrevendo a informação sobre Shelby em um bloquinho.

Mas Kayla sabia por que Nan parecia preocupada.

— Se você a achou tão fácil assim, Romero também pode achar. — Kayla sentiu uma pontada no estômago.

Jeneé passou o papel com o endereço para Nan.

— Ligue para Gage. Chantelle mora em Kenner, não fica longe de Metairie. Diga a ele para passar na casa de Shelby e trazê-la para cá também.

Nan já estava com Gage na linha e passou toda a informação para ele o mais rápido que podia.

— Gage — ela acrescentou —, tenha cuidado. Por favor.

Ela desligou o telefone.

CAPÍTULO SETE

Gage sentou-se à mesa da cozinha e forçou os olhos a se concentrarem no computador de Nan. Eram duas da manhã e ele estava simplesmente exausto, mas realmente queria saber mais sobre Romero antes de dormir. Ele só tinha cinco dias. Ou melhor, quatro dias, já que, tecnicamente, o primeiro dia terminara.

Quanta pressão.

Além disso, já estava há longas semanas sem sexo, e tinha sonhos eróticos todas as noites com aquela mulher que agora estava dormindo no quarto ao lado do seu. Isso estava muito além do que ele tinha de encarar diariamente na emergência.

Ainda bem que Kayla e Chantelle tinham cabeça aberta e aceitaram a explicação sobre os fantasmas. Ao menos ele não teve que convencê-las de nada. Chantelle inclusive sentira a presença da irmã. Ela suspeitara que alguém a estava seguindo e chegou a mencionar Wayne Romero à polícia quando perguntaram se ela sabia de

alguém que pudesse fazer mal a Lillian. De acordo com Chantelle, o detetive Ingram, que fora designado para o caso, estava reunindo informações sobre Romero.

Gage, Chantelle e Lillian então foram ao apartamento de Shelby, mas não havia ninguém. E mais, havia pelo menos cinco jornais em sua caixa de correspondência. Ou seja, pelo menos cinco dias sem aparecer em casa. E o vizinho dissera que ela havia saído sem levar mala nenhuma.

Onde ela estava?

A porta da cozinha rangeu baixinho atrás dele. Gage virou-se e viu Kayla. Estava usando um dos pijamas que Nan, Jenee e Monique sempre se davam de presente de Natal.

Os mamilos dela espetavam ligeiramente o tecido, e só um homem morto deixaria de reparar. Gage não estava morto, e foi um esforço tirar os olhos de lá.

— Tentei esperar para ver Chantelle, mas não consegui ficar de olhos abertos. Ela está aqui?

— Está, e está bem, considerando-se as circunstâncias.

— Ela e Lillian eram irmãs muito próximas. Tenho certeza de que o dia hoje foi dos mais duros para ela. Eu devia ter ficado acordada.

— Você passou por muitas coisas. — Para dizer o mínimo. Ele esperou que ela falasse mais, mas não falou. — Algo errado? Teve outro pesadelo?

— Começou como pesadelo. — Ela foi gradualmente se aproximando e sentou perto dele à mesa, e Gage se esforçou para reprimir a típica reação de seu corpo àquela fêmea seminua, especialmente sendo Kayla. Tudo naquela mulher era mais intenso que nas demais.

Mas ela não estava pronta para isso.

— Começou como pesadelo? — ele perguntou.

— Sim. Sonhei que estava na viela outra vez, correndo dele, de Romero, mas... — Ela parou de falar, como se estivesse se lembrando do pesadelo.

— Mas? — Gage estimulou-a a continuar.

— Tinha algo diferente com o encapuzado.

— Como assim diferente?

— Na hora não me dei conta de que aquele sujeito na viela pudesse ser Romero, pois eu ainda não me recordava totalmente dele. Mas agora que me lembro, quando comparo o sujeito na viela com o sujeito em minha memória, ele parece diferente. — Ela franziu o cenho. — Maior, e mais... ágil, eu acho. Ele tinha os movimentos de um homem jovem, mas Romero era mais velho.

— Acha que não era ele? — Gage estava confuso.

— Eu acho que era — ela esclareceu. — Mas só fiquei surpresa com seus

movimentos.

— A adrenalina pode agilizar os movimentos de modo surpreendente.

— Deve ser isso. Está tentando localizar Shelby agora? — Ela apontou para o computador.

— Não. Fomos ao apartamento dela, mas ela não aparece por lá faz alguns dias. Lillian me deu o nome de seu ex-marido, Phillip Montana, e eu queria ligar para ele logo de manhã cedo e perguntar se tem alguma notícia dela. Mas, no momento, estou procurando informações sobre Romero nos registros do sistema penitenciário da Louisiana enquanto não recebemos alguma informação da polícia.

— E?

— Ele sequer está no sistema.

— E o que isso significa? — Ela se aproximou para ver a tela e Gage sentiu um provocante aroma de xampu floral, ou sabonete, ou algo assim. E também teve uma tentadora e privilegiada visão de seus seios, que não eram grandes demais, na verdade eram muito bem-feitos, bem como em seus sonhos.

Ele conteve o desejo de puxá-la para seu colo e tirar-lhe a roupa e fazer tudo que já fizera em sonhos... Mas ela não estava pronta e ele sabia disso.

— Quer dizer que ele não está mais na Louisiana. De acordo com o site, posso dar um telefonema e perguntar se ele foi transferido, mas...

— Mas o quê?

— De acordo com as regras, todas as vítimas dele devem ser avisadas quando ele for solto, ou fugir, ou mesmo se for transferido. E ninguém as avisou, não é? Ou você não lembra?

— Não — ela disse. — E agora já me lembro de quase tudo. Bem, até o momento em que ele invadiu meu apartamento. Não me lembro direito de mais nada depois disso, só da faca na minha mão, mas tudo o que aconteceu antes está bem claro.

— Então não sei por que ele não está na lista. Temos de esperar pelo detetive que conversou com Chantelle, o detetive Ingram. Ele ficou de ligar amanhã.

Ele percebeu que ela estava preocupada com alguma coisa, mas não dizia.

— O que está havendo?

— Meus sonhos com você — ela disse, hesitante. — Esta noite começou como um pesadelo com Romero, mas terminou com nós dois... juntos.

— Também tive esses sonhos. — Ele optou por não dizer mais nada.

— O que significam esses sonhos que temos um com o outro sem nos conhecermos antes? Já lhe aconteceu algo assim?

— Não, nunca. Talvez tenhamos sonhado um com o outro porque é você quem Lillian deve salvar e devo ajudá-la a fazer isso para que ela faça a passagem.

— Você já me salvou. Mas... Gage?

— Sim?

— Você está me escondendo algo. O que é? Diga. Kayla era mais durona do que parecia, com certeza, e ele nem podia duvidar disso depois da reação que ela teve quando ele a agarrou na viela.

— Para Lillian fazer a passagem, ela precisa salvar você.

— Certo. Você me disse isso.

— Mas ela ainda não a salvou realmente.

— Você diz isso por causa de Chantelle e Shelby. Ela o está ajudando a tomar conta delas também.

— Não é assim que a coisa funciona. Um espírito faz a passagem quando o objetivo é alcançado. Ele não espera por nada.

Então ela entendeu, enfim.

— Quer dizer que ele virá atrás de mim novamente?

— Só sei que ela deve salvar você, e o que eu fiz hoje não alcançou esse objetivo, ao menos não aos olhos das forças superiores.

— É por isso você está de olho em mim.

— Sim.

— Acho que eu ainda não disse nada — ela sussurrou —, mas fico realmente grata por tudo que você está fazendo por nós.

— Nossa família faz mesmo essas coisas. — Ele tentou soar cavalheiresco. Realmente não precisava deixá-la perceber o efeito que causava nele.

— Mas não é só isso — ela afirmou. Sabia exatamente o efeito que causava em Gage, que permaneceu em silêncio.

— Você devia dormir mais um pouco — ele disse, enfim. — Os próximos dias serão bastante cansativos.

— Não consigo.

— Por quê?

— Sinceramente? — Seus olhos brilharam. — Acordei com medo.

— Medo de Romero?

— Não. Foi porque acordei e me vi sozinha. No abrigo eu dividia o quarto com pelo menos vinte outras mulheres. Sempre havia alguém por perto, então...

— Se alguém tentasse lhe fazer mal, você não estaria sozinha.

Ela fez que sim com a cabeça, e lágrimas lhe correram pelo rosto. Gage se aproximou e gentilmente tirou-a da cadeira e a colocou em seu colo.

— Tudo bem para você? — ele perguntou, trazendo-a mais para perto e massageando-lhe levemente a coluna.

— Sim. — Sua voz era quase um sussurro.

— Ouça. Você não precisa dormir sozinha. Se quiser...

— Quero — ela disse antes que ele terminasse. — Quero dormir com você, mas...

Desta vez Gage interrompeu e completou a difícil frase:

— Mas só dormir. Nada mais. Só assim você vai se sentir segura. Não vou deixar ninguém lhe fazer mal, Kayla.

— Acredito em você. — Ela tocou-lhe o queixo suavemente. Então pôs a cabeça no ombro dele, que sentiu o calor do corpo de Kayla penetrando sua pele e sua alma. — Você me ajudou a suportar as últimas duas semanas, mesmo que não estivesse lá de verdade. E eu nem sei lhe dizer o que isso significa para mim. — Ela levantou a cabeça e esticou as costas, e o movimento fez cair a alça direita da blusa do pijama.

Gage pôs a alça no lugar novamente, em um gesto cheio de ternura.

CAPÍTULO OITO

Ao sentir os primeiros raios de sol entrando pela janela, Kayla esfregou o nariz no peito de Gage, abriu os olhos indolentemente e se espreguiçou.

— Eu não me lembro da última vez que dormi tão tranquilamente. Obrigada.

Ele também havia dormido bem demais, considerando-se que era a primeira vez que dormia na mesma cama com uma mulher sem fazer sexo. E com a luz da cabeceira acesa. Gage sorriu para ela, entendendo que Kayla devia ter medo do escuro como resultado do trauma que desenvolvera.

— Obrigada por me deixar dormir com você. Ele riu.

— Não me lembro de mulher nenhuma me agradecer depois de acordar ao meu lado, principalmente não tendo feito nada além de dormir.

— Por que você nunca foi para a cama com uma mulher só para dormir?

Gage entendeu que aquela conversa ia expô-lo demais.

— Acho que agora não temos tempo para discutir isso.

Ele tentou mudar de assunto, mas Kayla insistiu. E Gage se rendeu. Simplesmente não conseguia dizer não a ela.

— Sexo é uma coisa física... E agradável e divertido e muito necessário para meu bom funcionamento — ele admitiu. — Mas dormir com alguém e abraçá-la em sonho, isso é...

— O quê? — ela perguntou, os olhos castanhos transmitindo intensidade.

— É uma coisa emocional, pessoal e extremamente íntima. — Antes que ela pudesse responder, ele acrescentou: — Vou tomar um banho e depois começar a fazer

aquelas ligações para a prefeitura e para o ex-marido de Shelby. — Ele saiu da cama e ela imediatamente passou a prestar atenção em outra coisa. O corpo dele não era a única coisa de pé, e Kayla encarou com ousadia seu membro duro como rocha e esticado de tensão debaixo do short cinza de ginástica que ele vestira para dormir.

Não disse uma palavra ao atravessar o quarto, apesar de seu rosto corado indicar que, sem dúvida, a ereção dele tinha um efeito sobre ela. Se Kayla estava excitada ou constrangida, Gage não soube dizer. Ele parou perto da porta do banheiro e se voltou para ela, que ainda o olhava da cama.

— Tudo bem? Quer dizer, você vai ficar bem enquanto eu tomo um banho?

— Estou bem. Só fico assustada à noite, mas gostaria de pedir uma coisa, se não for problema para você.

— Pode falar.

— Também preciso de um banho. — Ela puxou o edredom e o lençol para o lado, pôs os pés descalços no chão, ficou de pé e caminhou para perto dele, e então foi passando as pontas dos dedos pelo maxilar de Gage, pelo pescoço, descendo lentamente pelo peito e abdome. Ela parou na cintura do short debaixo do qual seu membro levantava o tecido e um ponto úmido provava como era poderoso o efeito que ele exercia sobre ela.

— Kayla, dois dias atrás você jamais tinha me visto antes — Gage tentou lembrá-la de que fazer as coisas rápido demais era péssima idéia.

— Eu já o tinha visto — ela rebateu. — E você a mim também. Pode ter sido em nossos sonhos, mas se seus sonhos eram como os meus, então eles eram bem reais. Eu podia lhe sentir, e confiei em você. Ainda confio.

Ele engoliu seco. Aquilo era tão perturbador, aquele desejo imperativo de tomá-la nos braços, levá-la para a cama e fazer amor com ela do jeito que fizera tantas vezes em sua imaginação. Mas Gage tinha outro método para puxar o freio, e ele decidiu que estava na hora de usar esse método, forçando-a a pensar mais antes de dar a ele... exatamente o que ele queria. Não tenho nenhum preservativo comigo.

Ela pareceu pensar um pouco e então franziu o cenho.

— Nada?

Gage fez que não com a cabeça.

— Faz três anos que não moro mais aqui na fazenda.

— Dax mora aqui, não mora? Com certeza ele deve ter alguma coisa.

A despeito de ela se dar conta ou não, a voz tremeu e a pulsação em seu pescoço disparou loucamente. Se por um lado Gage achava que ela acreditava querê-lo completamente do modo mais íntimo, por outro lado sabia que ela estava bem mais apavorada do que demonstrava. E ele a queria, mas só quando ela confiasse nele o

suficiente para relaxar e aproveitar. Agora não era a hora certa, por mais que seu membro discordasse disso.

— Vou pegar algo para usarmos mais tarde — ele disse —, mas não com Dax, e não agora. Você está com medo, Kayla, e não quero que sinta medo quando estivermos juntos. Eu poderia machucá-la sem perceber, e depois não ficaria em paz comigo mesmo se isso acontecesse.

— Mas eu quero... eu preciso... — Seu lábio inferior estremeceu e Gage não resistiu à tentação de finalmente sentir seu gosto doce. Ele esfregou a boca na dela no mais doce dos beijos.

— Vou lhe dar o que você precisa — ele disse com voz suave. — Tudo bem para você?

— Sim. — Sua voz transmitia a mais firme certeza.

Ele sorriu. Sem dúvida ela estava excitada; seus mamilos eretos sob o tecido da blusa do pijama não deixavam dúvidas. Gage sentou na beirada da banheira e abriu a água, então pegou-lhe a mão delicadamente e puxou-a para si.

— Veja se a temperatura da água está do seu agrado — ele perguntou, levando-lhe os dedos para o fluxo de água.

Ela engoliu em seco, e fez que sim com a cabeça.

— Eu quero lhe dar o que você precisa — ele disse outra vez —, mas se você sentir qualquer desconforto, ou se simplesmente resolver que não quer mais, me peça para parar. Entendeu?

— Mas você disse que não tem preservativo aqui.

— Não tenho, e não foi isso que propus. — Ele passou as mãos sob a borda da blusa. — Levante os braços para mim, Kayla.

Ela levantou, e ele lhe tirou a blusa e a jogou no chão. Ao ver seus seios, Gage deu um leve beijo em cada mamilo, deleitando-se a cada vez que Kayla ar-fava. O corpo dela estava muito receptivo, apesar do medo. Ele queria demais levar Kayla ao orgasmo, mas não podia fazer as coisas rapidamente para não assustá-la.

— Posso tirar isso também? — Ele passou um dedo no elástico do short do pijama que ela usava.

— Pode.

Ele abaixou o short, acariciando-lhe a pele com os dedos.

— E o seu short? — ela perguntou.

— Você quem sabe. — Ele se levantou para lhe dar a opção de despi-lo ela mesma ou deixá-lo vestido.

Os olhos de Kayla ficaram cor de chocolate escuro e ela levou as mãos à cintura dele. Puxou o short vagorosamente, arfando alto ao libertar sua ereção. Gage resolveu

deixar o clima mais leve, tudo para não assustá-la.

— Que bom que você resolveu tirar meu short. Seria esquisito tomar banho com ele.

Ele abriu a cortina azul-clara da banheira com chuveiro e fez menção para ela entrar. Enquanto Kayla entrava, Gage ficou admirando as curvas de seu corpo. Queria beijar aquelas pernas e muitas outras partes macias assim que ela estivesse pronta. E ele suspeitava que Kayla estivesse ficando cada vez mais preparada.

Gage pegou um sabonete com aroma de maçã verde.

— Primeiro você ou eu?

— Você primeiro. — Ela manteve os olhos no rosto dele.

— Tudo bem. — Ele fez espuma com o sabonete e pegou uma esponja macia. Então pressionou a esponja em seu rosto e esperou. — Feche os olhos, Kayla.

Ela não fechou. Aliás, ela o fitou com olhos horrorizados e ele percebeu o que acabara de fazer.

— Não, meu bem, não é para fechar os olhos — ele corrigiu. — Só não quero que entre sabão neles.

— Ah — ela sussurrou, e então, para surpresa de Gage, fechou os olhos. — Tudo bem — disse, mas ele percebeu a tensão em seu maxilar.

Ele lavou-lhe o rosto de modo tranquilizador, com carinho e ternura, depois enxaguou com o mesmo cuidado.

— Agora pode abrir.

Ela olhava para ele, e era inegável a confiança em seu olhar. Fechar os olhos para ele lavar seu rosto foi uma coisinha de nada, mas para Kayla Sparks, a mulher que vivera no escuro por tantos anos, era algo de monumental.

Kayla estava hipnotizada pelo modo gentil com que ele lhe lavava o ventre, ajoelhando-se para esfregar seus tornozelos e pés.

A espiral de desejo foi se fortalecendo à medida que ele ia esfregando, subindo pela parte de trás das pernas, na parte interna das coxas. Então Gage levantou, pôs a esponja na saboneteira de prata da parede e começou a enxaguá-la completamente com as mãos.

— Está quase acabando — ele disse. Kayla sentiu que seu corpo estava prestes a derreter, ou explodir. Então, para deleite absoluto de Kayla, ele levou as mãos para entre as pernas dela. Gage esfregou gentilmente, massageando-a por completo. O desejo foi aumentando cada vez mais.

Quando ela já estava pronta para se entregar, ele tirou a mão.

— Não — ela sussurrou. — Agora sou eu quem vai lhe enxaguar. Por favor — disse.

— Não está com medo, Kayla?

— Não.

Ele a trouxe para perto outra vez e sua ereção lhe roçou o traseiro. Ela imaginou-o duro, quente e fundo dentro dela e, desta vez, aquele pensamento não a deixou com medo.

Ele introduziu um dedo em seu âmago tenso e Kayla gemeu imediatamente.

— Kayla?

— Não pare.

Ele obedeceu e ficou girando o dedo em seu clitóris. Kayla se perdeu naquela sensação que crescia à medida que ele aumentava a pressão e a fricção.

— Vamos, meu bem — ele disse com a boca na orelha dela, e mordiscou-lhe o lóbulo. — Solte-se, Kayla. Vamos, meu bem, e deixe sair. Você precisa disso.

Ela remexeu os quadris loucamente, mas ele não tirou a mão, e sim introduziu dois dedos, mexendo cada vez mais forte, e sua vagina pulsou ao redor dos dedos de Gage, até Kayla perder o controle.

Ele a segurou com braços fortes e ela soltou o corpo. Quem diria que isso era tão bom assim?

Ela virou o rosto para ele e agradeceu pela terceira vez naquela manhã. Gage sorriu e beijou-lhe o alto da cabeça, e então a abraçou. Nossa, aquele homem parecia enviado dos céus. E agora estava na hora de ele também ver estrelas.

Ela se afastou dele e sorriu.

— Sua vez.

— Kayla, eu realmente não acho... — ele começou a falar, mas ela o calou com um beijo.

— Por favor, não.

— Não?

— Pense. — Então ela pegou o sabonete e esfregou nas mãos. Poderia usar a esponja, mas jamais tivera coragem de tocar um homem antes. Sentia medo de que eles fossem como Romero, mas ela sabia, no fundo de seu coração, que aquele homem era diferente. Mais ainda, ela sabia que Gage Vicknair tinha sido feito para ela, para ajudá-la a superar a dor e se livrar de seus medos. Antes mesmo de conhecê-lo ela já sentia isso. E agora ele estava lá e lhe dera um orgasmo lindo que a fizera se sentir pronta para enfrentar o mundo inteiro.

Ela queria fazer o mesmo por ele.

Kayla passou as mãos ensaboadas no peito amplo, aproveitando para brincar com os mamilos escuros e másculos. Então ela foi subindo com as mãos em direção aos ombros e depois descendo pelos braços de bíceps marcados, e pressionando o corpo contra o dele. Então o beijou e sua mente ficou embotada. Ele segurou-lhe o traseiro e

encostou seu membro duro bem no meio do corpo dela. Kayla queria tanto que ele tivesse um preservativo, pois agora ela não sentia o menor medo.

Ela soltou um gemido e, antes que pudesse se dar conta do que ele estava fazendo, sentiu os dedos de Gage deslizando pela sua coxa em direção ao centro, tocando-a com determinação no ponto certo, de modo que ela acabou chegando ao clímax nova-, mente.

Ela estremeceu e olhou para Gage com perplexidade nos olhos.

— Eu disse que era sua vez.

— E eu resolvi que era sua vez de novo. — Ele deu um sorriso maroto.

— Você é terrível — ela disse, mas então balançou a cabeça. — Não, Gage. Você é incrível. — Ela pegou o sabão outra vez. — Você disse que ia me dar o que eu precisava, certo?

— Disse, e vou.

— Bem, no momento — ela disse enquanto massageava a coxa dele com as mãos ensaboadas para em seguida levar uma delas ao pênis e com a outra ir massageando mais embaixo — eu preciso disso.

Ele tinha um membro tão grande que ela nem sabia se conseguiria fazer o que tinha em mente, mas ia tentar. Ajoelhou-se de frente para ele.

— Kayla, você não precisa... — Ele parou de falar ao sentir os lábios de Kayla, que tentou comportar o máximo que podia dentro da boca e depois começou a lamber a ponta.

Ela deu um beijo em seu membro e olhou para cima.

— Eu quero. Mas não sei se sei fazer.

— Confie em mim — ele disse com voz rouca. — Você está fazendo tudo certo.

Ela sorriu para ele, acreditando nele, e então provou que, mais uma vez, Gage Vicknair lhe dissera nada menos que a verdade.

CAPÍTULO NOVE

— Onde Kayla está? — Chantelle perguntou quando Gage entrou na cozinha no domingo de manhã. Os cachos de seus cabelos louros desciam em cascata pelo encosto da cadeira. Ele olhou para ela outra vez, impressionado de ver como seu rosto espelhava o da irmã, apesar de que o rosto de Lillian agora tinha um brilho fantasmagórico. Ele esperava que Chantelle não emanasse esse mesmo brilho tão cedo.

— Acho que ela está secando os cabelos. — Ele tentou soar como se não tivesse certeza de que ela estava fazendo isso mesmo. — Ela logo deve estar descendo.

Chantelle olhava para o fogão, onde a irmã desencarnada cozinhava compulsivamente para aliviar a tensão.

— Não consigo achar mais nada sobre Romero — disse Nan, que estava ao computador — E não tivemos novidade nenhuma por parte do detetive Ingram. Chantelle disse que ele ficou de ligar para seu celular quando tivesse alguma informação. Gage, você descobriu mais alguma coisa ontem à noite antes de dormir?

— Só o material que você já tinha visto. Mas achei um mecanismo de busca no site do Departamento Penitenciário da Louisiana.

— E?

— Nada sobre ele.

— Como assim? — Nanette perguntou.

— Não há registro nenhum sobre ele — Gage disse.

— Mas eu acho que se ele foi transferido para outra prisão, haveria algum registro disso. O detetive supostamente devia nos dizer se era esse o caso quando ligar.

— Acha que ele foi transferido? — Nan perguntou.

— Mas evidentemente ele está solto agora. Acha que ele está sob condicional ou escapou? Afinal, quando alguém com o histórico dele foge, a vítima deveria ser informada.

— Não sei o que aconteceu, mas vou ligar para o escritório do Departamento Penitenciário para ver se consigo alguma informação antes de Kayla descer. E também preciso ligar para o ex-marido de Shelby Montana. Phillip Montana pode ter alguma idéia de onde ela esteja agora.

— E bom perguntar a ele — Chantelle disse. — Eles são divorciados, mas ainda se falam. Não é, Lillian?

— Ela olhou para o fogão como se esperasse uma resposta da irmã. Ao não ouvir nada, fez cara feia.

— Ah, Lillian, como eu queria poder conversar com você.

Lillian olhou para Gage.

— Diga a ela que pode falar comigo através de você, e que eu sempre estarei com ela, mesmo depois que fizer a passagem. Eu posso vê-la do outro lado, não posso?

Gage fez que sim com a cabeça. Ele acreditava mesmo que aqueles que passaram para o outro lado tinham como acompanhar a vida dos entes queridos, até porque tinha certeza de que era isso que vovó Adeline fazia.

— Diga a Chantelle que ainda estou com ela, e que agora ela tem de ser forte e encontrar Shelby.

Gage seguiu as instruções de Lillian e observou Chantelle fungar com os olhos

marejados. A situação certamente era muito difícil para ela. Mas Lillian tinha razão. Chantelle teria de ser forte agora.

Ele então telefonou e perguntou por Wayne Romero. Quando Gage desligou, o rosto de Chantelle estava seco.

— E então? — Nan perguntou.

— Eles disseram que ele provavelmente foi transferido, e realmente deviam ter isso registrado no computador, mas não têm, de modo que vão conferir e me retornar a ligação.

— Algo um pouquinho importante demais para se esquecer, não acha? — Nan pareceu irritada.

Gage fez que sim com a cabeça e ligou para o ex-marido de Shelby.

Phillip Montana atendeu o telefone de imediato e depois que Gage explicou a situação ele foi logo dizendo que Shelby se internara em uma clínica de recuperação uma semana atrás e que ainda estava lá. Ele também disse que seria capaz de matar Wayne Romero pessoalmente se tivesse oportunidade.

— Sabe quanto tempo ela vai ficar na clínica? — Gage perguntou.

— Depende — Phillip disse. — Eu não faço idéia. — Ele hesitou e então acrescentou: — Se você a encontrar antes de mim, diga para ela ter cuidado, e diga que eu a amo.

Gage ficou com pena do sujeito.

— Ela pode receber ligações onde está?

— Não. Faz parte da terapia. Mas ela pode receber visitas de segunda a sábado, das duas às quatro da tarde, mas sua visita terá de ser aprovada pela equipe e Shelby pode não querer receber visitas. Acredite em mim, ela já recusou minha visita várias vezes. Diz que não quer que eu a veja do jeito que está. — Ele soltou um suspiro pesado.

— Obrigado. — Gage desligou depois de pegar o endereço e se voltou para as mulheres que esperavam à mesa. — Ela está na Clínica de Reabilitação Slidell e ele não sabe direito quanto tempo ela vai ficar lá. Eles não têm horário de visitas aos domingos, mas posso ir amanhã de tarde e ver se ela me recebe.

— Por que eu não posso senti-la? — Lillian perguntou, enchendo vários pratos com panquecas fumegantes.

— Não sei — disse Gage.

— Não sabe o quê? — Nan perguntou, fazendo Gage se lembrar que só ele ouvira a pergunta de Lillian.

— Por que Lillian não foi capaz de sentir Shelby, do jeito que sentira as outras? Nan franziu o cenho.

— A primeira coisa que eu pensaria seria que, bem...

— Que ela morreu? — Chantelle completou.

— Sinceramente, sim — Nan admitiu. — É o que eu pensaria.

— Eu vou encontrá-la, ver se consigo falar com ela nessa clínica — Lillian disse. — Devo poder fazer isso, certo?

— Acho que sim — Gage disse.

Lillian sorriu para Chantelle, que não pôde ver o gesto terno da irmã, e desapareceu.

— O que é? — Chantelle olhou ao redor. — Ela foi embora, não foi?

— Lillian vai tentar ver Shelby na clínica. Ela vai nos dizer o que está acontecendo.

— Onde acha que ele está agora? — Chantelle perguntou.

— Acho que ele passou todo o tempo que estava fora da prisão tentando encontrar cada uma de vocês — Gage disse sinceramente. — Ele evidentemente encontrou Kayla primeiro e tentou feri-la outra vez em sua casa, mas ela se defendeu.

— E depois você acha que ele foi atrás de Lillian? Que ele talvez esteja nos procurando por faixa etária? — Chantelle perguntou, e Gage pensou na possibilidade. Fazia certo sentido. Romero começara pela garota mais velha, Kayla, depois passou para a segunda mais velha, Lillian. Em seguida viria Chantelle.

— É, deve ser exatamente o que ele está fazendo — Gage concordou, e a porta da cozinha se abriu para Kayla entrar.

Ela usava uma blusa branca e short caqui, parte das roupas que saíram do armário de Jeneé para ela. Pessoalmente, ele gostava do visual de Kayla quando ela saía do quarto, seu corpo pouco coberto pela calcinha e sutiã rendados. Seu membro se contorceu só de lembrar.

Em vez daquela mulher assustada que ele encontrara ontem, ela era a própria imagem da satisfação, o sorriso suave, os olhos admirados, que focalizaram Gage imediatamente. Ele queria tê-la outra vez, dar-lhe outro orgasmo para fazê-la se esquecer do passado e aproveitar o presente, e já. Infelizmente, sua prima mais atenciosa — Nanette — e a amiga de infância de Kayla estavam observando cada passo que ele dava, então teria de esperar.

Mas não por muito tempo.

— Kayla. — Chantelle se levantou e rapidamente abraçou Kayla com tanto força que ela quase ficou sufocada. — Ele... ele assassinou Lillian.

— Eu sei — Kayla sussurrou. — Sinto muito, Chantelle. Ela estava tentando me procurar no abrigo, e ele a encontrou.

Chantelle balançou a cabeça.

— Não, não foi culpa sua. Ele a estava seguindo. Ele a encontraria de um jeito ou de outro, mas... Ah, Kayla, não consigo acreditar que ela partiu.

— Eu sei.

— Você acha que vamos conseguir detê-lo? Ele já matou Lillian.

Kayla abraçou Chantelle com força, e sua voz tremeu ao falar:

— Sinto muito, Chantelle.

Gage não estava vendo o rosto de Chantelle, que estava afundado no ombro de Kayla, mas ela fungou alto.

— Eu não queria que ela me visse chorando enquanto estava aqui. Quer dizer, que bom que posso me despedir antes de ela fazer a passagem, mas, mesmo assim, ela se foi. E foi uma morte dolorosa.

Gage percebeu que Kayla queria confortar a amiga. Ela tinha de entender que ainda estava correndo perigo, mas não estava preocupada consigo mesma e sim com as amigas.

— Lillian não está aqui? — Kayla perguntou. — Onde ela está?

— Descobrimos que Shelby está na Clínica de Reabilitação Slidell, e Lillian foi tentar encontrá-la — disse Chantelle. — Agora só nos resta esperar.

CAPÍTULO DEZ

Gage estava dormindo profundamente. O dia anterior fora cheio. Após trabalhar na remoção da lama e do lixo do primeiro andar, ele encontrara Kayla no canal, e acontecera o que ele não esperava.

Ela se entregara para ele. Sem medo. Sem pensar no passado.

Gage ainda estava recuperando as energias e demorou até sentir a mão batendo em seu braço, de tão profundamente adormecido que estava, apesar de passar do meio-dia de segunda-feira. Mas quando a mesma mão lhe beliscou o bíceps e o balançou com força suficiente para fazê-lo abrir os olhos para a luz cegamente, ele finalmente prestou atenção.

— Eu sei que você está cansado, mas precisa ajudar — Lillian insistiu. — Tem algo errado com Shelby.

Ainda franzindo os olhos devido à luz, Gage sentou e tentou se orientar. Mais uma vez, não estava em seu apartamento; estava em seu antigo quarto na fazenda. E, mais uma vez, não estava sozinho. Para enfatizar esse fato, Kayla rolou na cama e gemeu levemente, depois enfiou a cabeça no travesseiro e voltou a dormir. Estava exausta depois de passar a noite inteira j fazendo amor.

Lillian sacudiu uma das embalagens vazias de preservativo na mesa de cabeceira.

— Noite agitada? — Ela balançou a cabeça. — Não, não me diga. Não quero saber detalhes, mas fico muito feliz por Kayla encontrar alguém que a faça esquecer seu passado de dor. Ou quase. Preciso falar com você sobre Shelby. E preciso que você ligue para este lugar onde ela está internada.

Gage seguiu Lillian, que o puxava pelo pulso corredor abaixo. Ela soltou-lhe o braço quando alcançaram a escada.

— Vamos.

Gage parou por um momento e olhou para o pulso.

— Você me tocou.

Lillian fez que sim com a cabeça.

— Tive de tocar. Não conseguia acordá-lo. Médiuns não podem tocar os espíritos, mas a regra não vale ao contrário — disse Lillian, puxando-o até a cozinha.

— Acho que Shelby está correndo perigo — Lillian disse sem rodeios.

— O quê? — Eles entraram na cozinha, onde Chantelle estava sentada detrás do laptop de Nanette, olhando para a tela. — Romero está na clínica? Como ele soube que ela estava lá?

— O que está acontecendo? — Chantelle perguntou. — Lillian está com você?

— Um minuto — ele disse rapidamente.

— Não, Romero não está lá — Lillian esclareceu.

— E eu fiquei a noite toda ao lado de sua cabeceira, de modo que tenho certeza. Mas quando ela acordou hoje de manhã, estava aborrecida e, antes de eu sair, ela estava arrumando a mala. Isso faz dez minutos.

— Mas o ex-marido disse que ela ia ficar lá por um tempo.

— Eu sei, mas ela com certeza está arrumando a mala para ir embora. — Lillian pegou o telefone e digitou um número, depois passou para Gage. — Tome. Pergunte como ela está. Diga que ouviu falar que ela ia embora hoje, ou algo assim, e veja se ainda está lá. Depois pergunte se pode vê-la mais cedo que a hora normal de visitas.

— O que Lillian está dizendo? É sobre Shelby, não é? Ela está bem? — Chantelle perguntou.

— Vou descobrir isso — Gage garantiu a ela.

— Conte-me o que está acontecendo assim que puder — ela pediu e, voltando-se mais para Lillian do que para Gage, sussurrou: — Eu estava tão preocupada por todas nós que não consegui dormir, e ainda não consigo aceitar o fato de você não estar mais entre nós.

— Eu sei — Lillian disse, acariciando os cabelos de Chantelle. — Eu sei.

Gage não quis arruinar aquele momento entre irmãs e manteve silêncio enquanto

esperava atenderem na clínica, do outro lado da linha.

— Clínica Slidell. Em que posso ajudar?

— Alô, aqui quem fala é o Dr. Gage Vicknair, de Ochsner. Estou ligando para saber de uma de suas pacientes, Shelby Montana.

— O senhor é membro da família dela, Dr. Vicknair?

Pelo jeito, lançar mão de sua credencial de médico não ia adiantar nada.

— Não, não sou membro da família. Sou um... amigo. E estou preocupado com sua segurança na clínica.

— Posso lhe garantir que todos os nossos pacientes estão em segurança aqui, Dr. Vicknair — a mulher disse friamente.

Ótimo. Ele a ofendera, o que certamente não o ajudaria a conseguir informação alguma.

— Ah, eu não estava me referindo à segurança dela aí. Estou preocupado que ela saia da clínica em breve.

— Dr. Vicknair, se o senhor é realmente amigo da Srta. Montana, sabe que ela deu entrada em nossas dependências por iniciativa própria, e, sendo assim, pode sair a hora que desejar.

— Ela ainda está aí? — ele perguntou.

— O senhor sabe que não posso lhe dar essa informação. Todavia, o senhor pode visitar nossa clínica no horário normal de visitas e pedir para ver um paciente. Se ele ainda estiver aqui e autorizar sua visita, o senhor o verá por si mesmo.

— Obrigado — Gage disse com sarcasmo e desligou. Ele se voltou para Lillian. — Pode senti-la agora? Ela ainda está lá?

— Eu não estou conseguindo senti-la — Lillian admitiu. — Por isso eu fiquei com ela ontem à noite. Na verdade, tenho de estar com ela para ver o que está fazendo. Acho que é por causa do atual estado mental dela, que está tão perdida em si mesma. Talvez seja por causa das drogas. Mas estou com medo de que ela saia da clínica e Romero já esteja em seu encalço.

— Eu não tenho dúvida de que provavelmente Romero esteja vigiando as casas e os locais de trabalho de Chantelle e de Shelby, e talvez de Kayla também, até porque deve estar imaginando quem a salvou na viela. Onde Shelby trabalha? — Gage perguntou.

— Da última vez que eu falei com ela, Shelby me disse que arrumara emprego no Shopping Esplanade, em Kenner — disse Lillian.

— Onde quem trabalha? — Chantelle estava ouvindo apenas a parte de Gage da conversa. — Shelby?

— É.

— No Shopping Esplanade, em Kenner — Chantelle disse, sem saber que Lillian já havia dito a mesma coisa. — Não sei qual loja, ou se ela ainda trabalha lá. Você pode ligar e perguntar ao marido... quer dizer, ex-marido.

Lillian, vá ficar com ela e me diga se e quando ela sair da clínica. Não quero que ela saia sem sabermos para onde ela está indo — Gage insistiu. Lillian fez que sim com a cabeça e sumiu.

— O que quer que eu faça? — Chantelle perguntou.

— Vou levar Kayla comigo, para o caso de eu ver Shelby. Talvez ela confie em mim se estiver lá. Você quer vir?

— Sim. Vou me arrumar enquanto você chama Kayla.

Em questão de quinze minutos, Gage confiscou o jipe de Tristan, pois seu próprio caminhão ainda estava fora de uso por causa dos tiros, e os três estavam a caminho da clínica de reabilitação.

— Quanto tempo levaremos para chegar? — Kayla perguntou.

— Cerca de uma hora e meia, se o trânsito não estiver ruim em Nova Orleans. Como estamos bem na hora do almoço, pode demorar.

— Vamos chegar dentro do horário de visitas? — perguntou Chantelle, que estava no banco de trás.

— Acho que sim, mas se ela sair cedo, como Lillian acha que pode acontecer, nós teremos enorme dificuldade para encontrá-la.

— Mas Lillian pode nos dizer aonde ela vai, não pode? — Chantelle soou preocupada.

— Sim, ela poderá ver para onde ela está se dirigindo. — Ele pegou seu telefone celular e entregou a Chantelle. — Eu salvei o número de Phillip Montana. Ele conhece você?

— Conhece. Quer dizer, eu o conheci no casamento e estive com ele algumas vezes quando eram casados, então ele deve se lembrar de mim.

— Ligue para ele e pergunte onde ela trabalha, em qual loja.

— Acha mesmo que ela iria da clínica de reabilitação direto para o trabalho? — Kayla perguntou.

— Estou contando com isso — Gage admitiu. — Ela está na clínica faz uma semana, e hoje é segunda-feira, começo da semana, então pode estar precisando trabalhar para ganhar dinheiro.

Kayla não pareceu muito convencida disso. Chantelle falava com o ex de Shelby quando Lillian apareceu no banco de trás ao lado da irmã.

— O que está acontecendo? — ele perguntou. Kayla se aproximou para ouvir enquanto Chantelle continuou falando com Montana.

— Ela está dizendo às enfermeiras que vai embora, e elas estão tentando removê-la da idéia.

— Sabe onde ela está indo?

— Só um segundo, Phillip — Chantelle disse, e então tapou o fone com a mão.

— Lillian está aqui? Ela sabe onde Shelby está indo?

— Não — Lillian respondeu, e Gage balançou a cabeça.

Não sabemos para onde ela pode estar indo, Phillip — Chantelle disse. — E não posso dizer como sabemos que ela está deixando a clínica, mas sabemos. Claro, acho que seria ótima idéia. Tudo bem. Ela desligou. — Ele disse que vai procurar Shelby pessoalmente na clínica, apesar de duvidar que o deixem entrar ou que lhe digam alguma coisa antes do horário de visita. Bem, ele vai ligar se souber de algo.

Tomara que, se ele chegar à clínica antes de nós, consiga convencê-la a ficar lá.

— Droga. — Ele olhou para o fantasma no banco de trás. — Lillian, vá ver se ela ainda está lá e nos avise se ela for embora.

Ela fez que sim com a cabeça e partiu.

Gage parou o carro no acostamento, fechou as janelas e ligou o ar-condicionado. Estava muito quente, e o alívio foi geral.

— Lillian ainda não voltou? — Chantelle perguntou.

— Não. O que é bom sinal, pois se ela estivesse... — Gage parou de falar ao sentir o nervosismo de Lillian. Antes mesmo de ela chegar ele já sabia que estava vindo, o que era parte do elo que se formava entre o médium e o espírito que lhe foi designado. Ele percebeu que ela estava em pânico.

— O que é? — ele perguntou.

— Lillian? — Chantelle perguntou. — O que está havendo?

— Shelby saiu da clínica — Lillian disse, muito ansiosa. — Não faço idéia de para onde ela está indo, mas está caminhando para o carro nesse momento. A enfermeira tentou convencê-la a não ir, mas acho que Shelby não vai mudar de idéia.

— Fique com ela — Gage disse. — E faça de tudo para me informar onde ela está, para onde vai, mas não saia de perto dela.

— Não sei se... se consigo.

— Tudo bem. Se não consegue se comunicar comigo sem sair de perto dela, venha de vez em quando, mas não a deixe sozinha tempo demais. Você tem de estar lá se Romero aparecer, tem que detê-lo.

— Detê-lo? Mas como? — Lillian perguntou. — Não posso matá-lo. Ou posso?

Um fantasma podia matar uma pessoa? Gage jamais considerara a possibilidade antes.

— Não estou pedindo que o mate. Só que o impeça de machucá-la.

Lillian sumiu e Gage ligou o pisca-pisca, torcendo para assim conseguir avançar pelo trânsito praticamente parado para trocar de pista. Se Shelby foi para casa ou para o trabalho ele teria de tomar o rumo oposto.

Quando estava quase conseguindo pegar o desvio, após muita dificuldade, ele começou a escutar as palavras.

— Lillian? — ele disse.

— Ela está aqui?

Ele ouvia apenas palavras isoladas que Lillian estava lhe transmitindo graças ao elo que construíram.

— Shelby está pegando o rumo de Kenner. — Ele pegou a direção da rodovia Esplanade.

— Então ela está voltando para casa? — Kayla perguntou enquanto Gage manobrava entre os carros.

— Não sei, mas se ela já estiver na rodovia Esplanade, deve ter passado pelo trânsito de Nova Orleans e está bem na frente de nós, indo para casa ou para o shopping.

A rodovia Esplanade era paralela à rodovia interestadual ao lado do lago Pontchartrain e tinha um grande canal no meio. O trânsito nela costuma ser fluente, mas no meio do dia, como agora, a estrada paralela era melhor, como Shelby Montana devia saber.

Foi pisando cada vez mais fundo no acelerador. Se um guarda o visse, ia mandá-lo parar. Não que Gage tivesse a intenção de parar. Que a polícia o perseguisse, se Shelby Montana estivesse em perigo, ele precisaria mesmo deles por perto.

— Você tem o telefone daquele detetive? — ele perguntou a Chantelle.

— Sim, tenho.

— Ligue para ele e conte o que está acontecendo. Ela começou a digitar o número.

— O que eu digo a ele?

— Que inferno. — Gage queria que a polícia ajudasse, mas o que iam dizer? Que achavam que o assassino de Lillian podia estar espionando o apartamento de Shelby, ou a loja onde ela trabalha? — Esqueça. Espere Lillian nos dizer para onde ela está indo e se ela está vendo Romero por perto, depois então ligue para ele.

Apartamento. Pressa!

Ele ouviu as palavras de Lillian.

— Droga, ela está na nossa frente, indo para o apartamento. — Ainda bem que ele e Chantelle tinham ido ao apartamento de Shelby no sábado, de modo que ele sabia bem o caminho. Não estavam longe.

Phillip. Esperando.

Gage ficou aliviado. Phillip Montana não perdera tempo para chegar a Shelby.

— O marido dela, aliás, ex-marido, está no apartamento dela — ele disse a Kayla e Chantelle. — Parece que fizemos bem em ligar para ele. Quem sabe ele não pode nos ajudar a convencê-la a...

Não! Nãoooo!

O berro de Lillian injetou adrenalina nas veias de Gage.

— Ligue para a emergência! — ele disse.

— Rápido! — Kayla insistiu, concentrada nos dedos de Chantelle digitando 911.

— Estou indo, estou indo — Chantelle disse. — Ah, Shelby, por favor, esteja bem — ela disse, e então deu as informações à telefonista. — Alguém está dando tiros em... — Ela procurou freneticamente pelo endereço do edifício e foi dizendo pelo telefone.

Gage dobrou a curva que levava ao bloco de apartamentos de Shelby exatamente a tempo de ver o carro preto esporte arrancando. Havia dois corpos caídos no chão e Lillian gritava agoniada sobre o corpo menor.

CAPÍTULO ONZE

Kayla estava no quarto de Shelby no hospital, segurando a mão da amiga. Ela se voltou para a porta quando Gage entrou, vestindo jaleco de médico sobre a camiseta e calça jeans, e com uma prancheta debaixo do braço.

—Você foi incrível.—Ela estava com as costas doendo por ter passado a noite inteira sentada na poltrona do hospital. Ela repetiu a mesma frase todas as vezes que Gage apareceu para ver como Shelby estava.

— Sou médico — ele disse mais uma vez, apesar de seus olhos cansados indicarem que ele realmente não se importava de ouvir o elogio mais uma vez. — Eu só fiz aquilo para que fui treinado.

Kayla fez que sim com a cabeça, mas ainda estava impressionada com o jeito como ele controlou a situação em frente ao apartamento de Shelby, instruindo Chantelle sobre o que dizer à telefonista da emergência para que o pessoal da ambulância soubesse exatamente o que lhe esperava e o que deveriam fazer ao chegar.

Ao que parece, Romero estacionara seu carro bem em frente ao apartamento de Shelby, como suspeitaram. Todavia, ele não esperava que Phillip Montana aparecesse. Phillip fora à clínica, vira que o carro da ex-esposa não estava lá e seguiu direto para o apartamento dela. Dirigindo feito um louco, ele chegou logo depois dela, mas, antes que pudesse convencê-la a ir com ele, Romero encostou com o carro, abaixou a janela e atirou.

Phillip vira a arma e protegera a ex-esposa do tiro. A primeira bala atingiu-o no peito e, de acordo com Gage, não atingira o coração, mas pegara uma costela e um pulmão. A bala seguinte atingiu a clavícula de Shelby e a última bala, graças a Deus, não atingiu nenhum dos dois, provavelmente porque Romero estava com pressa de sair da cena do crime.

— Como ele está? — Shelby perguntou.

— Ele vai ficar bom — Gage garantiu, e Kayla sabia que era verdade, pois Gage jamais mentia.

— Obrigada — Kayla disse.

— Sim. Obrigada — Shelby repetiu.

— Não precisa agradecer. Ah, a polícia mandou um segurança ficar de guarda para vocês do lado de fora do quarto.

— Para Phillip também? — Shelby perguntou.

— Sim, eles mandaram outro para ficar ao lado da porta do quarto de Phillip. O detetive Ingram está conversando com Chantelle agora, e ele ficou sabendo da ligação entre Lillian, você, Chantelle e Kayla, e está ainda mais determinado a descobrir como Romero saiu da prisão.

— O que mais me dói — Shelby disse — é saber que Phillip está ferido por minha culpa.

— Não foi culpa sua — Kayla corrigiu. — Foi de Romero.

— É verdade — Gage disse enfaticamente. — Ele ama você e não ia deixar de defendê-la.

Lágrimas correram pelo rosto de Shelby.

— Ele me ama mesmo.

— Sim, ama. — Kayla limpou as lágrimas do rosto de Shelby com um lenço de papel.

— Fui tão idiota. — Sua voz falhou na última palavra.

— Não, você foi uma vítima — Kayla disse. Shelby deu um sorriso fraco.

— Gage, diga a ele que o amo, por favor.

— Vou dizer. Agora mesmo, antes de irmos embora.

— Vamos embora? — Kayla perguntou.

— Estamos acordados faz mais de 24 horas. Apesar de estar acostumado por causa dos plantões, estou realmente sentindo necessidade de dormir. Você também precisa dormir. Vamos descansar no meu apartamento, que é mais perto.

— Sim — Shelby concordou. — Você precisa dormir, Kayla. Obrigada por ficar aqui a noite inteira, mas tem um policial guardando a porta. Vou ficar bem aqui.

Gage fez que sim com a cabeça.

— Vai ficar bem, sim, e Phillip também. Ele está preocupado com você.

Shelby observou Gage sair.

— Ele gosta de você do mesmo jeito que Phillip gosta de mim. Eu vejo nos olhos dele.

— Eu sei — Kayla disse.

— Onde você acha que ele está agora? — Shelby sussurrou.

— Quem?

— Wayne Romero. Sabe...

— O quê? — Kayla perguntou.

— Você o viu quando ele a perseguiu? Viu seu rosto?

— Não. Ele estava usando um capuz.

— Ele também estava de capuz ontem, e de carro, mas quando eu o vi de relance...

— Ela franziu o cenho. — Ele parecia diferente.

— Como assim, diferente? — Kayla também sentiu que havia algo diferente nele.

Shelby balançou a cabeça e franziu o cenho.

— Não sei bem. Talvez ele parecesse maior, sei lá, mais alto. Mas ele estava de carro. Podia ser o jeito que ele estava sentado. Não sei, mas algo parecia estranho.

— Sei o que quer dizer. Eu senti a mesma coisa, mas talvez fosse por estarmos com muito medo.

— Talvez — Shelby disse. — Eu só queria... — engoliu em seco — queria ter tido oportunidade de ajudar Lillian.

— Eu também.

Gage entrou no quarto.

— Podemos ir agora — ele disse. — Precisamos dormir um pouco para nos concentrarmos em encontrar Romero.

GAGE PEGOU a chave e abriu a porta de seu apartamento.

Kayla entrou. A decoração era discreta, clássica e inegavelmente masculina com suas mesas de madeira escura e móveis de couro cor de caramelo.

Gage segurou-lhe a mão e a levou da sala para o quarto.

— Precisamos dormir.

Ela o acompanhou até a cama king-size.

— Eu quero fazer amor primeiro.

— Eu esperava que você dissesse isso. — Gage sorriu.

Kayla seguiu o exemplo dele, que tirou a camisa, e passou as mãos em seu peito firme enquanto Gage a levantava nos braços e a punha sobre a cama. Em segundos, ambos estavam nus. Ele começou a brincar com os seios dela, mas Kayla arqueou as

costas, encostando seu âmago quente contra sua ereção. Ele estava duro e... perfeito.

— Preciso de você. — Ela não queria muitas preliminares desta vez.

Ele pegou um preservativo da mesinha de cabeceira, envolveu seu membro com ele e se colocou entre as pernas dela.

Kayla gemeu de tão pronta que estava.

— Por favor. — Gage beijou-a suavemente, descendo com a mão por sua cintura até chegar ao clitóris.

Ela interrompeu o beijo e olhou bem dentro daqueles incríveis olhos azuis.

— Não posso esperar — ela disse, sabendo que ele estava tentando levá-la ao orgasmo antes de penetrá-la, ou quem sabe ao penetrá-la, mas ele não se deu conta de que ela só precisava dele bem dentro de si. Então ela envolveu-lhe o corpo com as pernas e o fez entrar, acolhendo aquela sensação deliciosa. Era uma fricção maravilhosa, deslumbrante, atordoante. E mais impressionante ainda por se tratar de Gage.

Ele reivindicou sua boca com esfomeada urgência enquanto seus quadris acompanhavam as investidas de Kayla, cavalgando com força, exatamente do jeito que ela queria, até seu mundo sair de controle e ela gritar ao chegar ao ápice, soltando-se totalmente. Mais dois impulsos e Gage grunhiu, chegando ao clímax também, deixando seu corpo grande e musculoso cair sobre o dela, e Kayla pensou que desmaiaria com aquele peso sobre si e aquele desejo tamanho.

Ela gemeu baixinho, e ele rolou para o lado, trazendo-a consigo. Quando ela estremeceu, ele pegou o edredom do outro lado da cama e cobriu os corpos dos dois, e então fechou os olhos.

Kayla aproximou mais as coxas das dele e sorriu triunfante. Ela ia dormir bem ao lado de Gage Vicknair. Muito, muito bem. Então ela olhou para a luminária que brilhava, iluminando o quarto inteiro. Ela suspirou e desligou o abajur. As cortinas grossas cobriam a janela, bloqueando o sol matinal, e a escuridão envolveu o quarto, mas ela não permitiu que isso controlasse seus pensamentos. Tranquila por saber que Gage estava lá, ela fechou os olhos.

O TOQUE DO celular acordou-o de supetão. Gage beijou-lhe o alto da cabeça e se deu conta, com súbita clareza, o que havia de tão diferente em relação à outra vez em que acordara ao lado de Kayla. O quarto estava escuro. E ela estava dormindo tranquilamente.

Ele beijou-a outra vez e puxou-a para perto. Graças a Deus. Ela estava realmente se curando.

Seu celular parou momentaneamente, esperou um pouco e começou a tocar de

novo. Alguém precisava dele para já. Lamentavelmente, ele teve de se afastar do calor do corpo de Kayla para pegar o aparelho. Apertou um botão para iluminar a tela e viu quem estava ligando. Não conhecia o número e não sabia se era coisa boa ou não.

— Alô?

— É o Dr. Vicknair? Gage Vicknair? — perguntou o homem do outro lado da linha enquanto Gage olhava para o relógio na cabeceira da cama. Eram quase quatro da tarde. Eles dormiram o dia inteiro, o que não o surpreendia, já que passaram a noite inteira acordados, mas isso significava que a terça-feira estava praticamente acabada e que ele tinha mais dois dias para ajudar Lillian a fazer a passagem... e para salvar Kayla de Romero.

— Dr. Vicknair? — repetiu a voz.

— Sim — Gage disse, e Kayla se mexeu ao seu lado. Ele saiu da cama e foi conversar na sala. — Em que posso ajudar?

— Aqui é o detetive Ingram do Departamento de Polícia de Nova Orleans. — Eles haviam conversado muito no hospital, portanto o fato de ele estar se identificando com tanta formalidade colocou Gage em alerta instantâneo. Ingram prometera encontrar alguma informação sobre Romero antes do dia terminar. Evidentemente, esse detetive era de cumprir a palavra.

— Sim, detetive. Tem alguma novidade?

— Tenho, mas, bem, não vai ser fácil de dizer, Sr. Vicknair. — Ele fez uma pausa. — Já falei com Chantelle Bedeau, e ela me pediu para lhe telefonar e informar o que descobrimos. Tenho certeza de que não é o que está esperando.

A porta do quarto se abriu e Kayla se aproximou com olhos inchados de dormir e a camiseta emprestada de Gage.

— Quem é? — ela perguntou, sonolenta.

— A polícia — ele sussurrou com a mão no fone. Ela ficou visivelmente pálida e então se aproximou de Gage.

— Ao que parece, Wayne Romero foi transferido para uma penitenciária na Flórida um ano atrás. Infelizmente, suas vítimas não foram avisadas de sua transferência. Às vezes acontece — Ingram explicou.

Então ele está na Flórida — Gage repetiu. Kayla franziu a sobrancelha.

— Ele estava — o detetive disse. — Até um mês atrás.

— O que aconteceu um mês atrás? — Gage perguntou. — Ele fugiu ou foi solto?

— Nem uma coisa nem outra — Ingram soou solene. — Tenho que lhe dizer que não sei explicar quem assassinou Lillian Bedeau e nem quem atacou Phillip e Shelby Montana. Mas não foi Wayne Romero.

— Como assim, não foi Romero? Como sabe?

— Porque Romero foi assassinado quatro semanas atrás na prisão. Parece que os companheiros de cela na penitenciária da Flórida não gostavam muito de ficar perto de um pedófilo. A maioria dos presidiários não gosta.

Romero? Morto?

— Tem certeza de que era ele? Quer dizer, não podia ser outro presidiário e Romero escapou ao mesmo tempo? — Soava meio forçado até mesmo para Gage, mas se Romero estava morto, então quem diabos estava atrás de Kayla e das outras?

— Acredite em mim, eu considereei essa possibilidade na penitenciária antes de lhe telefonar, mas o próprio carcereiro viu o corpo. Era Romero. Sinto muito, Dr. Vicknair, mas não foi Wayne Romero quem atacou suas amigas.

Gage olhou para Kayla. O que fariam agora?

— O senhor vai manter os policiais de guarda nos quartos de Shelby e Phillip Montana no hospital?

— Claro. Alguém está atrás deles e parece que a ligação que essas mulheres tinham com Wayne Romero tem alguma coisa a ver com isso. Até descobrirmos quem está atrás de quem, ficaremos de olho neles.

— Obrigado.

— Se eu puder ajudar de alguma forma, me procure. E qualquer informação nova eu o ponho a par. — O detetive então desligou.

— O que é? — Kayla perguntou, com os olhos castanhos arregalados e ansiosa para ouvir o que o detetive disse.

— Romero foi transferido para a Flórida.

— E?

— E ele morreu um mês atrás, assassinado por companheiros de cela na prisão.

— Não pode ser. — Ela balançou a cabeça. — Eu vi seus olhos. Naquele dia, quando ele estava de capuz. Eu reconheceria aqueles olhos em qualquer lugar. Cinzentos, frios, cruéis. Era ele. — Ela fez uma pausa. — Mas...

— Mas o quê?

— Algo parecia errado. Shelby e eu conversamos sobre isso no hospital. Ele parecia maior, ou talvez mais jovem. Achamos que, por estarmos com medo, tudo devia estar parecendo mais fora de proporção, mas talvez...

Talvez fosse outra pessoa. — Gage suspirou. — Bem, não é questão de talvez, já que Romero morreu quatro semanas atrás. Foi quando tudo começou.

Gage trouxe Kayla para perto de si e tomou-a em seus braços.

— Tem de haver uma explicação — ele disse. — Nós simplesmente temos de descobri-la. Mas temos de descobrir logo.

Kayla se afastou dele.

— Dona Rosa! Quando eu estava conversando com Shelby, ela sugeriu que fôssemos ao Orfanato Sete Irmãs falar com ela, ver se ela sabe de algo que possa nos ajudar a encontrar Romero. Ou seja lá quem esteja nos perseguindo.

— Você se lembra do caminho para o orfanato? — ele perguntou.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Vou lá todo Natal, não ao orfanato em si, mas à casa de dona Rosa, sempre com Chantelle, Shelby e Lillian. — Ela engoliu em seco. — Neste Natal não vai ser a mesma coisa sem Lillian. — Sua boca tremeu. — Eu nem sequer telefonei para contar a Rosa o que aconteceu com Lillian. Eu devia ter ligado.

— Pode dizer hoje. Vamos vê-la agora — Gage disse, apertando-a mais em seus braços. — Onde ela mora?

— Em Chalmette, ao lado do terreno onde fica o Orfanato Sete Irmãs.

— ESTÁ VENDENDO aquele carvalho enorme? Gage fez que sim com a cabeça.

— Vire ali. A casa dela fica no fim daquela estrada de terra.

Realmente a casinha de tábuas brancas de dona Rosa continuava onde sempre estivera, com seu telhado prateado absorvendo o sol da tarde e fazendo Kayla franzir os olhos.

— Veja, lá está ela — Kayla disse ao vê-la se balançando na cadeira da varanda, com suas agulhas de tricô ocasionalmente refletindo a luz do sol.

Gage estacionou e Kayla saiu imediatamente do veículo.

— Dona Rosa!

O rosto escuro da mulher se abriu em um sorriso e ela soltou as agulhas de tricô em um cesto a seus pés. Ela usava um vestido azul-claro com botões e meias quase até os joelhos. Seus cabelos ficaram mais grisalhos com o passar dos anos. Ela abriu os braços à espera do abraço de Kayla.

— Makayla — Rosa sussurrou com ternura, beijando-lhe o rosto. — Estava mesmo esperando por você, chère. — Ela deu um tapinha nas costas de Kayla e apertou-a gentilmente para depois soltá-la e levantar as sobrancelhas grisalhas para Gage. — E você, quem é?

— Gage Vicknair. — Ele estendeu a mão e se surpreendeu quando dona Rosa a beijou.

— Obrigada por trazê-la — ela disse com ternura. Kayla se agachou ao lado da cadeira da idosa. Ela sabia que não tinham tempo a perder e dona Rosa dissera algo estranho quando chegaram.

Por que a senhora disse que já estava esperando por mim?

Rosa levou a mão trêmula ao rosto de Kayla e gentilmente colocou uma mecha de

cabelo para detrás da orelha direita.

— As rosas, querida. Eu as vejo até mesmo daqui — ela disse, pegando o rumo do orfanato. — Aquelas rosas me disseram que você e as outras garotas iam precisar da minha ajuda. Eu creio nos sinais, chère, e aquelas rosas... que estão florescendo justo agora que nada mais brota por causa do temporal, elas me disseram que vocês estavam vindo. E uma de vocês veio.

— Ela fez uma pausa e segurou as mãos de Kayla.

— E as outras, chère? Como estão as outras? Kayla contou-lhe, em lágrimas, do assassino que as perseguia, sobre a morte de Lillian, sobre os tiros em Shelby e contou também que Gage resgatara Chantelle antes que o assassino a encontrasse também. E disse, até hoje de manhã, achar que o assassino fosse Romero.

— O que mudou hoje de manhã, chère? — Rosa perguntou.

— Nós ficamos sabendo que ele morreu na prisão um mês atrás. Não podia ser ele, mas eu sei que o vi.

— E sabe como?

— Pelos olhos dele. Eu vi seus olhos, e tinha tanta certeza...

Rosa franziu o cenho, balançou a cabeça.

— Mas ele morreu? A polícia tem certeza? Kayla fez que sim com a cabeça.

— Nós tínhamos esperança de que a senhora pudesse ter uma idéia de alguma outra pessoa, outro homem que soubesse do que aconteceu com Romero e talvez também quisesse se vingar das garotas por mandá-lo para a prisão — Gage disse.

Rosa balançou a cabeça.

— Sinto muito. Eu... eu não conheço mais homem nenhum. Wayne Romero era o único homem que trabalhou aqui. Ele se ofereceu para cuidar do jardim como voluntário. Nós não devíamos ter confiado nele. Nós só queríamos ajudar as crianças. Era o sonho da minha mãe.

— Não foi culpa sua — Kayla consolou-a. — A senhora não se lembra de ninguém, de alguém que ele conhecesse, um amigo, ou um irmão, alguém que se dispusesse a pôr em prática a ameaça que ele fez de matar as garotas que o mandaram para a prisão? — Gage perguntou.

— Não. Ele não tem irmãos nem amigos que eu saiba — Rosa disse. — Talvez... talvez alguém que ele tenha conhecido na prisão?

Gage franziu o cenho, evidentemente decepcionado. Ele tirou um cartão do bolso e entregou a ela.

— Vamos chamar a polícia para conferir isso — ele disse. — É uma possibilidade.

— Se eu souber de algo, ligarei — Rosa prometeu. — Sinto muito mesmo não ter ajudado.

— Tudo bem. — Kayla abraçou-a. — Foi bom revê-la.

— Por favor, venha mais vezes, querida. Sinto saudades. E traga Chantelle e Shelby também, Makayla.

— Trarei. — Ela não corrigiu dona Rosa por chamá-la por seu nome completo. Makayla era a garota que ela conhecera, afinal de contas, então, tudo bem.

Kayla beijou o rosto de Rosa e virou-se para ir embora, mas parou quando a mulher voltou a falar:

— Minha mãe herdou essa terra do meu avô e queria que o lugar fosse usado para o bem. Eu sei que ela sofreu ao descobrir o que ele fez com vocês. Ela queria que este lugar oferecesse ajuda às crianças, não sofrimento.

— Sabe, o que aconteceu naquela época não significa que esse lugar não possa ser usado outra vez para ajudar crianças. Quer dizer, daria muito trabalho — ela disse, engolindo a emoção de suas palavras.

Rosa e sua mãe tentaram muito dar o que as crianças precisavam, dar-lhes segurança. Não era certo Romero destruir aquele sonho. Rosa deu um sorriso suave. — Estou velha demais para começar a consertar esse lugar, chère, mas nunca se sabe. Talvez algo aconteça com esse lugar outra vez, algum dia. Talvez algo bom.

Kayla beijou-lhe o rosto outra vez.

— Talvez sim. — Eles deixaram a doce mulher na varanda e foram para o jipe, onde Gage pegou seu celular e começou a discar.

— Detetive Ingram, por favor — Gage disse ao telefone enquanto Kayla entrava no veículo acenando para Rosa.

Kayla ficou olhando para os edifícios passando enquanto seguiam pela estrada. Dona Rosa tinha razão, o orfanato deveria ser usado para algo de bom.

Gage terminou de falar com o detetive e desligou.

— Alguma novidade? — Kayla perguntou.

— Não. Droga!

— Ela tem razão — ela disse. — Se a casa pudesse ser usada para algo de bom... O celular de Gage começou a chamar de novo antes que ela pudesse completar.

— Espere — ele disse. — Alô?

Kayla notou que a expressão dele mudou. Ele apertou o celular contra a orelha, como se estivesse sussurrando do outro lado. Certamente não era o detetive.

— Tudo bem — disse. — Vou perguntar a ela. — Ele olhou para Kayla. — É Rosa, e ela pergunta se você se lembra de uma pessoa. — Gage virou na rua seguinte e estacionou o jipe.

— Quem? — Kayla perguntou.

— Aidan Dominic — Gage disse. — Dona Rosa disse que ele aparecia muito no

verão e que ele era...

Por que Kayla não pensou nisso antes?

— Filho de Romero — Kayla disse, e se lembrou de que ele fazia as meninas se sentirem desconfortáveis quando aparecia. Não era nenhum garoto, tinha seus vinte e poucos anos quando ela estava no orfanato, mas ele não agia como adulto. Ela quase se esquecera dele, pois Aidan estava lá apenas três meses por ano e era muito quieto. Kayla nem tinha certeza se lembrava de ouvi-lo falar. Mas havia algo nele...

Ele era o assassino. Fazia sentido, e Kayla ficou doente com aquilo. Aidan Romero havia assassinado Lillian e queria fazer a mesma coisa com Chantelle, Shelby... e Kayla.

— Ela está perguntando se você acha que pode ser Aidan. — Gage ainda estava com o fone na orelha. Kayla tentou controlar o fluxo de emoções que no momento lhe davam calafrios.

— Se Aidan nos culpa pela morte do pai na prisão, então... — Ela fez que sim com a cabeça. — Sim, pode ser ele, e faria sentido, aqueles olhos. Ele tinha os olhos do pai.

— Rosa, sabe onde Aidan está agora? — Ele balançou a cabeça para Kayla. — Não, tudo bem. Talvez a polícia possa achar um endereço para nós. Tenho de desligar para ligar para o detetive e contar isso, Rosa. Nós realmente agradecemos sua ajuda. — Gage desligou e começou a discar outra vez.

— Ela disse que não vê Aidan desde o julgamento. Diga-me do que se lembra dele enquanto eu falo com Ingram.

— Ele passou os anos de estudo com a mãe. Ele estava em algum tipo de instituição para adultos ameaçados. Aidan tinha dificuldade em lidar com as pessoas, pelo que me lembro. Ele aparecia no orfanato no verão. Eu nunca sequer falei com ele, mas me lembro de como me sentia desconfortável perto dele. Achava que era por ele ser filho de Romero, mas talvez houvesse algo mais.

— Bem, parece que ele não a esqueceu, nem se esqueceu das outras.

Gage levantou o dedo indicando que alguém havia atendido.

— Ingram? Sim, é Gage Vicknair.

Depois de desligar o telefone, Gage se voltou para Kayla.

— Ele vai procurar o último endereço conhecido de Aidan Romero e nos retornar — ele disse. — Você está bem? — Não — ela respondeu com sinceridade. — E só vou ficar bem depois que ele for detido.

O telefone tocou, e desta vez era Chantelle querendo falar com Kayla, que transmitiu a ela as informações sobre a morte de Romero, a visita a dona Rosa e sobre Aidan.

— Jenee hoje foi ao abrigo onde você estava — Chantelle disse. — Quando ela estava lá ficou sabendo que um sujeito andou ligando para perguntar sobre você, onde

você estava, quando voltava.

— Você acha que era Aidan? — Kayla perguntou.

— Eu achava que fosse o pai dele, mas, como está morto, só pode ser Aidan. Bem, eu disse a eles para não dar nenhuma informação, mas então pensei... e se ele ligasse de novo e dessem meu endereço, dizendo que estou ficando na casa de um amigo?

Kayla estava confusa.

— Com certeza ele sabe onde você mora, Chantelle. Ele só não a alcançou porque você está na fazenda.

Eu sei, mas se Jeneé ou alguém atender o tele-tone do abrigo, pode dizer a ele que eu apareci e levei você para a fazenda, então ele saberá que voltei. Então Posso ir até lá e servir de isca. Mas com a polícia de espreita para prendê-lo.

Deixe ver o que Gage acha.

Kayla virou-se para Gage, que estava impaciente para descobrir o que estava acontecendo.

— E então? — ele perguntou.

— Chantelle acha Aidan andou ligando para o abrigo onde Jeneé trabalha perguntando por mim. — Ela explicou a idéia de Chantelle.

— Nem pensar — Gage disse. — Pelo menos o plano inteiro. Mas parte dele...

— Que parte?

— A parte na qual lhe damos o endereço de Chantelle e deixamos alguém esperando por ele. Mas esse alguém não será Chantelle, nem nenhuma de vocês.

— Quem vai ser?

— Lillian.

CAPÍTULO DOZE

Gage estava reunindo na fazenda com Tristan, Nanette, Kayla e Chantelle, e acabara de expor o plano que ele e o primo desenvolveram para pegar Aidan Romero. A idéia era esperar escurecer e levar o carro de Chantelle para seu endereço. Ele e Lillian ficariam esperando dentro de casa por Aidan Romero, mas Lillian ia ligar para a emergência e Gage usaria sua arma, se necessário.

Kayla não gostou do plano, mas não disse nada. Chantelle, contudo, era mais dada a manifestar sua opinião claramente.

— Isso nunca vai dar certo — ela disse sem rodeios.

— Por que não vai dar certo? — Jeneé perguntou.

— Número um — ela levantou o dedo indicador —, Gage é homem e bem maior que

eu. Não há chance de Romero achar que eu cresci tanto assim. Além do mais, tem isso aqui. — Ela apontou seus cabelos.

Até onde sei, ele ainda não a viu. Você podia ter cortado o cabelo. E, de qualquer forma, estarei no escuro e usando roupas pretas. Além do mais está chovendo e deve continuar chovendo firme até amanhã, de modo que estarei debaixo de um guarda-chuva.

—Número dois—Chantelle levantou outro dedo —, minha casa não é tão escura assim. Escolhi aquele imóvel específico por causa das luzes sobre o jardim. — Ela olhou para o relógio do micro-ondas. — Eles vão chegar dentro de meia hora, bem antes de você conseguir chegar à minha casa, mesmo se saísse agora. E, número três. Ele só ataca as pessoas que está perseguindo. Bem, exceto Phillip, mas só porque ele estava com Shelby. Em outras palavras, ele não vai entrar atacando no meu apartamento a não ser que tenha certeza de que sou eu quem está lá dentro. E, se eu não estiver, ele não vai aparecer. Por isso tenho de ser a isca. Ou, então, eu e Kayla.

— Eu quero ajudar — Kayla disse, sem a mesma convicção de Chantelle, mas percebeu pela expressão de Gage que a hipótese estava sendo considerada. Apesar disso, ela não estava esperando que Gage e Tristan entregassem os pontos tão fácil assim. — Ele assassinou Lillian, atirou em Shelby e tentou me estuprar — ela continuou. — E quero ajudar a fazê-lo pagar por tudo isso.

— Não há a menor chance de eu aceitar que vocês sirvam de isca para aquele louco — disse Tristan, e Gage concordou com um movimento de cabeça.

— Não vou colocar você em perigo, Kayla.

Parte dela estava totalmente tocada, mas, como Chantelle, parte dela realmente queria ajudar a tirar Aidan Romero de cena.

— E se for outra mulher? — Nanette perguntou.

— Alguém em quem ele não esteja interessado?

— Nem pense nisso — Gage avisou.

— Isso vai dar certo. Tem que dar. Além disso, a exigência que Lillian tem de cumprir para fazer a passagem é salvar Kayla, e, se ela não estiver envolvida com a captura do sujeito que a persegue, parece lógico que Lillian não fará a passagem.

— Lillian pode ir comigo. — Nanette viu que os olhos azuis de Gage ficaram gelados. — Ei, foi só uma idéia — ela disse, retomando sua postura autoritária.

Kayla então se deu conta de que não vira o mais novo dos primos.

— Cadê Dax?

— Fazendo serão — Nanette disse. — De novo. Claro que ele não fazia idéia de que tudo isso se daria esta noite, então se programou para trabalhar até mais tarde,

já que a inspeção da casa é amanhã.

— Eles deram um jeito? — Tristan perguntou.

— Sim, estamos prontos — ela disse. — Não se preocupe.

— Não estou preocupado. Já tem muita coisa acontecendo esta noite para eu ainda pensar na inspeção de amanhã. — Ele se virou para Gage. — Tem certeza de que não quer que eu vá também?

— Você está de sobreaviso em seu trabalho de bombeiro e a casa de Chantelle fica a mais de uma hora daqui. Você jamais voltaria a tempo de alcançar o Corpo de Bombeiros se houvesse um incêndio nessa área. Além disso, realmente acho que você e Nan deviam ficar aqui com Chantelle e Kayla. Eu os manterei informados.

— Ainda acho... — Chantelle começou a dizer, mas parou quando Gage levantou a mão e se voltou para o fogão, onde várias panelas fumegavam com picantes pratos cajuns. Lillian estava novamente cozinhando para relaxar.

— Manterei, sim. — Gage virou-se para Chantelle.

— Lillian não quer nem que você chegue perto daquela casa, e ela me pediu para dizer que nós dois vamos conseguir dar conta de Aidan Romero. Ela também disse que você precisa largar de ser teimosa — ele acrescentou com um leve sorriso.

— Ela não disse isso — Chantelle respondeu, mas viu que uma colher de madeira começou a se agitar no ar. Sua boca tremeu. — Lillian, por favor. Quero ir. Ele matou você e seu tempo para fazer a transição está quase acabando. Além disso... além disso... — Lágrimas correram soltas por seu rosto e Kayla rapidamente atravessou a cozinha para abraçá-la.

— Vai dar tudo certo — ela disse.

— Não vai, não. Nesse momento pelo menos Lillian ainda está desse lado, mas em breve ela vai partir de vez. — Sua voz falhou e um suspiro baixinho penetrou o súbito silêncio que se fez na cozinha.

— Lillian? — Chantelle perguntou, tirando a cabeça do ombro. Então ela sorriu entre lágrimas. — Dá para sentir que você está me abraçando, irmã — ela disse — Eu... vou sempre me lembrar de você. Juro. Eu amo você, Lillian.

Gage limpou a garganta, mas Chantelle balançou a cabeça.

— Não precisa me dizer o que ela disse. Eu já sei.

Kayla foi até Gage, que envolveu-lhe os ombros com um braço, trazendo-a para junto de si.

— Que horas você vai? — Um frisson de medo lhe percorreu a espinha. Por que ela sentia que se Gage fosse atrás de Chantelle esta noite, podia não voltar?

— Daqui a pouco — ele disse. — Está pronta, Lillian? — Chantelle fungou quando Lillian aparentemente terminou o abraço.

— Estamos para sair — Gage confirmou, e Kayla sentiu um nó no estômago. Ela espiou pela janela da cozinha. Estava escurecendo, mas nem perto de estar suficientemente escuro, apesar da chuva que não parava. — Você não precisa esperar um pouquinho mais?

— Com esse temporal levaremos o dobro do tempo para chegar lá, e sabe-se lá quando ele vai aparecer.

— Estou dizendo, ele vai saber que você é homem — Chantelle reiterou. — Ele não vai aparecer.

Gage levantou um guarda-chuva.

— Comprei hoje, especialmente para essa ocasião. Chantelle fez cara de cética, pegou o guarda-chuva dele, foi para um dos lados da cozinha e abriu. Era o maior guarda-chuva de golfe que Kayla já vira. Ela pos sobre a cabeça e o guarda-chuva a cobriu quase até a barriga, escondendo o rosto e a maior parte de seu corpo com facilidade.

— Viu? — Gage perguntou. Chantelle fechou o guarda-chuva.

— Tudo bem. Talvez... talvez funcione. Mas eu ainda acho que ele vai ficar furioso quando se der conta de que não sou eu. E é melhor você estar preparado. Eleja provou o quanto é perigoso.

— Eu estou pronto. — Ele levou a mão à arma enfiada na cintura. Então se voltou para Kayla. — Posso falar com você no corredor um minuto?

Ela fez que sim com a cabeça e saiu da cozinha atrás dele. Gage esperou a porta fechar e a puxou para si.

— Vamos encontrá-lo esta noite. Juro que, de um jeito ou de outro, vamos resolver isso hoje e você não vai mais precisar se preocupar.

— Não quero que você vá — ela disse. — Estou com um pressentimento terrível, não quero mesmo que você vá.

— Prometo que vou estar bem. Tem de ser assim, senão Lillian não teria recebido essa condição. E apesar de estar indo armado, não terei de usar a arma. Lillian vai ligar para 911 no minuto em que o vir se aproximando, e a delegacia de polícia fica a dois quarteirões. Eles vão chegar num piscar de olhos e enfiar Aidan Romero atrás das grades, que é o lugar dele.

— Se não vai usar a arma, por que está levando? — ela perguntou, sabendo que ele não levaria a arma se achasse que não haveria alguma possibilidade de ele ter de atirar. — E, não me leve a mal, mas... você sabe usá-la, não sabe?

Gage se abaixou e beijou-a com sua boca cálida e deliciosamente convidativa. Será que ele abriria mão dessa história toda se ela sugerisse ir para a cama?

— Eu sei usar todos os meus acessórios de macho... — ele disse, e deu uma

piscada. — Depois eu lhe mostro como uso outro acessório que tenho. Vou mostrar várias vezes.

— Jura?

— Com certeza. — Então fez uma cara séria. — Juro, Kayla, vou voltar são e salvo antes do fim da noite.

Ela não conseguiu falar nada, estava com a garganta presa e com medo de começar a soluçar, então apenas fez que sim com a cabeça.

Ele abriu a porta da cozinha, se despediu da família e foi embora da fazenda para pegar um matador... se o matador não o pegasse primeiro.

Kayla foi para a cozinha. Ao contrário de antes, quando o ambiente estava vivo e agitado com as conversas, agora parecia uma tumba. Tristan olhou pela janela da cozinha para a chuva torrencial. Chantelle fora para o fogão e Nanette estava à mesa com o lap-top aberto em frente a si e uma pilha de papéis para corrigir ao seu lado. Mas ela não estava olhando para a tela do computador, nem dera nota na primeira prova da pilha.

Kayla sentou em frente a Nan e, como as outras, nada disse. Só ficou pensando. Pensando no medo que Wayne Romero incutira nela e em suas amigas. Pensando em como ela amava Gage, como ele se tornara importante em sua vida. E o deixara sair para encarar um assassino... por causa dela.

— Por que nenhuma de vocês impediu que ele fosse? — ela sussurrou. — Por que eu não o impedi de ir? — Lágrimas caíram sobre a mesa.

Nan olhou para ela por sobre a tela do computador e franziu o cenho.

— Eu sei que parece que não nos importamos com o que ele está fazendo, mas isso está muito longe da verdade. Ele está fazendo o que tem de fazer, baseado no que os espectros disseram sobre sua tarefa, e não podemos detê-lo. É dever da nossa família ajudar os espíritos a passar para o outro lado. Reconheço que nunca tivemos uma tarefa que nos colocasse em perigo. E Tristan e eu resolvemos que era melhor sermos fortes. O que não quer dizer que gostamos de vê-lo encarar Romero sozinho. Mas agora temos de ser pacientes, esperar e rezar para tudo correr bem.

Tristan, que estava de costas para elas, olhando pela janela, concordou com um movimento de cabeça.

— Ainda não tenho certeza se não devíamos ter ido com ele.

— Você precisava ficar perto do Corpo de Bombeiros, pois está de sobreaviso — Chantelle lembrou-o.

— Eu podia ter arrumado outra pessoa para me substituir — ele disse —, mas não era isso que Gage queria. — Ele olhou para Nanette. — E se aquele sujeito chegar atirando? Gage atira bem em se tratando de canecas de lata e alvos, mas você acha

que ele pode mesmo atirar em uma pessoa?

— Não sei — Nan sussurrou quando ouviu o toque do celular de Gage sobre o balcão.

— Droga, ele esqueceu o telefone. — Tristan pegou o celular de Gage e abriu. — Alô? Não, é Tristan. O que houve, Jeneé? Ele esqueceu o celular. Sim, ele já está a caminho de lá.

As três mulheres na cozinha prestavam atenção em cada palavra, e Kayla se sentiu ainda pior. Gage estava sem seu celular. Será que ele contava que Lillian usasse o telefone fixo de Chantelle para ligar para a polícia? E se Romero cortasse os cabos telefônicos da casa dela? Era isso que os assassinos sempre faziam nos filmes.

— Droga — Tristan disse. — Bem, tudo bem, então. — Ele fez uma pausa. — Não. Com certeza não. Fique onde está. Nem chegue perto de lá, entendeu? Tenho certeza de que Gage vai nos telefonar quando tiver terminado... É... Também amo você. — Ele desligou e deu um suspiro pesado. — Jeneé acabou de receber um telefonema no abrigo de um sujeito perguntando por Kayla.

— Mas Romero ligou hoje mais cedo, certo? — Nanette perguntou. — Não foi isso que Jeneé nos disse? Que um sujeito ligara perguntando por Kayla?

E o que parece. — Tristan deu de ombros. — Quer dizer, algum cara ligou perguntando por ela, mas não foi Jeneé quem atendeu, de modo que ela não sabe se foi o mesmo cara. Em todo caso, esse sujeito também perguntou por Kayla e Jeneé deu o endereço de Chantelle.

— Talvez ele queira ter certeza se Kayla ainda estava comigo para saber quantas pessoas deve esperar ao chegar a minha casa — Chantelle conjecturou.

— Eu estava pensando a mesma coisa. — Nan fechou o laptop. — Deus do céu, esta será uma longa noite.

Kayla ficou de pé e balançou a cabeça.

— Bem, sinto muito. Não posso ficar aqui sentada esperando para ver o que vai acontecer. — Ela pegou um molho de chaves que estava perto da porta. — Essas chaves são suas, não são, Nanette?

Nan arregalou os olhos e olhou em pânico para Tristan.

— Não podemos deixá-la ir até lá, Kayla. Ele vai matar você.

— Pense — Kayla disse. — Lillian deve me salvar. A mim. A exigência para ela fazer a passagem não diz nada sobre pegar o homem que está me perseguindo. Acho que Gage não viu a coisa por esse prisma, pois... bem, ele não quis ver. Mas eu devo estar lá esta noite, e estarei.

— Se é assim, também vou. — Chantelle foi até a porta, mas Kayla levantou a mão.

— Não. Isso é comigo, e vou sozinha. — Antes que algum deles pudesse detê-la,

ela abriu a porta e saiu na chuva.

Gage estava sentado em um canto escuro da sala de estar de Chantelle. A televisão projetava uma luz azulada no ambiente. Ele não quisera acender as luzes, mas também não quisera que parecesse não haver ninguém na casa. Ele e Lillian haviam chegado cerca de uma hora atrás e não havia o menor sinal de que Aidan Romero estivesse por perto.

Ao chegarem, Gage vasculhou a casa inteira para ver se Aidan já não estava lá escondido. Na verdade não havia viva alma na rua.

— E então, o que você acha? — ele perguntou a Lillian.

Ela estava à janela, o corpo brilhando, de olho no jardim da frente e na rua.

— Só passou um carro desde que chegamos, e era o vizinho de porta. Ninguém quer vir a esse fim de mundo.

— Romero virá — Gage disse.

— É melhor que venha. Não pretendo ficar presa desse lado para sempre.

— Não acredito que esqueci meu celular — ele resmungou. Percebera seu esquecimento quando estavam atravessando a ponte entre LaPlace e Kenner, mas não quis voltar.

Tudo bem. Temos esse aqui, e estou pronta. — Ela segurou o telefone sem fio de Chantelle e sorriu. Aliás, caso ainda não tenha lhe dito, eu realmente agradeço por tudo que você fez pela segurança da minha irmã e das minhas amigas, e por estar me ajudando a fazer a passagem.

— Não há de quê — Gage mentiu por entre os dentes.

Lillian riu, evidentemente pensando a mesma coisa.

— É, tudo bem. De qualquer forma, eu também quero lhe agradecer por fazer Kayla sorrir outra vez.

Ele inflou o peito.

— Pretendo fazê-la sorrir por muito tempo.

— Eu bem que achei isso — ela disse. — Que bom, porque ela merece... — Parou de falar ao ver luzes fortes vindo pela janela atrás de si. — Alguém está chegando.

Gage segurou a arma. Ele realmente não queria usá-la. Basicamente, estava com ela para assustar Romero. Droga, jamais abatera um animal que fosse. Todavia, se Romero tentasse lhe tirar a vida, ele sabia muito bem como se defender. Caçar não era o tipo de coisa que gostava de fazer, mas era bom de pontaria.

— E então? — Gage perguntou ao ver que as luzes se apagaram e Lillian se aproximou da janela.

— Ah, não — ela sussurrou. — Achei que a estava sentindo, mas pensei que fosse por estar pensando nela.

— Quem? — Gage achava que já sabia. Não pode ser Kayla.

— É o carro de Nanette — Lillian disse. — Ela está saindo debaixo da chuva.

Nanette? Ela nunca...

— Não é Nan. É Kayla. — Ela deixou o telefone perto da janela e foi até a porta.

Naquele preciso momento a chuva mudou de direção e passou a bater com força contra a porta e a janela, provavelmente um aviso das forças superiores, Gage supôs. Um aviso para Kayla dar o fora de lá.

Ele deu um passo em direção à porta e ouviu Lillian outra vez.

— Espere! Algo está acontecendo. — Lillian saiu para debaixo da chuva, impedindo com sua figura brilhante que Gage visse Kayla, e gritou para ele: — Tudo bem, é só o vizinho de Chantelle. Ele devia estar esperando dentro do carro a chuva baixar para entrar. — Ela entrou no apartamento poucos passos antes de Kayla. — Tudo certo.

Mas Kayla não entrou. Em vez disso, ela foi para a outra casa.

Tarde demais, pensou Gage.

Uma figura sombria a agarrou e colocou-lhe uma faca na garganta, empurrando-a para entrar. O vizinho não havia voltado para casa, Gage agora se dava conta. Aidan Dominic Romero estava na porta ao lado, esperando dentro do carro...

AIDAN BATEU a porta ao entrar no apartamento de Chantelle, ambos pingando por causa da chuva. Kayla estava com os olhos arregalados de medo; os de Romero estavam arregalados de ódio.

— Não se mexa — ele ordenou a Gage. — Senão eu corto o lindo pescocinho dela aqui mesmo.

Gage fez que sim com a cabeça. Que inferno!

Aidan Romero parecia ter seus trinta e poucos anos apesar de que na penumbra era difícil saber direito. Tinha uma testa ampla, cabelos rareando e nariz chato e oleoso. Ele sorriu triunfante para Gage, que não conseguiu acreditar como as coisas haviam se revertido favoravelmente para aquele maluco. Por que Kayla tinha de vir?

— Agora solte essa droga de arma e empurre para cá — Aidan continuou. — Nada de armas esta noite. — Ele levou a boca à orelha de Kayla. — Você usou a faca em mim, não foi, Makayla? Pensei em lhe retribuir o favor. — Ele fuzilou Gage com os olhos. — Solte essa maldita arma!

Gage obedeceu. Que mais podia fazer? Um gesto errado e Kayla podia morrer. Naquele exato momento, Gage teve ódio de seu conhecimento médico, pois sabia exatamente o que aconteceria se Romero passasse aquela faca no pescoço dela.

Se ele cortasse a jugular, que recebia cerca de um litro de sangue por minuto — e com apenas cinco litros de sangue no corpo humano ela morreria. Se ele cortasse

mais fundo e atingisse a carótida, ela sangraria até a morte em questão de minutos. E se ele atingisse o meio do pescoço, a traqueia, ela morreria asfixiada. Em suma, Gage estava completamente nas mãos de Aidan Romero.

Então ele viu Lillian. Seu brilho fantasmagórico diminuía à chegada de Romero, mas agora ela brilhava com força. Ela saiu de perto da janela em direção à arma. Determinado a impedir Romero de perceber que na verdade havia quatro pessoas na casa de Chantelle, Gage ficou olhando fixo para Aidan e Kayla. Em sua mente, contudo, ele exortou Lillian.

Lillian.

— Ele é seu namorado, Makayla? — ele sibilou contra sua orelha.

— Seu maldito, não faça mal a ela.

— Ora, você parece bem valentão para um sujeito desarmado e vendo a namorada com uma faca no pescoço! E, para seu governo, eu vou fazer mal a ela, sim. Vou machucá-la para valer, e vou fazer você assistir. Makayla sabe como é, não sabe, Makayla? Ter alguém assistindo...

Kayla franziu as sobrancelhas e não falou nada, e ele então apertou a ponta da faca em sua pele, fazendo correr uma gotinha de sangue; um corte superficial por enquanto, mas ele estava mostrando a Kayla e Gage que ele tinha intenção de feri-la.

— Não é, Makayla? — ele repetiu.

— Eu... não sei do que você está falando — ela gaguejou.

Romero deu uma risada histérica.

— Não? Você não se deu conta do que estava acontecendo naquela época? Sério mesmo? Droga.

— O que estava acontecendo naquela época? — Gage perguntou enquanto Lillian se aproximava da pistola.

A arma, não! Gage mentalizou essas três palavras e Lillian pegasse a arma e assustasse Romero, ele ia cortar Kayla. Gage precisava fazer Lillian entender.

Ela deu outro passo e ficou bem perto da arma.

Não! Não. A arma, não.

Lillian parou.

— Não? — ela perguntou, e Gage agradeceu por ele ser o único que podia ouvir a voz dela.

Não.

— Quer realmente saber o que aconteceu? — Romero disse. — Por quê? Você gosta dessas coisas?

— Ele deu uma risada maligna e apalpou o seio direito dela. — Não se mexa, querida. Senão eu lhe corto outra vez em outras partes. — Então olhou para Gage.

— E logo vou me vingar. — Ele lambeu o rosto de Kayla. — Mas talvez possamos nos divertir um pouco primeiro, que nem nos velhos tempos. Só precisamos de uma venda. — Ao ver como Kayla estava chocada, ele riu de novo. — Ora, droga, você nem sabia de nada, não é? Papai me compensava o ano inteiro que passávamos longe um do outro me deixando fazer tudo o que eu queria, o verão inteiro. E você, Makayla, era parte do que eu queria. Você e as outras três. — Ele perscrutou o ambiente. — Cadê a linda Chantelle? Esperei muito tempo por ela também.

O telefone, Gage pensou. Lillian fez que sim com a cabeça e foi pegar o fone na cadeira. Se ele fizesse Romero ficar falando ela poderia ligar para 911.

— Por que agora? — Gage perguntou. — Por que você esperou todos esses anos e foi persegui-las agora?

— Papai ia sair. — Romero subitamente ficou com voz de adolescente. — E quando ele saísse, nós íamos nos vingar. Matar essas malditas uma por uma, juntos. Então aqueles bastardos o mataram e fiquei sozinho outra vez. Eu tinha de me vingar. Papai cuidava de mim, dava tudo o que eu queria. — Ele olhou para Kayla. — E eu dava o que você queria. No fundo, você gostava, papai dizia isso e tinha razão. Dava para ver. Vocês são vadias sujas, que nem minha mãe. — Sorriu. — Esta noite talvez eu lhe dê outro gostinho daquilo na frente do seu namorado antes de matar os dois. Papai ficaria feliz com isso.

Agora atrás de Romero, Lillian pegou o telefone. Kayla olhava para Gage, e ele tentou mostrar-lhe que estava olhando para Lillian, torcendo para ela entender. Ela fez um movimento sutil com os olhos para indicar que não se esquecera da presença do fantasma no quarto.

— Pegar a faca? — Lillian perguntou, olhando para Gage.

Ligue primeiro, ele respondeu em silêncio, rezando para o plano dar certo.

Lillian fez que sim com a cabeça, e Kayla ficou olhando fixo para Gage, evidentemente preparada para fazer qualquer coisa para ajudar a amiga a qualquer momento. Lillian apertou o botão do aparelho e mal se ouviu quando ela digitou os números por causa da chuva forte batendo na janela.

Romero virou a cabeça levemente, mas sua atenção só foi totalmente desviada quando a voz da telefonista d« 911 soou alta do outro lado da linha.

— Vamos, Chantelle — Nanette disse. — Vamos sair da chuva. — Ela a levou de volta para o carro.

Tristan esperou que estivessem a uma distância da qual não pudessem ouvir e perguntou:

— Gage, que diabo aconteceu aqui?

— Vou lhe contar tudo mais tarde. Agora eu só quero sair dessa chuva, chegar em

casa e ir para a cama. — Ele olhou para Kayla. — Se você não se importar.

— Nem um pouco. Acho perfeito.

Kayla estava à vontade ao lado de Gage na cozinha. Fazia quatro dias que Aidan Romero fora preso na casa de Chantelle e três dias que a inspeção na fazenda transcorreria na maior tranquilidade, sem nenhum problema, graças ao trabalho de Dax e Tristan no primeiro andar. Ela e Gage passaram a maior parte daqueles dois dias na cama. Naquela manhã, ele fora para o hospital e Kayla começara a fazer planos para o futuro.

Mal podia esperar para contar a Gage sobre o que decidira, e preparara um jantar de comemoração. Ouviu a porta do apartamento se abrir e soube que ele havia finalmente chegado em casa. Impressionante a falta que sentira dele, mas, se seus planos dessem certo, em breve teria com o que se ocupar o dia inteiro.

Ela acrescentou uma colher de chá de caldo de caranguejo à grossa mistura com queijo que estava no fogo e tossiu ao sentir a fumaça picante. Então, ao se virar, viu Gage. Ele deixou o pager e o crachá do hospital sobre a mesa de jantar e entrou na cozinha sorrindo.

— Muito bem, devo ficar preocupado com o fato de você tossir assim enquanto cozinha? Porque tem um restaurante italiano muito bom aqui perto chamado Mama Nez's, e eles servem uma berinjela recheada que é um espetáculo...

Ela bateu no peito dele com uma colher de madeira.

— Muito engraçado. Para seu governo, não foi só Lillian quem aprendeu a cozinhar. Dona Rosa ensinou uma coisinha ou outra para todas nós na cozinha.

Ela mexeu o queijo, pegou um pouquinho com a colher e deu na boca de Gage.

— Prove e me diga o que acha, mas cuidado, está apimentado.

— Eu amo pimenta — ele disse, sorrindo, e provou. — Hummm, me lembre de agradecer dona Rosa quando a encontrar de novo.

— Engraçado você tocar nesse assunto. — Ela devolveu o sorriso. — Digo, sobre encontrar dona Rosa.

— Ahã. — Ele pareceu surpreso com o rumo da conversa. — Pode me falar sobre isso?

Ela abaixou o fogo.

— Sobre o quê?

— Seu plano de ajudar dona Rosa a reabrir o orfanato como uma casa para ajudar crianças que sofreram abuso — ele disse sem pestanejar.

— Como sabe? Ele apontou o pager.

— Fico impressionado como minha prima mais nova arruma tempo para ficar me ligando enquanto estou no trabalho, principalmente quando fica muito animada com

alguma coisa.

— Jenee? — Kayla perguntou, rindo.

— Você achava mesmo que podia falar sobre o trabalho de seus sonhos para Jenee sem ela me contar nada? Ela me ligou o dia inteiro para falar dos planos que tinha para reformar o imóvel, angariar dinheiro dos médicos do hospital, mil coisas. E disse que você quer voltar a estudar e se formar assistente social para poder ajudar profissionalmente meninas que passaram pelo que você passou.

— Eu sempre quis voltar a estudar — Kayla admitiu. — Mas tinha medo.

— E não tem mais medo?

— Não, não tenho. Jenee ficou bem animada com a idéia, então estou ansiosa para terminar os estudos e aprender tudo que preciso para arrumar aquele lugar e transformá-lo nesse abrigo. Assim realizaremos o sonho de dona Rosa e conseguiremos extrair algo de bom do sacrifício de Lillian. Ela vai zelar pelo lugar e pelas garotas que lá estiverem. Sei que vai.

— Tenho certeza que sim — Gage disse. — E Jenee está mais que apenas animada. Ela está louca de alegria. — Ele a envolveu com os braços e beijou-a suavemente. — E eu também estou.

— E por quê?

— Porque se você pretende voltar a estudar e ajudar Jenee a reabrir aquele lugar, assumindo toda a responsabilidade, isso quer dizer que você pretende ficar em Nova Orleans por algum tempo.

— Você achou que eu ia embora? — Ela ficou surpresa.

— Eu sabia que você não tinha as melhores lembranças daqui e pensei, sim, que ia começar vida nova em outro lugar. Mas fico contente por você ficar.

— E por quê? — ela perguntou, esperando que Gage dissesse o que ela queria ouvir, ou seja, que queria que ela ficasse... com ele.

— Bem, não que eu não pudesse trabalhar em outro lugar, mas gosto do meu emprego no hospital. E tem a família, e os espíritos. Minhas tarefas são entregues na fazenda, de modo que preciso estar por perto.

— Engraçado. Eu pensei que estivéssemos falando de eu ficar por aqui, não você.

— Dá no mesmo — Gage disse tranquilamente.

— Diga outra vez. — Ela passou-lhe a mão nas costas. Estava entendendo o que ele queria dizer, mas queria que Gage dissesse de novo.

— Estou dizendo que você vai ficar comigo, Srta. Sparks, o tempo que quiser. — Ele enfiou a mão no bolso do jaleco de médico. — Isto é, se você quiser.

A boca de Kayla se abriu, mas não saiu nenhuma palavra quando Gage tirou do bolso uma pequena caixa aveludada.

— Abra.

Ela abriu e viu um diamante dos mais lindos em um anel estilo antigo.

— Ah, mas é incrível.

— Era da minha bisavó. — Ele levantou-lhe o queixo com o dedo para olhar nos olhos dela. — Kayla, case-se comigo.

Ela riu.

— Isso não soa exatamente como uma pergunta.

— Só precisa ser uma pergunta se você tiver intenção de recusar. — Ele lançou-lhe um olhar convencido.

— O senhor é bem confiante, hein, Sr. Vicknair? — ela brincou.

— Esperei muito tempo por você e sonhei com você antes mesmo de conhecê-la. Não quero mais ninguém, Kayla, e não quero passar mais nem um minuto sem você. Minha vida não tinha sentido antes, mas agora descobri o que estava procurando e vou correr atrás do que quero. Você. — Ele deu aquele adorável sorriso de canto de boca que mexia com ela por dentro. — E então, o que me diz?

— Sim — ela sussurrou e arfou quando ele a pegou no colo, rodou-a pela cozinha e beijou-a profundamente.

O corpo todo de Kayla derreteu contra o dele, e ela sabia que nunca na vida se sentira tão... bem.

— Que tal jantarmos mais cedo e, depois de sobremesa, irmos para a cama?

— Sabe — ela disse —, aquele molho pode ficar cozinhando mais um pouquinho em fogo baixo antes de eu acrescentar o camarão.

— Camarão? O que está fazendo?

— Fettuccini de camarão.

— Você pretende cozinhar assim todas as noites? — ele perguntou já cheio de esperança.

— Toda noite, não — ela admitiu —, mas quase. E espero que você me ajude. Na verdade, quero que me ajude esta noite.

— Com o quê?

Ela o puxou para o quarto.

— Com a entrada... Agora tire o jaleco, Dr. Vicknair.

— Com todo prazer.
